UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Telma Sara Queiroz Matos

**Os processos de reflexividade dos Psicólogos do Esporte e *Coaches*:
um estudo fenomenológico**

Ribeirão Preto – SP
2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Telma Sara Queiroz Matos

**Os processos de reflexividade dos Psicólogos do Esporte e *Coaches*:
um estudo fenomenológico**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Doutor(a) em Psicologia, obtido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira

Ribeirão Preto – SP
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Matos, Telma Sara Queiroz.

Os processos de reflexividade dos Psicólogos do Esporte e *Coaches*: um estudo fenomenológico, 2020.

126 p.

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação.

Orientador: Cristiano Roque Antunes Barreira.

1. Prática Reflexiva. 2. Psicologia do Esporte. 3. *Coaching*. 4. Fenomenologia.

Folha de aprovação

Nome: Matos, Telma Sara Queiroz

Título: Os processos de reflexividade dos Psicólogos do Esporte e *Coaches*: um estudo fenomenológico.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Doutor(a) em Psicologia, obtido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

Ao Vinicius, por não esgotar forças ao me apoiar e não me deixar esmorecer nos momentos de fragilidade...

Aos meus filhos, Maria Eduarda e João Octavio, que juntos, cada um a sua maneira, souberam compreender os momentos de ausência e de renúncia.

AGRADECIMENTO

Ao Vinicius, que se dedicou em me apoiar e me compreender durante a construção desse estudo, com carinho e amor incondicional.

Aos meus filhos, que sempre entenderam que para eu desbravar mais esse capítulo em minha trajetória acadêmica, eu precisava me ausentar e abrir mãos de momentos com eles.

Aos familiares e amigos queridos, por estarem presentes, mesmo à distância, demonstrando incentivo em cada gesto.

Aos amigos da UEMG, por entenderem que o cansaço às vezes me dominava, mas souberam me estimular sempre.

Ao meu orientador, Professor Cristiano, que se tornou uma pessoa singular em minha vida, me compreendendo e amparando com afeto toda a transição que vivi em todo esse processo. Externo ao Cris minha gratidão pela confiança e respeito.

A turma do Grupo de Estudo “Bonde do Cris”, que foram essenciais ao me auxiliar nas análises de minhas entrevistas. Em especial ao Rodrigo, Thábata e Achilles, meus eternos companheiros de luta.

Ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, e seus colaboradores, por conduzir os quatro anos de doutorado, de maneira responsável e presente.

A toda equipe do Hospital-Dia, pelo período em que estive na linha de frente do Projeto de Extensão Psicologia do Esporte e Saúde Mental: práticas corporais como intervenção terapêutica junto ao Grupo Comunitário do Hospital-Dia HC-RP.

Ao Grupo Comunitário de Saúde Mental, que representou um espaço de cuidado e de abertura de ser pessoa e profissional.

Enfim, a todos que de alguma forma estiveram envolvidos na sua elaboração, construção e realização desse estudo.

RESUMO

Matos, T. S. Q. (2020). *Os processos de reflexividade dos Psicólogos do Esporte e Coaches: um estudo fenomenológico* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.

A proposta investigativa desse estudo consiste em tematizar as práticas reflexivas ou processo de reflexividade de Psicólogos(as) do Esporte (PE), e *Coaches* que atuam no esporte. Para tanto, é fundamental o acesso a esses profissionais no próprio ato de narrarem e relatarem o modo como procedem e pensam a seu respeito. O objetivo do estudo pauta-se em identificar e compreender fenomenologicamente, por meio de relato de Psicólogos de Esporte e *Coaches* que atuam no esporte, como esses pensam ou refletem sobre suas práticas interventivas. O método de investigação escolhido foi a fenomenologia, com seu intuito de voltar às coisas mesmas, pois oferece os recursos necessários para tal mergulho junto à experiência reflexiva. A amostra intencional foi delineada por PE e *Coaches* em atividade em esporte de alto rendimento, que tenham ou estejam atuando em modalidades esportivas coletivas e/ou individuais. O acesso aos participantes realizou-se diretamente entre a pesquisadora e os(as) entrevistados(as), não havendo a necessidade de obter autorizações institucionais para o recrutamento desses. Esse contato ocorreu por via do cadastro de PE no Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Outra via de recrutamento relaciona-se aos PE associados à Associação Brasileira de Psicologia do Esporte. Os *Coaches* não estão elencados nas equipes multidisciplinares do COB. Para os *Coaches*, o acesso se deu por meio de indicações dos PE que conheciam ou já haviam trabalhado com esses profissionais. O convite para participação nas entrevistas aos participantes ocorreu pessoalmente ou por meio de emails, redes sociais, sites e telefones. As entrevistas ocorreram *in loco*, nos locais de trabalhos desses profissionais, assim como em outras localidades sugeridas pelos entrevistados. Realizaram-se nove entrevistas (cinco com PE e quatro com *Coaches*). Seguindo uma perspectiva qualitativa do tipo descritiva, de base fenomenológica, o acesso ao objeto desse estudo se dá por meio de entrevistas em profundidade e semiestruturadas, orientadas pela escuta suspensiva. As questões disparadoras foram formuladas com base no Procedimento Estruturado de Reflexão adaptado, instrumento proposto originalmente por Anderson et al (2004). Para análise das entrevistas, primeiramente foi feita uma síntese de cada relato, seguindo-se o *cruzamento intencional*, comparação entre os agrupamentos de relatos que explicita a estrutura intencional que os acomuna. Como resultados, percebeu-se que esses profissionais acessaram suas experiências reflexivas, pautadas no conhecimento na ação, na reflexão na ação ou na reflexão sobre a ação. Os apontamentos dos PE e *Coaches* trazem algumas similaridades no que se refere aos possuem modos de refletir sobre sua prática. No entanto, as experiências que eles fazem desses processos reflexivos é que podem tomar rumos distintos. Os(as) PE amparam-se na regulamentação da profissão e resguardam-se em seus apontamentos, trazendo suas experiências e reflexões sobre os processos vividos. Isso pode denotar um cuidado ético com o fazer profissional. Os(as) *Coaches* trazem em suas explanações um trabalho coerente, organizado e compatível com o método do *Coaching*. O respeito à experiência e ao modo particular de refletir sobre elas devem ser consideradas na sua unicidade. Problematicar os processos reflexivos desses profissionais constitui no indagar sobre sua própria atuação profissional, pois é nessa acepção de questionar as intervenções que reverbera o fazer profissional comprometido em ser ao mesmo tempo competente quanto aos objetivos pretendidos e ético com relação às pessoas envolvidas.

Palavras-chave: Prática Reflexiva. Psicologia do Esporte. *Coaching*. Fenomenologia.

ABSTRACT

Matos, T. S. Q. (2020). *The reflexivity processes of Sport Psychologists and Coaches: a phenomenological study* (Phd Thesis). Philosophy, Sciences and Letters School of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, Brazil.

The investigative proposal of this study consists of thematizing the reflexive practices or reflexivity process of Sport Psychologists (SP), and *Coaches* that act in the sport. To do so, it is fundamental to access these professionals in the very act of narrating and reporting the way they proceed and think about it. The objective of this study is to identify and understand phenomenologically, by means of reporting of Sport Psychologists and *Coaches* who work in the sport, how they think or reflect on their interventional practices. The research method chosen was phenomenology, with the intention of returning to the same things, as it provides the necessary resources for such a dive together with the reflective experience. The intentional sample was outlined by SP and *Coaches* in activity in high performance sports, which have or are working in collective and/or individual sports. The access to the participants took place directly between the researcher and the interviewees, with no need to obtain institutional commitments for their recruitment. This contact occurred through the SP registration with the Brazilian Olympic Committee (BOC). Another way of recruiting is related to SP associated with the Brazilian Association of Sport Psychology. The coaches are not listed in multidisciplinary teams of the BOC. For *Coaches*, the access was given through indications from SPs who knew or had already worked with these professionals. The invitation to participate in interviews with the participants occurred in person or through emails, social media, sites and phones. The interviews took place *in loco*, in the workplaces of these professionals, as well as in other locations suggested by the interviewees. Nine interviews were conducted (five with SP and four with *Coaches*). Following a descriptive qualitative perspective, based on a phenomenological basis, the access to the object of this study occurs through in-depth and semi-structured interviews, guided by suspensive listening. The triggering questions were formulated based on the basis of the adapted Structured Reflection Procedure, an instrument originally proposed by Anderson et al. (2004). For the analysis of the interviews, we performed an intentional crossing, equivalent to the so-called phenomenological reduction. As a result, it was noticed that these professionals have accessed their reflective experiences, guided by the knowledge into action, reflection on action or reflection on action. The notes of the SP and *Coaches* bring some similarities in terms of having ways of reflecting on their practice. However, their experiences of these reflective processes can take different directions. The SP support themselves by the regulation of the profession and are protected in their notes, bringing their experiences and reflections on the processes experienced. This may denote an ethical care with the professional doing. The *Coaches* bring in their explanations a coherent work, organized and compatible with the *Coaching* method. The *Coaches* bring in their explanations a coherent work, organized and compatible with the *Coaching* method. The respect for the experience and the particular way of reflecting on them must be considered in its uniqueness. To problematize the reflective processes of these professionals is to inquire about their own professional performance, as it is in this sense of questioning the interventions that reverberates the professional making committed to being both competent as to the intended objectives and ethical in relation to the people involved.

Keywords: Reflective Practice. Sport Psychology. *Coaching*. Phenomenology.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	12
1.1. Introdução.....	12
1.2. Objetivos.....	13
2. CORPUS METODOLÓGICO E O FUNDAMENTO FENOMENOLÓGICO	14
2.1. Contextualizando a Psicologia do Esporte	14
2.2. O <i>Coaching</i> no esporte	27
2.3. Psicologia do Esporte e <i>Coaching</i> : Uma discussão em torno dos processos de regulamentação da profissão	32
2.4. Conceito de prática reflexiva considerando diferentes perspectivas	36
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
3.1. Fundamentos metodológicos da investigação empírico-fenomenológica.....	44
3.2. Fenomenologia e o Processo Reflexivo.....	45
3.3. Entrevistas fenomenológicas	48
3.4. Redução <i>eidética</i>	52
3.5. Arqueologia Fenomenológica como método.....	56
4. OS PROCESSOS REFLEXIVOS E AS EXPERIÊNCIAS	57
4.1. Análise dos Relatos: descrição em síntese das experiências compartilhadas.....	58
4.1.1. Relato 1.....	58
4.1.2. Relato 2.....	62
4.1.3. Relato 3.....	66
4.1.4. Relato 4.....	68
4.1.5. Relato 5.....	72
4.1.6. Sobre o processo reflexivo entre Psicólogos do Esporte.....	77
4.1.7. Relato 6.....	79
4.1.8. Relato 7.....	83
4.1.9. Relato 8.....	86
4.1.10. Relato 9.....	90
4.1.11. Sobre o processo reflexivo entre Coaches.....	93

5. COMPÊNDIO DOS PROCESSOS DE REFLEXIVIDADE.....	95
6. REFLEXÕES SOBRE O QUE EMERGIU DOS PROCESSOS REFLEXIVOS	99
7. UMA FENOMENOLOGIA DOS PROCESSOS REFLEXIVOS PREVALENTES NAS PRÁTICAS INTERVENTIVAS DE PSICÓLOGOS DO ESPORTE E COACHES.....	101
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	123
ANEXO I – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	124
ANEXO II – Prática reflexiva	126

1. APRESENTAÇÃO

1.1. Introdução

Pontuando amplamente algumas das principais controvérsias no universo da Psicologia do Esporte, área definida por um tipo de produção de conhecimento científico e por sua aplicação prática, essa investigação elege uma abordagem e objetos inovadores, a fim de se infiltrar nos meandros das circularidades teórico práticas que engendram o fazer de profissionais amparados nos saberes da Psicologia do Esporte. Trata-se, como será circunscrito, de apreender e analisar fenomenologicamente a reflexividade de um conjunto composto por profissionais Psicólogos e profissionais de Educação Física que se designam como *Coaches*, o que nem a teoria nem a técnica por si seriam capazes de informar.

A atuação em Psicologia do Esporte vem sendo motivo de diversas discussões ao longo dos últimos anos, acirrando-se ainda mais por ocasião dos megaeventos esportivos, Copa do Mundo de Futebol de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016, que tiveram o Brasil como cenário. Esses eventos suscitam questões como, por exemplo, a condição psicológica para o desempenho dos atletas nativos em sua própria casa. A atuação da seleção brasileira masculina de futebol na Copa do Mundo de 2014, especialmente na semifinal jogada contra a Alemanha, foi e ainda é acompanhada de intensas polêmicas que trouxeram a Psicologia para o centro de debates midiáticos e popularizados.

Com efeito, já se vão anos consideráveis em que os modos de pensar e fazer Psicologia do Esporte, bem como questões relativas a quem cabe exercer papéis de atenção psicológica, são objetos de controvérsias acaloradas no meio especializado (Rubio, 2000; De Rose Jr., 2000). Em virtude daqueles acontecimentos e da maneira como tais controvérsias comparecem junto aos especialistas, emerge uma inquietação em torno dos paradigmas que orientam a compreensão da Psicologia do Esporte e, por sua vez, sua aplicação profissionalizada, seja por parte de psicólogos, seja por parte de não psicólogos que recorrem ao *Coaching*.

A presente proposta apresenta uma via alternativa para contribuir com o conhecimento prático e teórico em Psicologia do Esporte, evitando debates que eventualmente se tornam estéreis em torno da atuação desses profissionais. Por um lado, trata-se de escapar aos debates midiáticos que são demasiadamente afastados daquilo que a Psicologia do Esporte já produziu e faz, restando muitas vezes um terreno fantasioso e mistificador acerca daquilo que

a especialidade poderia fazer pelo desempenho dos atletas. Por outro lado, trata-se de um esforço científico para escapar às controvérsias do meio especializado que, embora recorram de lado a lado a argumentos relevantes, como a fundamentação teórica e os resultados de pesquisas tecnicamente amparadas em constructos mensuráveis, não deixam de ser suspeitas de servir a interesses corporativos ou de paradigmas psicológicos. Desse modo, nem o debate teórico nem os resultados obtidos pelas práticas profissionais serão o objeto dessa investigação, cuja amostra é composta por *Coaches* e Psicólogos que trabalham no meio esportivo, mas sim a *práxis* propriamente dita que será tematizada, acessando-se junto a esses profissionais os processos reflexivos que atravessam seus fazeres.

Nessa perspectiva, a presente proposta investigativa não visa apenas discorrer sobre uma atuação dirigida à reflexividade do Psicólogo do Esporte, mas também a como tal processo reflexivo é desenvolvido pelos não psicólogos que recorrem ao *Coaching*. Para tanto, é fundamental o acesso a esses sujeitos da prática em Psicologia e *Coaching* no próprio ato de narrarem e relatarem o modo como procedem e pensam a seu respeito. O método de investigação fenomenológico, com seu intuito de voltar às coisas mesmas, oferece os recursos necessários para tal mergulho junto à experiência reflexiva. Para isso, primeiramente, será cumprida uma aproximação introdutória à Psicologia do Esporte, assinalando também como se estabelece o trabalho dos *Coaches* no meio esportivo. Posteriormente serão apresentadas as razões para se investigar fenomenologicamente os processos de reflexividade e a prática desses dois profissionais atuantes com esporte, o que conduzirá aos Resultados da investigação, bem como à sua Discussão e Conclusão.

1.2. Objetivos

O objetivo dessa pesquisa é identificar e compreender fenomenologicamente, por meio de relato de Psicólogos de Esporte e de profissionais que recorrem ao *Coaching*, em sua vivência prática, como seriam os processos reflexivos que se dão em sua atuação, conforme apreendidos a partir de relatos de experiências.

2. CORPUS METODOLÓGICO E O FUNDAMENTO FENOMENOLÓGICO

2.1. Contextualizando a Psicologia do Esporte

De acordo com algumas definições clássicas de Psicologia do Esporte, essa, corresponde à disciplina que pesquisa as razões e os resultados dos fenômenos psíquicos que o ser humano apresenta antes, durante e após a prática do exercício ou do esporte, sejam eles de cunho recreativo, competitivo ou reabilitador (Gill, 1979). De fato, visto mais amplamente, a Psicologia do Esporte refere-se aos aspectos psicológicos, processos e consequências da regulação psicológica das atividades relacionadas ao esporte, de uma ou mais pessoas praticantes da mesma modalidade.

De maneira concisa essa definição contempla em si apreciações que fundamentam a Psicologia em um espaço peculiar como é o Esporte. Compreende-se, de um lado a Psicologia como o estudo do comportamento humano, lugar em que essa ocupa como matriz teórica entre várias correntes da Psicologia. No entanto o esporte por sua vez, se inscreve como o lócus de uma manifestação humana, que considera uma prática organizada, institucionalizada que pode ter a perspectiva do rendimento para a vitória (esporte), ou uma atividade de participação lúdica com o objetivo de acesso ao movimento (Rubio, 2004).

Nas palavras de Becker Júnior (2008, p. 27):

A Psicologia do Esporte e do Exercício é uma disciplina entre as Ciências do Movimento Humano e as Ciências do esporte. O profissional em atuação nesta área poderá gerar conhecimento específico através de investigação, utilizando abordagens interdisciplinares, ou seja, usando o conhecimento de outras ciências.

Weinberg e Gould (2017) ressaltam que a prática esportiva, em geral, está coligada à promoção do bem-estar psicológico. Embora um modelo esportivo possa ressaltar a competitividade, também se costuma enfatizar a importância do esporte praticado como lazer, ou ainda voltado para as questões da saúde, no intuito de fortalecer o esporte educativo, com foco no divertimento, e na busca da cooperação entre praticantes dos jogos. O esporte pode proporcionar aos esportistas seu autoconhecimento e novas relações de amizade, além de servir como fonte de saúde, dependendo da forma como é praticado.

Uma apreciação na literatura (Brustad, & Ritter-Taylor, 1997; Gill, 1986; Rúbio, 2004; Weinberg, & Gould, 1995) denota que os psicólogos do esporte estiveram preocupados e se debruçaram no entendimento de variáveis individuais e grupais que atuam nos contextos esportivos de forma geral. Assim como buscavam compreender aquilo que poderia suscitar

das situações de práticas regulares e sazonais de atividades físicas. Para ponderar sobre tais variações, esses profissionais têm observado um extenso número de questões que podem ser elencadas, como por exemplo, as diferenças individuais e os fatores sociais.

Atualmente, o esporte constitui-se como um artifício de interação social, como elemento auxiliar à política de saúde, assim como um meio de promoção do lazer. Pode ser compreendido como um fenômeno que consente aos indivíduos de qualquer classe social, raça e credo experienciar questões de igualdade e justiça social, questões de dignidade com ressonâncias psíquicas importantes (Barreira, 2016). Isso se dá à medida que cada vez mais se ampliam os números de instituições, governamentais ou não, preocupadas em colaborar de alguma forma, seja social, educativa, financeira, para a melhoria da qualidade de vida das crianças, jovens assim como de toda população geral (Rabelo, Peixoto, Nakano & Rubio, 2017).

Para ampliarmos essa compreensão do lugar ocupado atualmente pela Psicologia do Esporte, traçaremos em grandes linhas a construção de sua identidade. A Psicologia do Esporte é uma ciência e uma disciplina de aplicação que não pode mais ser avaliada como jovem e que aproximadamente ao longo das últimas cinco décadas, procurou desenvolver métodos e paradigmas para executar aproximações entre teoria e prática (Rubio, 2004). Nesse sentido, Rubio (2004) observa que, por um extenso período, de um lado, pesquisadores encontravam-se em seus laboratórios na busca por produzir pesquisa básica e, de outro, os clínicos próximos de atletas e técnicos no contexto da prática do treinamento e competição, desenvolvendo a aplicação. Esse distanciamento teve como resultado o desenvolvimento de produções específicas, seja no âmbito dos fenômenos esportivos individuais como coletivos. Esses estudos, se regidos dialogicamente, poderiam ter permitido o progresso da área, tanto no que se alude à produção do conhecimento interventivo como na inovação e organização de pesquisas. Nesse sentido, observa-se que parte dos estudiosos encontrava-se atuando em ambiente natural, enquanto outros estavam nos laboratórios de pesquisa sobre a área. Para Rubio (2004), o paralelismo sobrepôs a cooperação.

Essa dissidência ocorreu como um movimento histórico que teve início na década de 1960, resultando na criação de diferentes instituições que buscavam ser representativas da área e que pensavam sobre as questões teóricas e epistemológicas dos grupos envolvidos com a Psicologia do Esporte naquele momento. No ano de 1965 houve a organização da *International Society of Sport Psychology* (ISSP), conduzida pelo italiano Ferruccio Antonelli, primeira instituição internacional com o desígnio de reunir pessoas de todo o

mundo atraídas pela Psicologia do Esporte. O *International Journal of Sport Psychology* é a sua principal publicação e a sociedade conta com reuniões bienais com a finalidade de fomentar trabalhos na área, além de proporcionar a interação entre os pesquisadores. O objetivo principal dos componentes dessa sociedade era discutir, pesquisar e elaborar trabalhos relacionados à aplicação da Psicologia no contexto esportivo competitivo. Preocupados com o que julgavam ser um distanciamento da ISSP em relação à área acadêmica, outro grupo de pesquisadores cria em 1968 a *North American Society for the Psychology of Sport and Physical Activity* (NASPPSA), tendo como periódico o *Journal of Sport and Exercise Psychology*. Os membros dessa associação elegem como foco de pesquisa os aspectos do desenvolvimento, da aprendizagem motora e da Psicologia do Esporte, com estudos experimentais, produzidos em sua maioria dentro de laboratórios (Rubio, 2003).

Uma das grandes discussões que permeia a Psicologia do Esporte, segundo Schilling, (1992), e que seguiu instigando aproximações e distanciamentos entre os profissionais e pesquisadores da área, é o lugar que ela ocupava como uma subárea das Ciências do Esporte, posicionando-se frente aos aspectos psicológicos da atividade física e do esporte, ou como uma especialidade da Psicologia (Cratty, 1989), incorporando seus modelos teóricos e linhas de atuação (Rubio, 2004).

No ano de 1986, a Psicologia do Esporte foi reconhecida como especialidade (a de número 47) pela *American Psychological Association* (1999). Como uma especialidade da Psicologia, sua produção é direcionada ao esporte e à atividade física, na compreensão das teorias psicológicas e na aplicação dessas no âmbito esportivo. É válido mencionar que esse reconhecimento nos EUA ocorreu 90 anos após o primeiro trabalho investigativo publicado na área. Ou seja, após 21 anos da criação da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte (ISSP), posteriormente a um número considerável de trabalhos produzidos assim como da ampliação de profissionais que se especializaram por diversos meios. Isso fez com que houvesse inúmeras críticas dirigidas à Associação Americana de Psicologia (Rubio, 2004).

No ano de 1983, o Centro Olímpico Americano sugeriu três possibilidades de atuação para os profissionais da área: o clínico, o pesquisador e o educador. O clínico seria o profissional habilitado para atuar com atletas e/ou equipes esportivas, nos clubes e seleções, munidos de conhecimentos específicos, contemplando saberes em Psicologia e do Esporte, contando com especialização em Psicologia do Esporte, portanto, não bastava ter a graduação em Psicologia ou Educação Física. É válido mencionar que como uma característica norte americana, o profissional graduado em Educação Física pode especializar em PE e intervir na

área. Isso não condiz com a realidade brasileira, pois aqui a PE é uma área de atuação da Psicologia, e somente o Psicólogo pode exercer a área de Psicólogo do Esporte. Já o pesquisador, teria como objetivo pesquisar ou desenvolver um determinado conhecimento na Psicologia do Esporte sem que houvesse uma intervenção direta sobre o atleta ou equipe esportiva. O educador seria aquele que ministra a disciplina Psicologia do Esporte no meio acadêmico, podendo ser essa oferecida nos cursos de Psicologia ou nos cursos de Educação Física. Nos dois últimos casos não se exige especialização do profissional (Lesyk, 1998).

Na busca por entendermos esses apontamentos anteriores, é relevante mencionar que se Cratty (1989) e Shilling (1992) designaram a Psicologia do Esporte como área adjacente à Psicologia, Gill (1986) e Haag (1994) defendem-na como área unida ao campo das Ciências do Esporte. Nesse aspecto, Haag (1979; 1994) apresenta as Ciências do Esporte como um campo de conhecimento constituído por sete áreas de produção – medicina esportiva, biomecânica do esporte, Psicologia do esporte, pedagogia do esporte, sociologia do esporte, história do esporte, filosofia do esporte – tendo como condutor da discussão teórica a pesquisa comparativa. Por sua vez, as Ciências do Esporte conceberam um princípio de pesquisa científica, ensino e prática, em que seu conhecimento era organizado a partir de outras disciplinas, que têm como foco de trabalho e objetivo entender esse complexo fenômeno denominado esporte. Este fenômeno, por sua vez, possui variações, é plural e deve ser compreendido na sua multidimensionalidade (Rubio, 2004).

Para entender o fenômeno esportivo na sua complexidade, Feltz (1989) e Morgan (1989) sugerem que seria necessário incluir na Psicologia do Esporte informações de outras subdisciplinas das Ciências do Esporte. Nessa acepção, Gill (1986) recomenda que, sendo as Ciências do Esporte multidisciplinar, seria relevante a aproximação com as outras áreas do saber, no sentido de ampliar teorias, construtos e instrumentos de pesquisa que caminhem numa mesma direção.

Podemos elencar que no Brasil, na década de 1990, havia um reconhecimento do conceito Ciências do Esporte (Bracht, 1993; 1995; Tani, 1998). No entanto isso não denota uma consonância em termos do seu objeto de estudo ou sua epistemologia. Em outros países, porém, essa designação pode se alterar em Ciências do Esporte (Samulski, 2002; Weinberg & Gould, 1995; Williams & Straub, 1991) e Ciências do Esporte e da Atividade Física ou do Exercício (Dishman, 1982; Feltz, 1989; Gill, 1986). É importante trazer essa contextualização, mas não apenas em termos de uma diferença semântica, pois a implicação

dessa nomenclatura habita a demarcação da Educação Física como área de conhecimento (Betti, 1996; Lovisolo, 1996; Tani, 1998).

Na retomada desse debate é notável como há pouco consenso entre as considerações de esporte e Educação Física e seus desdobramentos na esfera do alto rendimento, das atividades de tempo livre e da reabilitação. No que condiz à área da Psicologia, essa discussão tem outros contornos e, embora tenha havido a oficialização da especialidade da Psicologia do Esporte pelo Conselho Federal de Psicologia, a área ainda está conquistando o seu lugar no Ensino dos cursos universitários, estando presente principalmente como disciplina optativa, o que denota um processo em andamento de formação e apropriação profissional da Psicologia do Esporte entre psicólogos. Esses apontamentos mobilizaram pesquisas e trabalhos, assim como relatos de experiência e a produção de dissertações e teses, sugerindo a ampliação de um debate crítico sobre a área (Rubio, 2004).

A compreensão do empenho aplicado para haver uma aproximação entre as disciplinas e teorias que compõem a Psicologia do Esporte, passa pela pontuação do percurso percorrido pela área até o estado em que ela se encontra hoje (Rubio, 2004). Nas palavras de Gill (1986), a Psicologia do Esporte pode ser analisada historicamente em três áreas especializadas, sendo elas: aprendizagem e controle motor; desenvolvimento motor e Psicologia do esporte. De alguma forma, essas três áreas refletiram, por um período de tempo, a separação dos estudos psicológicos em esporte e atividade física. É válido mencionar que no início dos anos de 1970, ocorreu um distanciamento entre elas, em decorrência dos interesses distintos, dos objetivos e métodos de estudos. Uma importante diferença que habitou essas áreas pairou, sobretudo, na relevância dada à dicotomia entre construção teórica e seus testes, e na aplicabilidade da teoria na prática. A divisão determinante veio quando um grupo se debruçou em torno das variáveis dependentes da performance (área motora) enquanto o outro grupo interessou-se pelas variáveis independentes que influenciam a performance (aspectos socioculturais) (Rubio, 2004).

Para essa autora, essas distinções possibilitaram afirmações de que a área de aprendizagem e controle motor aproximaram seus estudos da Psicologia, mencionando à cognição, percepção e Psicologia experimental da aprendizagem e comportamento. Os especialistas em aprendizagem e controle motor apresentam suas pesquisas relacionadas aos processos cognitivos e de percepção que contemplem aprendizagem e performance de movimentos habilidosos e processos cognitivos e neuropsicológicos pautados no controle do

movimento. O desenvolvimento motor aproxima-se aqui da Psicologia do desenvolvimento, fazendo um elo entre o esporte e a performance motora.

Esses recortes temporais confluem no sentido de demonstrar que, em cada uma das fases descritas, pesquisadores partiram de objetos de estudo da Psicologia na busca por produzir um conhecimento singular da Psicologia do Esporte (personalidade, motivação, traço, facilitação social, assertividade). A consequência desses empenhos culminou em teorias e métodos inacabados em virtude desses não contemplarem de modo integral o sujeito ou o fenômeno estudado, esquivando-se, pela própria concepção de ciência que os norteava, do tema da subjetividade e da pessoa, por exemplo. Isso levou, por exemplo, pesquisadores a desistirem da área de investigação ou mesmo do método empregado na busca por novos objetos e objetivos de pesquisa. Esse modelo histórico colaborou para que inúmeros programas de pesquisa tivessem dificuldades em sustentar suas produções científicas na área. Isso também pode ter dificultado o início das criações e ampliações de referenciais teóricos para a área, adiando o progresso e o crescimento da Psicologia do Esporte (Rubio, 2004).

No entanto, ao longo de um século de existência, pontua ainda Rubio (2004), a Psicologia do Esporte não deixa de contar com uma proporção apreciável de conhecimento produzido. A questão que paira entre psicólogos e estudiosos da área, todavia, mesmo se nem sempre colocada explicitamente, ainda representa um ponto de divergência na Psicologia do Esporte, sendo motivo de debates e desencontros quanto à sua apropriação e seu domínio. enfim: a Psicologia do Esporte é uma subárea das Ciências do Esporte ou é uma especialidade da Psicologia?

Certamente, do ponto de vista da profissão a resposta à questão está bastante solucionada, uma vez que já houve a legitimação da Psicologia do Esporte como área de atuação e como prática profissional e especialidade do saber psicológico, de acordo com a Resolução nº 02/01 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2001a, 10 mar.). Assim, a Psicologia do Esporte preocupa-se com aqueles que estão envolvidos com a prática da atividade física, independentemente da faixa etária, da modalidade esportiva ou dos objetivos no esporte, que podem estar voltados à iniciação esportiva, reabilitação, lazer e recreação ou ao esporte de alto rendimento. Por outro lado, pode-se considerar que o debate se atualize de outras maneiras. Vieira et al (2019), por exemplo, fazem um levantamento quantitativo da produção em Psicologia do Esporte junto aos Programas de Pós-Graduação, verificando que tanto grupos de pesquisa quanto suas publicações se concentram mais na área da Educação Física e Esporte do que em Programas de Psicologia, especificamente. Implícita ou

explicitamente, isso poderia denotar a subordinação da Psicologia do Esporte, sobretudo em termos de produção de conhecimento, às Ciências do Esporte.

Embora se prossiga alinhando esses elementos históricos da construção da identidade da Psicologia do Esporte, antecipa-se aqui uma advertência importante. Boa parte desses desencontros na área, mereceriam ser analisados por uma perspectiva sociológica, apontando os tensionamentos que, na academia como um todo, demarcaram as fronteiras entre áreas do conhecimento, criando campos de disputa pela legitimidade e propriedade de domínios científicos. Como é bem pontuado por Pierre Bordieu, esses domínios delineiam a “capacidade de falar e agir legitimamente, isto é, de maneira autorizada e com autoridade que são socialmente outorgadas a um agente determinado” (BOURDIEU, 2013, p.112).

Para Coelho (2017), a área científica constitui-se em um lugar de lutas simbólicas que se emancipou (relativamente) do espaço social. Ademais, organiza um sistema composto por afinidades objetivas entre pontos de vistas adquiridos em lutas anteriores. É, segundo esse autor, um campo de intensa competição entre os concorrentes por espaços, ou seja, um campo constituído por forças e por profundos conflitos, com o objetivo de manter ou modificar o mesmo. Sendo assim, o que se encontra em disputa, são os monopólios da autoridade científica.

Tal sociologia poderia aprofundar perdas e ganhos dessa dissidência e paralelismo da área. Não se pretende aqui fazer esse exercício analítico, tampouco, todavia, se desconsiderar a história na qual repousa o objeto da presente investigação. A perspectiva aqui adotada, no entanto, tem a originalidade de não lidar diretamente com o campo de disputa. Uma vez que o estabelecimento desse campo tem um histórico de dezenas de anos, cronologicamente a presente pesquisa se aplica ao que pode ser lido como uma de suas consequências formativa e prática. Essa consequência habita a aplicação de saberes psicológicos tanto entre Psicólogos do Esporte como entre profissionais de Educação Física que se pautam no método do *Coaching*.

De maneira singular, a caracterização da área foi sendo construída por meio de múltiplas práticas e caminhos percorridos por personagens distintos, desde as primeiras décadas do século XX, alterando gradualmente a denominação de seu saber *psi* primeiramente conhecido como Psicologia do Desporto para, na atual conjectura, ser chamado Psicologia do Esporte (Carvalho, 2012).

Fazendo um pequeno recorte histórico da Psicologia do Esporte no Brasil, verifica-se que os primeiros registros de conhecimento do público mais amplo ocorreram na década de

1950, com João Carvalhaes que atuou no Departamento de Árbitros da Federação Paulista de Futebol. Em 1959. No entanto, Carvalho (2012) traz relatos de que João Carvalhaes pode ter sido instituído como um marco inventado, haja vista a propagação de seu nome em fontes teóricas que fizeram de sua prática, uma definição histórica.

Sua atuação, no final dos anos 1950, ainda não caracterizava a prática da Psicologia do Esporte, mas, sem dúvida, sintetiza uma aproximação real da Psicologia aplicada ao universo esportivo. Ainda assim, é válido reconhecer a importância de Carvalhaes, pois passados quarenta anos, a área permanece carente de identidade e reconhecimento social diante da crescente demanda do contexto esportivo brasileiro, embora tenha tido avanços teóricos e metodológicos. (Carvalho, 2012, p. 24).

Por outro lado, Carvalho (2012), fez um resgate histórico pelo qual encontrou a presença da aplicação da Psicologia no universo da atividade física e do esporte no Brasil já entre os anos 1930 e 1940. Até onde se pode saber, todavia, esse conhecimento ficou circunscrito aos periódicos especializados em Educação Física que então existiam. O interessante é que, segundo Carvalho (2012), como não foi encontrado qualquer artigo de autoria de João Carvalhaes nos periódicos de Educação Física, as ações voltadas à aplicação da Psicologia nessa conjuntura, parecem denotar situações isoladas, pois não se encontraram vínculos entre os relatos amplamente públicos e os periódicos especializados.

As iniciativas voltadas à aplicação da Psicologia nesse contexto ocorridas no Rio de Janeiro, antes e até mesmo depois de João Carvalhaes e em São Paulo, parecem figurar como ações isoladas, pois não identificam-se conexões entre elas. Por exemplo, o fato de não encontrar artigos de autoria de João Carvalhaes – ou de Athayde Ribeiro – nos periódicos de Educação Física, uma vez que suas ações tiveram repercussão social nos meios de comunicação da época. (Carvalho, 2012, p. 29).

Outro ponto interessante é que, desde o século XIX, outras modalidades esportivas já eram praticadas no Brasil. Entretanto, é o contexto do futebol masculino aquele em que comparecem informações mais significativas para o resgate histórico da Psicologia do Esporte, destacando de antemão o fato de o Brasil ser a única nação, até o momento, a participar de todas as Copas do Mundo. Contudo, no final dos anos 1950, foi que o Estado proporcionou condições técnicas e estruturais apropriadas para a preparação da Seleção Brasileira de Futebol, na Copa de 1958. Esse empreendimento contemplou profissionais multidisciplinares, dentre eles o Psicólogo do Esporte, até então não imaginados nesse universo, o que suscitou muita repercussão nos jornais da época (Carvalho, 2012).

Em termos mundiais, o nascimento da Psicologia do Esporte data de 1890, nos EUA, de acordo com Rubio (2000) e Weinberg e Gould (2017). Em seus estudos sobre os primeiros indícios da Psicologia do Esporte, Carvalho (2012) faz as seguintes ponderações:

São os estudos sobre ciclismo de Norman Triplett, Psicólogo da Universidade de Indiana e pesquisador sobre as motivações que levavam ciclistas a treinar em grupo e terem melhor desempenho

que aqueles que treinavam sozinhos. Tais estudos figuram próximos ao surgimento do Movimento Olímpico, em 1896, criado com o objetivo de promover a paz entre os povos através do esporte (p. 28).

Já na Europa, em meados do século XX, as pesquisas do médico russo Pyotr Fanzevich Lesgaft (1837-1909), citado por Carvalho (2012) alicerçaram o sistema de Educação Física soviético, pois esses estudos delineavam os benefícios psicológicos da atividade física. A Psicologia voltada ao esporte na antiga União Soviética recebeu todo apoio do governo ao longo do tempo, devido à relevância dada aos resultados esportivos, pois empregavam indicadores no intuito de comparar as potências capitalistas e comunistas, incentivando as atividades seletivas, treinamento e preparação dos atletas de alto rendimento realizadas por Psicólogos locais (Carvalho, 2012).

Esses episódios pontuam o percurso de edificação e legitimação da Psicologia do Esporte, permeados pelo progresso de uma área científica, com intervenções práticas, levando a área a se consolidar como campo de atuação já no início do século XX. No Brasil, ao mesmo tempo em que acompanha alguns desses eventos, a Psicologia do Esporte estabelece seu lugar próprio dentro do cenário esportivo.

A Psicologia do Esporte esteve relacionada a um ponto de vista competitivo desde o seu início, porém, vem conquistando espaço e força em outros contextos como nos projetos sociais. Apesar de estar associado a uma prática competitiva de alto rendimento e profissionalizada, ou ainda, ao espetáculo esportivo, o termo “esporte” também contempla a atividade física de uma forma mais abrangente como as práticas de tempo livre e as atividades não regulamentadas e institucionalizadas (Rubio, 2010).

Segundo a mesma autora, essa busca por mais espaços tem proporcionado também a formação de um amplo grupo de profissionais envolvidos com a Psicologia do Esporte, procedentes das várias correntes teóricas, o que tem contribuído para que as possibilidades de pesquisa e intervenção sejam expandidas para além das práticas profissionais. Ou seja, se até o início dos anos 1990 os temas recorrentes de pesquisa eram os aspectos relacionados ao psicodiagnóstico esportivo e à construção de perfis a partir dos dados obtidos por procedimentos adequados para esse tipo de análise, atualmente as pesquisas preocupam-se em propor e analisar quando e como utilizar determinadas técnicas, ampliando, assim, os temas da Psicologia do Esporte aplicada.

Mesmo quando se trata de modalidades esportivas coletivas de maneira geral, é relevante mencionar que a organização, a estrutura e a dinâmica de cada modalidade, denota um movimento específico à equipe esportiva, merecendo formas de intervenção e manejo

adequados aos determinados grupos, como na liderança, na agressividade, na motivação, dentre outros (Rubio, 2010).

No entanto, a autora aponta que na essência do esporte contemporâneo, a especialização e profissionalização são fatores inevitáveis, existindo diferentes motivações concorrendo para determinar seu comportamento e consequente rendimento. Essa é visão que tem prevalecido no esporte, em que as metas dos atletas se concentram na competição e na conquista de marcas sempre superiores. Os atletas de alto nível conservam-se em uma luta constante por sua posição, o que torna suas identidades interdependentes de seus rendimentos esportivos, numa demanda por maximizar em curtos períodos de tempo a capacidade de seus corpos, uma vez que a brevidade de suas carreiras é inerente à grande maioria das modalidades esportivas.

Rubio (2015), que se dedica desde 2000 aos estudos de uma Psicologia Social do Esporte, pontua em sua obra intitulada “Atletas Olímpicos Brasileiros”, a figura do atleta, como protagonista. O livro retrata o estudo da história de vida e trajetória desses atletas olímpicos brasileiros, apresentados na forma de verbetes biográficos, sendo 1.796 narrativas de participantes de olimpíadas. O que a autora quis retratar nessa enciclopédia, a perspectiva de histórias reais de pessoas reais que vivenciaram um momento esportivo, com outro viés, o qual a Psicologia do Esporte também se faz presente, não apenas em aspectos técnicos do alto rendimento, mas em processos de análise reflexiva de uma narração que se faz presente.

Nas palavras de Rubio (2000, p. 17), “o esporte enquanto uma instituição social; tem se projetado como um dos grandes fenômenos deste final de século, agregando em torno de si um número cada vez maior de áreas e afins”. Perante isso, não apenas as consideradas ciências da saúde, mas filosofia, política, mídia, direito, tecnologia, demonstram interesse pelas implicações desse fenômeno.

Nesse contexto, verifica-se que o Brasil, em determinadas circunstâncias, ainda apresenta alguns problemas, em relação aos legados esportivos, distantes de um panorama exemplar a ser atingido. Todavia, avanços pontuais ocorreram nas últimas décadas, como por exemplo: a criação da uma revista de Psicologia do Exercício & Esporte; a regulamentação em 2007 do título de Psicólogo especialista em Psicologia do Esporte pelo Conselho Federal de Psicologia (Rubio, 2007). Essas transformações corroboraram para a ampliação, estruturação, assim como a ascensão da área da PE.

Nesse processo de estruturação e ampliação da área, é importante mencionar também a origem de duas instituições que fizeram parte da edificação da Psicologia do Esporte no

Brasil: a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte da Atividade Física e da Recreação (SOBRAPE), composta em 1979 e a Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP), que surgiu a partir do interesse de um grupo de profissionais que compunham a Comissão de Psicologia do Esporte do CRP/SP, em 2003, a qual se formalizou oficialmente no ano de 2006, sendo esta a data que consta para sua fundação. A SOBRAPE atuou realizando eventos acadêmicos e científicos, publicação de livros, em parceria com outras Ciências do Esporte, situando-se em especial no campo da Educação Física. A SOBRAPE, mesmo não sendo oficializada como sociedade, sem validação em cartório de ata de fundação, constituiu uma entidade voltada para o desenvolvimento, estruturação e divulgação da Psicologia do Esporte e do Exercício no Brasil, voltando-se para o estudo do desempenho esportivo e qualidade de vida de atletas e praticantes de exercícios físicos. No encaminhamento para sua oficialização, os membros da SOBRAPE a refundaram como ABEPEEx, Associação Brasileira de Psicologia do Esporte, Atividade Física e Exercício no ano de 2015.

A Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP), surgiu a partir do encontro e do trabalho de um grupo de Psicólogos e profissionais da Educação Física interessados em fomentar discussões e promover os estudos e práticas profissionais da Psicologia do Esporte no Brasil. Este movimento tem se pautado na crescente especialização de Psicólogos do Esporte, a partir da Resolução 14/00 do Conselho Federal de Psicologia, que determinou a criação das especialidades em Psicologia, e busca congrega os profissionais que atuam na área e que têm o intuito de divulgar e discutir a Psicologia do Esporte. A ABRAPESP, além de ser a única entidade nacional reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia, ocupando cadeira junto ao FENPB (Fórum das Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira), ela é responsável pelo primeiro periódico especificamente direcionado à Psicologia do Esporte: a Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (RBPE), fundada em 2007. No ano de 2007, foi realizado, em São Paulo, o I Congresso da ABRAPESP. (Carvalho, 2016).

Em termos do espaço que a Psicologia do Esporte vem ocupando, é válido pontuar que pela primeira vez, em seus trinta e três anos de existência e em suas dezesseis edições, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) contou com um Grupo de Trabalho (GT) destinado à Psicologia do Esporte em seu evento, o Simpósio bianual de Pesquisa e Intercâmbio Científico, ocorrido em junho de 2016 em Maceió (AL). Esse acontecimento veio justamente para demarcar tanto o significado histórico dessa longa

ausência da Psicologia do Esporte nos simpósios, como também definir a importância de se fortalecer e fomentar as pesquisas na área realizadas nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia do país, contemplando as várias vertentes do campo da Psicologia do Esporte no âmbito acadêmico e profissional. Com essas interfaces, ficou evidente a necessidade de se consubstanciar e ampliar a consistência científica das várias possibilidades de investigações e, respectivamente, da formação e aprimoramento dos profissionais que atuam tanto no nível superior como com aqueles que fazem uso aplicado da Psicologia do Esporte (Barreira & Conde, 2017).

No que tange as áreas de atuação dos Psicólogos do Esporte e do exercício, verifica-se que esses estão mais voltados aos esportes que detém uma maior divulgação por parte das mídias, assim como aqueles ligados ao alto rendimento, que contam com atletas de elite, e que estão dirigidos principalmente a resultados e aos valores econômicos atribuídos. Ao pontuarmos sobre a essência das questões que permeiam toda área da PE, devemos ponderar que além do aprimoramento do desempenho que está sendo desenvolvido com o atleta e/ou esportista, deve-se atentar sobre os aspectos de formação desse, assim como as questões relacionadas ao desenvolvimento do indivíduo, da pessoa e cidadão de forma geral.

Quanto às intervenções práticas em Psicologia do Esporte, alguns apontamentos devem ser considerados, como por exemplo, o estado emocional dos atletas como possível causa para a queda do desempenho. Nesse sentido, faremos uma sucinta apresentação de algumas intervenções práticas desenvolvidas pelo Psicólogo do Esporte no contexto do alto rendimento, mas que pode ser ampliado para outros espaços em que o esporte se faz presente.

O estabelecimento de metas, relaxamento, técnicas de mentalização e auto conversão, são procedimentos, utilizados pela Psicologia Esportiva, com a finalidade de administrar alguns estados emocionais de forma mais eficaz. Com o intuito de reduzir os níveis de ansiedade dos atletas, as técnicas de relaxamento podem contribuir para que esses potencializem a execução das tarefas as quais já estão habituados. Para Vasconcelos-Raposo (2000), a relação entre os níveis de ansiedade e o desempenho apresentado pelos atletas pode ter influência tanto positiva quanto negativa. Assim, reduzir os níveis de ansiedade pode ser importante em momentos de grande tensão no momento competitivo, e este é um dos propósitos em que as técnicas de relaxamento têm sido empregadas no contexto esportivo.

Weinberg e Gould (2017), como exemplo dessas técnicas, trazem o relaxamento progressivo. Essa técnica consiste no processo de contrair e relaxar grupos musculares específicos progressivamente; juntamente com o controle da respiração, que se constitui em

respirar de forma profunda, utilizando a musculatura diafragmática. Outra técnica seria o uso do recurso da neurociência, o biofeedback, que é uma ferramenta que identifica parâmetros fisiológicos enquanto o atleta realiza uma determinada tarefa.

O processo de mentalização, é outro recurso amplamente utilizado com atletas pela Psicologia do Esporte. Essa técnica, de acordo com Weinberg e Gould (2017), pode ser definida como o método de criar ou recriar experiências mentalmente, sem de fato realizar estas ações. Estudos contemporâneos demonstraram que este recurso contribui para um aumento da confiança, concentração e enfrentamento da ansiedade, o que ratifica seu uso em ocasiões de grande tensão durante uma competição (Oliveira et al., 2018).

A rotina de desempenho é outra importante estratégia utilizada para aumentar a concentração dos atletas. Esse recurso pode ser definido como uma técnica individualizada que integra uma série de pensamentos e ações padronizadas a serem realizadas pelo atleta antes da tarefa propriamente dita (Oliveira et al., 2018). Esta técnica dirige o foco de atenção do atleta para o exercício que deve ser realizado, concomitante, faz com que esse atleta desvie pensamentos negativos e/ou estímulos externos. Esta estratégia, segundo Oliveira et al., (2018), pode, ainda, reforçar a confiança do atleta e diminuir sua ansiedade, visto que a rotina de desempenho limita a variabilidade dos movimentos, o que consequentemente aumenta as chances de realizar a ação de forma eficiente.

Todos esses recursos técnicos utilizados nas práticas de intervenção pela Psicologia do Esporte possuem como um dos objetivos fundamentais, o aumento da concentração do atleta. A concentração, para Weinberg e Gould (2017), pode ser caracterizada por quatro comportamentos principais, sendo eles: focalizar os aspectos mais relevantes do ambiente, sustentar o foco de atenção durante um tempo, ter consciência da situação e modificar o foco atencional quando necessário. A concentração é uma habilidade mental comumente citada como uma prática constante de atletas talentosos, independente da modalidade esportiva. Nesse sentido, é de grande interesse que os atletas, por meio das intervenções em PE, possam desenvolver esta capacidade a fim de alcançar resultados mais expressivos.

Fazendo alusão a todas essas acepções, é relevante mencionar que estudar as condutas humanas que influenciam ou são influenciadas pela participação e desempenho no esporte, e/ou atividade física, além da aplicação dos conhecimentos adquiridos por meio da Psicologia Esportiva, exige que seja lançado um olhar sobre todo o contexto que envolve o meio esportivo (Matos, 2015). Portanto, se faz relevante compreender como se dão os processos reflexivos prevalentes entre Psicólogos do Esporte nos variados aspectos da experiência

profissional em contextos esportivos de atendimento, afinal, a aplicação daqueles conhecimentos e técnicas só fazem sentido quando situados na totalidade em que a pessoa do atleta está inserida.

2.2. O *Coaching* no esporte

Os padrões hegemônicos de sucesso profissional e pessoal na sociedade contemporânea demandam comportamentos coerentes com a busca por atingir patamares progressivos de metas e exigências inerentes a um meio cada vez mais competitivo. Para isso, é comum que se preconize o desenvolvimento de habilidades compatíveis com o alcance de resultados, ou a aquisição de novas competências visando consumir metas e um senso de realização pessoal. É ecoando essa demanda de comportamentos que, segundo Livramento et al. (2010) o *Coaching* passa a ser contextualizado e pensado como uma prática compromissada com os resultados e a realização pessoal.

A proposta dos trabalhos de *Coaching* costuma ser apresentada como uma ferramenta de suporte a equipes desportivas e atletas individualmente. Cabe salientar que o *Coaching* está cada vez mais em evidência no meio esportivo, porém essa forma de intervenção, por ser recente nesse cenário, o que também acarreta alguns desconfortos, sendo necessário compreender como esse recurso pode favorecer o esporte.

Assim, apesar de vir a ser notado um possível viés nos trabalhos relacionados ao *Coaching* e o esporte quanto aos processos de reflexividade, faz-se necessário elucidar como os trabalhos de *Coaching* se definem para, posteriormente, concatená-los com a seara esportiva. Para isso será necessário fazer um resgate na literatura, a fim de apresentar a definição de *Coaching* e como esse constructo adentrou o meio esportivo, pontuando sua organização de trabalho.

Em termos históricos, o *Coaching* teve sua origem nos Estados Unidos e, segundo Marques (2013), pode ser definido como um processo que busca ampliar o desempenho de um indivíduo ou de um grupo positivamente, valendo-se de métodos, instrumentos e técnicas em uma parceria sinérgica. A nomenclatura *Coach* foi apresentada por meio do esporte, com significado de treinador ou técnico, com o desígnio de incentivar atletas a alcançarem seus objetivos por meio de suas habilidades. A palavra *Coachee* é inglesa e significa carruagem, ou seja, conduzir, favorecer a saída de um estado atual para um estado mais satisfatório. É uma

parceria, um processo criativo, um provocador de pensamentos e de autoconsciência, inspirando pessoas a elevar ao máximo seu potencial pessoal e profissional.

Coaching é uma parceria colaborativa entre *Coach* e um aprendiz, conduz a um nível profundo de crenças, valores e visão, que capacita o aprendiz a um processo de descoberta, definição de objetivos e passos específicos de ação, bem como a realização de resultados extraordinários (Chiavenato, 2002b, p. 43).

De acordo com o Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC), esse constitui em um processo, uma metodologia, um conjunto de competências e habilidades que podem ser aprendidos e desenvolvidos por absolutamente qualquer pessoas para alcançar um determinado objetivo na vida pessoal ou profissional. O Instituto alega que esse procedimento poderá tornar o alcance do objetivo vinte vezes mais rápido, de maneira comprovada pelos seus métodos e técnicas. O *Coaching* se vale, ainda segundo o IBC, de uma excelente oportunidade de carreira para quem quer ajudar outras pessoas a serem mais bem remuneradas, atuando como *coach* profissionalmente.

De acordo com o IBC, as formações em *Coaching* podem ser *Professional & Self Coaching* – PSC, contando com 180h de cursos, as formações avançadas, com 150h de cursos, contando também com cursos especiais, cursos de curta duração e cursos de Pós-graduação, podendo a oferta desses, ser presencial ou a distância.

Compreende-se que os pilares que sustentam o método *Coaching*, estão alicerçados no presente e futuro, na busca pelo alcance de metas, desenvolvidos pelo trabalho, com o foco voltado para os objetivos já previamente estabelecidos. O processo de *Coaching* envolve pelo menos duas pessoas em que o *Coachee* é considerado como um aprendiz, interagindo durante o processo interventivo com o *Coach* para desenvolverem juntos as competências e potencialidades do cliente. O papel do *Coach* é fazer com que o *Coachee* perceba por si próprio seu talento, e como um processo de autoconhecimento e mudança, o *Coach* o auxilia a aprender ao invés de ensiná-lo. O *Coach* lidera, guia, treina e desenvolve, estimula e impulsiona o *Coachee* (Peterson, 2017). O *Coach* se utiliza das técnicas e métodos de *Coaching* para a obtenção de seus objetivos.

Para a realização de um bom trabalho ou treinamento de *Coaching*, faz-se necessário identificar as lacunas nos processos já existentes dentro das equipes, para assim definir como iniciar. Conforme o entendimento de Marques (2014) o primeiro passo é aproximar-se das pessoas e de seus desafios, ou seja, identificar as demandas daquele grupo para que, no processo, as habilidades de relacionamento e a sensibilidade para entender o comportamento humano promovam, a partir da empatia, a confiança no trabalho desempenhado pelo *Coach*.

Segundo Peterson (2017), quando a equipe desportiva decide treinar e desenvolver competências de seus atletas, estes melhoram seu desempenho para realizar determinada tarefa, obtêm melhores resultados, diminuem retrabalho, reduzem custos e aumentam a produção.

O processo de *Coaching* acontece por meio de questionamentos elaborados pelo *Coach*, os quais permitem ao *Coachee* refletir sobre sua situação problema, na busca por encontrar por si próprio as estratégias para enfrentá-las. O *Coach* representaria uma possibilidade de ajudar a libertar parte do potencial da equipe desportiva, revelando potencialidade, talentos e valores. Deste modo, é possível impetrar um novo nível de performance, mais elevado que o anterior, pela identificação de metas e objetivos. As intervenções iniciam-se com conversas individuais, nas quais realizam-se indagações coerentes ao objetivo da equipe, com o foco voltado a rastrear as reais causas dos problemas. Ao final de cada encontro, define-se uma nova tarefa como tema central da equipe, a qual deverá ser cumprida até o próximo encontro, sendo assim possível identificar os prováveis descompassos que poderão surgir entre os indivíduos e as equipes (Marques, 2014).

O meio esportivo vem sendo marcado por grandes alterações. Uma delas corresponde ao nível de exigências em torno dos atletas de alta performance ou alto rendimento. Espera-se dos atletas e da equipe mais do que conhecimento técnico, mas também o aprimoramento de habilidades interpessoais como: comunicação, trabalho em equipe, compreensão de si, comportamento mais humanizado, empatia, inteligência emocional, entre outros (Marques 2014).

Para esse autor, o *Coaching* aliado a trabalhos de dinâmica de grupo se caracteriza em uma excelente estratégia para potencializar o desenvolvimento de competências. Esses trabalhos constituem um treinamento comportamental que tem como objetivo a alta performance no desenvolvimento de competências, na busca por alcançar excelentes resultados tanto na vida pessoal como profissional. Esses treinamentos visam aprimorar nos atletas um maior autoconhecimento, autoconfiança, intensificar responsabilização pela mudança, habilidades em lidar com as emoções, alinhar missão, visão, valores e crenças, potencializar conquistas, performance, entre outros. Esses recursos interventivos pautam-se em encontros semanais, utilizando técnicas e ferramentas específicas e feedbacks constantes (Marques, 2014).

Portanto, nas palavras de Araújo e Consultores (2006), como já descrito anteriormente, o *Coaching* é organizado mediante o relacionamento de uma pessoa (o *Coach*) e o seu

compromisso como o outro, que pode ser o cliente ou *Coachee*, como o objetivo de obtenção de conquistas, aquisição de competências e até alterações específicas para alcance de um determinado resultado.

Assim sendo, firma-se um compromisso com a pessoa para sua realização e desenvolvimento, com o foco voltado ao resultado. Porém, esses compromissos firmados ainda são fortalecidos pelas premissas básicas de que o desenvolvimento pessoal e a aquisição de competências são processos contínuos e de responsabilidade de ambas as partes envolvidas (Melo, 2007).

Para que os trabalhos de *Coaching* sejam concretizados, a confiança entre as partes envolvidas é uma condição essencial, pois o feedback constante entre os dois é um instrumento no processo do *Coaching* que, segundo Melo (2007), configura-se como consubstancial para o entendimento mútuo dos valores e a reciprocidade de experiências.

Fazendo um paralelo com as definições da Psicologia Organizacional, Chiavenato (2002a), autor de várias obras desse segmento, define a pessoa do *Coach* como sendo aquele que “deve saber criticar construtivamente, ser sensível quando apontar problemas, proporcionar encorajamento positivo e cuidar da autoestima do cliente” (p. 88).

Nas palavras de Horst, Fernandes, Perez, Jugend e Soboll (2007), os procedimentos de *Coaching* podem ser divididos em quatro partes. A primeira corresponde à construção de um relacionamento de confiança e reciprocidade entre o *Coach* e o *Coachee*. A segunda etapa corresponde ao projeto que o cliente deseja realizar, em que se faz necessário atentar para o fato de buscar, junto ao seu cliente, as inúmeras possibilidades dentro do processo. Estimar o que o cliente tem de melhor, e analisar o plano de ação, auxiliando na sua consolidação, rejeitando pontos supérfluos, são quesitos destacados na terceira e quarta etapas. Os autores elucidam que o *Coach* não é um chefe e que o *Coaching* abrange uma liderança apurada, com foco voltado nas pessoas e nos seus resultados.

D’Avila e Tavares (2014) descrevem que é importante conhecer aquilo que não condiz com os pressupostos do *Coaching*, como por exemplo: *Coaching* não é terapia, não é aconselhamento, não é mentoria e nem solução mágica. Para esses autores, um dos principais motivos de confusão é a semelhança do *Coaching* com terapia:

Apesar de tanto o *Coaching* quanto a terapia atuarem sobre o comportamento presente, a grande diferença é que o *Coaching* usa o FUTURO como alavanca para modificar o PRESENTE, promovendo o desenvolvimento do *coachee*, e a terapia busca utilizar o passado para promover a cura no PRESENTE (D’Avila & Tavares, 2014, p. 22).

Segundo D'Avila e Tavares (2014), o *Coaching* possui um amplo universo de possibilidades de trabalho no meio esportivo de alto rendimento. Para esses autores o *Coach* auxilia treinadores e técnicos na busca por conquistas e resultados. D'Avila e Tavares (2014) apontam que os trabalhos do *Coaching* se distanciam da Psicologia do Esporte, no sentido de:

Ao primeiro compete a solução, enquanto a Psicologia do Esporte procura por significados. Desta forma, Coaching Esportivo tem um escopo diferente daquele da Psicologia dos Esportes, embora possam ocorrer mínimas sobreposições temporárias. O Coaching foca sempre no futuro, ajusta os objetivos, encoraja o caminhar em direção a novas conquistas e realizações (D'Avila & Tavares, 2014, p. 30).

Diante dessas colocações e de uma maior compreensão do que sejam os trabalhos dos profissionais do *Coaching*, pode-se verificar a presença de sua figura, do *Coach*, também no meio esportivo, além do meio organizacional. Os esportes, sobretudo aqueles de alto rendimento, demandam cada vez mais do atleta o desenvolvimento de potencialidades e capacidades (físicas e mentais) na busca pelo sucesso profissional, fato esse que pode ser visto de forma similar no meio empresarial (Livramento et al., 2010).

Para D'Avila e Tavares (2014), os trabalhos de *Coaching* no meio esportivo se constroem sobre os aspectos físicos, sociais, cognitivos e afetivos, ou melhor:

O treinamento se desenvolve sobre aspectos fisiológicos, musculares, cardiovasculares, táticos, mentais. Cada universo com sua especificidade, cada campo com sua interdisciplinaridade, mas ambos buscando potencializar pessoas/atletas, gerenciando competências e desenvolvendo habilidades (D'Avila & Tavares, 2014, p. 29).

Na literatura, o *Coaching* é um constructo que tem sido pesquisado devido à relevante função que desempenha em assessorar atletas a trabalhar para a consecução dos seus objetivos. Esses trabalhos relacionados aos processos de *Coaching* podem ser desenvolvidos por profissionais de diversas áreas, por meio de intervenções com a equipe, principalmente no que tange aos trabalhos com treinadores e equipes desportivas (D'Avila & Tavares, 2014).

As intervenções desenvolvidas pelo *Coaching* entre treinadores e equipes desportivas já são reconhecidas entre pesquisadores, haja vista a importância desses trabalhos em equipes e entre os grupos de atletas como um artifício em que um indivíduo influencia um grupo de pessoas no intuito de atingir um objetivo comum (Gould, Voelker & Griffes, 2013).

Outro ponto a ser destacado pelo trabalho de *Coaching* em departamentos de esportes, implica potencializar as questões da resiliência, incluindo todos os membros da equipe no desenvolvimento desse atributo, bem como na aplicação e na avaliação de programas de ação (Valle, 2007).

De acordo com a autora supracitada, a utilização de enfoques positivos, com encorajamentos e feedback constantes, o estabelecimento de metas atrelados com avaliações dinâmicas, são algumas das estratégias que podem ser usadas e que poderão assessorar na redução das pressões e medos dos atletas. Essas estratégias quando desenvolvidas em conjunto com os trabalhos da Psicologia do Esporte, com o técnico e com o atleta, no intuito de contemplar uma integração de equipe bem como uma boa organização e planificação do trabalho, podem auxiliar na evolução dos treinamentos, abrandando as consequências de situações estressantes e, por conseguinte, suscitando sentimentos de segurança e confiança (Valle, 2007). No entanto esse processo de desenvolver pessoas não é apenas oferecer-lhes conhecimentos e habilidades, mas sim proporciona-lhes a possibilidade para mudar, desenvolver novas atitudes, modificar antigos hábitos, buscar novos conhecimentos em vista de se tornarem melhores naquilo que praticam (Gil, 2001).

É a partir da prática nessa situação que se pretende verificar os processos de reflexividade que permeiam a atuação dos *Coaches*, na resolução de problemas, bem como os recursos técnicos utilizados por eles nesse elo entre treinadores, equipes e atletas. Essas amálgamas podem se dar por meio de uma compreensão fenomenológica dos relatos dos *Coaches* e dos Psicólogos do Esporte sobre suas vivências, denotando a maneira de colocarem em prática suas competências em na área de atuação.

2.3. Psicologia do Esporte e *Coaching*: Uma discussão em torno dos processos de regulamentação da profissão

Esse estudo busca identificar e compreender como se dão os processos reflexivos prevalentes na atuação profissional de Psicólogos do Esporte e *Coachs*. No entanto, diante da disseminação da prática do *Coaching*, no meio esportivo, vimos à necessidade de esclarecer sobre os princípios, métodos e técnicas que são privativos do exercício da Psicologia, pautados nas normativas que balizam o âmbito de fiscalização adotado pelo Sistema Conselhos (CFP e CRPs).

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) e o GT Nacional da Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (APAF) Psicologia e Esporte, elucidam que o profissional intitulado Psicólogo possui suas técnicas e métodos regulamentados nos conhecimentos teóricos e metodológicos fundamentados, seguindo o rigor científico advindos de reflexões e pesquisas referenciadas. Esses órgãos, atentos a essas questões sobre a prática do *Coaching* e

da Psicologia, esclarecem que, apesar da prática do *Coaching* ser desempenhada por qualquer profissional que não da Psicologia, desde que seja tecnicamente habilitado, não se pode confundir esta prática com o exercício da profissão de Psicólogo. Nessa mesma linha de raciocínio, pondera-se também que a atuação do Psicólogo do Esporte, também pauta-se nos objetivos, disciplina e orientações concatenados a princípios legais, advindos do campo da ciência e da pesquisa em Psicologia.

No campo esportivo e da atividade física, a preparação psicológica esportiva relaciona-se à especialidade Psicologia do Esporte, compreendendo as questões emocionais e volitivas, o desenvolvimento técnico e tático, assim como aspectos sociais de atletas e equipe esportiva. Em meio às atividades desempenhadas pelo Psicólogo do Esporte está o treinamento mental, que corresponde ao desenvolvimento de capacidades psicológicas básicas (utilização do ritmo respiratório para ativar ou relaxar, fortalecimento dos níveis de atenção voluntária, dentre outros), que perfazem a preparação psicológica, que como mencionado anteriormente, configura-se em um procedimento organizado e coordenado por um profissional da Psicologia. Diante a isso o CFP e o GT Nacional da APAF Psicologia e Esporte delineam alguns esclarecimentos sobre as normativas que demarcam o âmbito de fiscalização empregado pelo Sistema Conselhos (CFP e CRPs):

- A LEI FEDERAL 5.766, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1971, criou o Sistema Conselhos de Psicologia com a principal função de orientar, fiscalizar e disciplinar o exercício profissional tendo em vista oferecer à sociedade a qualidade técnica e ética dos serviços prestados pelos(as) Psicólogos(as). E a resolução do CFP 019/2000 instituiu o MUORF (Manual Unificado de Orientação e Fiscalização), que estabelece a metodologia para os trabalhos de orientação e fiscalização, a fim de assegurar o cumprimento da lei, decretos e resoluções que regulamentam o exercício da profissão de Psicólogos(as) e garantir que a atuação esteja dentro dos preceitos técnicos e éticos da profissão.

- O DECRETO Nº 79.822, DE 17 DE JUNHO DE 1977, que regulamenta a referida lei, em seu Art. 1º, expõe que: “O exercício da profissão de Psicólogo, nas suas diferentes categorias, em todo o território nacional, somente será permitido ao portador de Carteira de Identidade Profissional expedida pelo Conselho Regional de Psicologia da respectiva jurisdição”. Assim, o Conselho tem autonomia conferida pela lei 5766/71 para fiscalizar as(os) psicólogas(os), entendendo estes como inscritos e regulares junto ao CRP.

Esses esclarecimentos ressaltam a legitimidade de que qualquer profissional que não esteja inscrito no CRP e que desenvolva atividades de Psicólogo pode responder por exercício ilegal da profissão. De acordo com a Lei das Contravenções Penais: Art. 47. “Exercer profissão ou atividade econômica ou anunciar que a exerce, sem preencher as condições a que por lei está subordinado o seu exercício leva a pena – prisão simples, de quinze dias a três meses, ou multa”. Nesse aspecto, é relevante pontuar que a LEI 4.119, DE 27 DE AGOSTO DE 1962, estabelece como função privativa do Psicólogo a utilização de métodos e técnicas

psicológicas com os objetivos de diagnóstico psicológico, orientação e seleção profissional, orientação psicopedagógica e solução de problemas de ajustamento.

No caso da formação e capacitação do *Coach*, o Conselho Federal de Psicologia e o GT Nacional da APAF Psicologia e Esporte compreendem que muitos profissionais, provenientes de diversas formações acadêmicas, passam a adotar o termo *Coach* como identidade e carreira profissional. No meio esportivo, essa nomenclatura está permeada de um significado consubstancial, pois na língua inglesa o termo *Coach* significa treinador, função desempenhada por profissionais relacionados às Ciências do Esporte. No Brasil, este contíguo de práticas não é regulamentado por lei ou por algum órgão de classe, mas impetram respaldo legal no Art. 170 da Constituição Federal, parágrafo único, que “assegura a todos o livre exercício de qualquer atividade econômica, independentemente de autorização de órgãos públicos, salvo em casos previstos em lei”.

Mesmo com a existência do Instituto Brasileiro de *Coaching* (IBC) e da Sociedade Brasileira de *Coaching* (SBC), pode-se verificar a necessidade de uma regulamentação da qualidade técnica para a formação e/ou capacitação desses profissionais, haja vista que a atuação desses não estão sujeitos ao crivo de um órgão fiscalizador ou regulamentador, com base em códigos de normas e condutas legalmente constituído. A tentativa de legalização da prática de *Coaching* por meio da PL 5554/2009 não obteve êxito, o que possibilitou com essa lacuna, uma ampliação de profissionais no mercado nacional que se intitulam *Coaches*, mas não contam com respaldo legal que garantam a segurança tanto na formação quanto no conhecimento veiculado e aplicado. No entanto esses profissionais amparam-se no exercício de seu ofício no Art. 170. da Constituição Federal que descreve que:

A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios”,

Parágrafo único. “É assegurado a todos o livre exercício de qualquer atividade econômica, independentemente de autorização de órgãos públicos, salvo nos casos previstos em lei (Brasil, 1988).

No entanto, de acordo com a Classificação Brasileira do Código de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho, *Coaching* corresponde a uma atividade profissional, cuja descrição constitui em “Propiciar condições para o aprimoramento da equipe (*coaching*)”.

Assumindo responsabilidade como instituição precursora de *coaches* no Brasil, a SBC organizou, em 07 de Fevereiro de 2018, o Código de Ética e de Conduta do *Coach* com os seguintes objetivos:

- 1 Orientar a conduta e as relações profissionais do *Coach* para contribuir para a boa prática do *Coaching*.

- 2 Informar os clientes quanto aos critérios éticos que eles devem buscar ao contratar um *Coach*.
- 3 Disseminar e reforçar a confiabilidade, credibilidade e a aceitação do *Coaching* junto à sociedade e ao público em geral.
- 4 Estabelecer e unificar as normas referentes ao exercício responsável e digno da profissão.

De acordo com a *International Coach Federation* (ICF), *Coaching* refere-se a um processo de acompanhamento reflexivo e criativo realizado em parceria com os clientes, com objetivo de inspirá-los a elevar ao máximo o seu potencial pessoal e profissional. O *Coach* da ICF compromete-se a praticar as Competências Essenciais da ICF e promete prestação de contas ao Código de Ética da ICF, que diz:

Os Coaches da ICF estão comprometidos com confiabilidade, transparência, aceitação, congruência e consideram todas as partes, de toda a comunidade ICF, mutuamente responsáveis para defender os seguintes valores:

Integridade: Nós defendemos os mais elevados padrões tanto para a profissão de *Coaching* quanto para a nossa organização.

Excelência: Definimos e demonstramos padrões de excelência para a qualidade, qualificação e competência do *coaching* profissional.

Colaboração: Nós valorizamos a conexão social e construção da comunidade que acontece através da parceria colaborativa e realização co-criada.

Respeito: Somos inclusivos e valorizamos a diversidade e riqueza dos nossos parceiros globais. Nós colocamos as pessoas em primeiro lugar, sem comprometer os padrões, políticas e a qualidade.

É relevante pontuarmos que a profissão de *coach* ainda não é regulamentada no Brasil. Ela corresponde a uma atividade profissional (CBO). Por não se tratar de uma abordagem única, mas sim de caráter multidisciplinar, o processo de formação não conflui para uma área específica. Em geral as formações em *Coaching* contemplam de maneira genérica, conceitos de administração, de filosofia, de Psicologia... No entanto, entidades como a Sociedade Brasileira de *Coaching* e o Instituto Brasileiro de *Coaching* defendem que todo aquele que tem o interesse em desenvolver-se pelo método *Coaching*, deve fazê-lo em uma instituição que ofereça uma formação condizente com a metodologia do processo.

Diante dos argumentos apresentados, verifica-se que a prática de técnicas aplicadas pelo profissional que se denomina *Coach* não é um conhecimento da Psicologia ou pertence a qualquer uma das suas especialidades. Assim, os profissionais da Psicologia que atuam com essa formação não devem associar suas ações às práticas psicológicas. Essa diferenciação se faz necessária, para que a categoria e a sociedade civil estejam informadas sobre a efetividade

da Psicologia como fundamento na formação de seus profissionais. No entanto essas explicações constituem um processo informativo dessa nova área de atuação, o *Coaching*, o que não se configura como objeto desse estudo. A intenção aqui foi fornecer um panorama amplo de quem são esses personagens nesse cenário esportivo, e não delinear a quem corresponde exercer essa ou aquela função.

2.4. Conceito de prática reflexiva considerando diferentes perspectivas

Antes de adentrar nos processos de reflexividade concatenando com a Psicologia do Esporte e com os trabalhos voltados para o *Coaching*, à luz da fenomenologia, parece válido se consubstanciar de outros campos referenciais como panos de fundo, como no âmbito da área pedagógica, para uma melhor compreensão sobre os processos de reflexividade, haja vista o número reduzido de bibliografia contemplando a temática no meio esportivo na literatura brasileira.

Schön (1983, 1987, 1992) considera a reflexão em ação como um diálogo em situação problemática, processada em ato, o que permite um confrontar de procedimentos, identificação de problemas e reelaboração de estratégias. Em seu exame (Schön, 1983), distingue a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação. A primeira se detém sobre a ação realizada e a segunda reflete acerca de como se processou o primeiro tipo de reflexão. Ou seja, para ele, a reflexão circunscreve o processo, no momento anterior a ação, na ação propriamente dita, assim como posterior a essa.

De acordo com Coulon (1995b), a reflexividade indica as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social. “Descrever uma situação é constituí-la. A reflexividade designa a equivalência entre descrever e produzir uma interação, entre a compreensão e a expressão dessa compreensão” (Coulon, 1995a, p. 42), ou seja, na medida em que se desenvolvem as ações práticas, envolvem-se inúmeras atividades racionais motivadas tanto pelos reflexos do que é proveniente do ambiente e de outros como daquilo que provêm de si mesmo. O processo de reflexividade não constitui processo de reflexão em torno de fatos. Quando se diz que as pessoas desenvolvem práticas reflexivas, isto significa que essas refletem sobre aquilo que fazem, embora não necessariamente precisem ter consciência do caráter reflexivo de suas ações.

Coulon (1995a) pontua sobre os estudos da Etnometodologia, e cita Garfinkel (1984), para quem a reflexividade pressupõe que as atividades pelas quais os indivíduos produzem e

conduzem as situações de sua vida, organizando-se no dia-a-dia, são idênticas aos procedimentos usados para tornar essas situações descritíveis.

A propriedade reflexiva dos atores sociais permite que eles expressem as significações de seus atos e de seus pensamentos, ou seja, de suas ações sociais. Esse processo é automático e contínuo. Mesmo sem perceber, o indivíduo desenvolve esta atividade a cada minuto de sua existência, pois necessita a si próprio de encontrar motivações e orientações para suas ações. (Garfinkel, 1984, p. 55).

Josso (2004) considera a experiência como vivência seguida de uma organização teórica e/ou de uma simbolização, que remete, primeiramente, ao pensamento de John Dewey (1859-1952), que defende que as vivências alcançam o status de experiências a partir de um trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.

De acordo com Bondia (2002) a palavra experiência em português condiz com “o que nos acontece”. A experiência é o que nos proporciona sentido, o que nos acontece, o que nos toca. É diferente de dizer que experiência é o que se passa, é mais do que isso. No entanto, na contemporaneidade, percebe-se a cada dia que se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Parece que não experienciamos. Estamos cada vez mais instruídos, informados, e muita coisa sem sentido. Mas como seria isso?

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência está relacionado com a elaboração do sentido do que nos acontece, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal. Se a experiência não condiz com o que acontece, mas sim ao que nos acontece, então duas pessoas, mesmo que vivenciam o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. Nesse sentido, refletir sobre uma experiência é um processo subjetivo.

Para Bondia (2002), experiência é a possibilidade de que alguma coisa nos ocorra ou nos toque. É um gesto de interrupção, um gesto que é quase impraticável nos dias atuais: pois não paramos para refletir, para olhar, para escutar, pensar com paciência. Seria um olhar com parcimônia, uma escuta sensível, um sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender os pré-juízos, pré-conceitos.

Sadalla e Sá-Chaves (2008) descrevem que o processo de reflexividade permite a consciência da experiência, consentindo que os processos cognitivos deem vazão à aprendizagem. Nas palavras de Macedo e Guerra (2014, p. 7), “Tomando a reflexão como categoria fundante da formação, a reflexão sobre a prática é, portanto, ela mesma uma prática. É uma prática de formação”.

Destarte, a partir dos referenciais teóricos da área pedagógica sobre a prática reflexiva, este estudo tem por finalidade verificar nas narrativas dos profissionais da

Psicologia do Esporte e do *Coaching* suas experiências ao refletirem sobre suas próprias práticas em atuação. A busca por esse processo ancora-se numa perspectiva da reflexividade, o qual constitui um meio complexo, um cenário vivo e inconstante, definido pela interação simultânea de muitos fatores e condições que caracterizam o espaço em que estão inseridos (Ribeiro, 2005).

O processo de reflexão contemplado nesse estudo pode ser definido como “o processo de exame e exploração interna de uma questão de preocupação, desencadeada por uma experiência, que cria e clarifica significados em termos de si-mesmo (self) e resulta em uma modificação da perspectiva conceitual” (Body & Fales apud Anderson, Knowles & Gilbourne, 2004, p. 191, tradução própria).

Nessa conjuntura, no âmbito da ação do Psicólogo do Esporte incide de acordo com a queixa instaurada e não sobre o fenômeno dessa demanda em si. Ou seja, comumente a demanda chega ao Psicólogo por vias diretas ou indiretas, seja por meio dos técnicos, da equipe técnica ou pelo próprio atleta, e nesse aspecto, essa ação já vem concluída. A prática reflexiva, portanto, pode favorecer ao sujeito da ação, no caso o Psicólogo do Esporte ou os profissionais do *Coaching*, uma acessibilidade à experiência do pensar a prática, valendo-se também do espaço de:

... examinar a prática em detalhe. Eventualmente tais exames podem levar a sentimentos de desconforto e vulnerabilidade, mas se os sujeitos da prática reflexiva estão comprometidos em aperfeiçoar a prática, então pensamentos e emoções desafiadores podem conclusivamente habilitá-los a aprender a partir de suas próprias experiências e entender o contexto de sua prática. (Anderson, Knowles & Gilbourne, 2004, p. 192, tradução própria).

Com efeito, Anderson, Knowles e Gilbourne (2004) pontuam que a reflexão é uma atividade cognitiva que auxilia o sujeito a conectar o conhecimento profissional, a prática e a manifestação do conhecimento em atividade consciente. Os processos de reflexividade contemplam resoluções de problemas e permitem uma abertura aos relacionamentos interpessoais, incluindo o sujeito que a pratica, como sendo agente do processo, e não apenas como objeto de intervenção. Naquele trabalho, os autores propõem a reflexividade como orientação prática para supervisão junto a Psicólogos do Esporte. Assim, com ou sem a reflexividade, o intuito das intervenções pode continuar sendo o mesmo. Todavia, processá-la teria a virtude de elucidar o que se objetiva e, conseqüentemente, a experiência reflexiva pode colocar o Psicólogo do Esporte – ou o *Coach* – diante de outra forma de abordar a realidade, diante da complexidade do atleta (pessoa) atendida, bem como do relacionamento interpessoal nessa situação.

Isto consente um ponto de partida para pensar a atuação em relação ao outro, considerando as vivências, as experiências da realidade interpessoal, bem como o modo como se situa no processo prático a aplicação de conhecimentos técnicos.

O caminho reflexivo, segundo Anderson, Knowles e Gilbourne, (2004), alude a indagações da atuação do Psicólogo do Esporte, e aqui também do *Coach*, ampliando reflexões, no sentido do repensar sobre si mesmo como profissional e também, de maneira mais extensa, ampliando o espaço do profissional, como atuante, que vive e que tem o seu lugar mundo.

Diante a isso, o pensamento reflexivo traz para o campo de discussão um caminho que elucida e fornece elementos que auxiliam a repensar essa atuação. A reflexividade impulsiona um constante olhar para a prática, para as atitudes tomadas, para novas formas de solucionar problemas. Refletir sobre a prática leva à observação de elementos até então ignorados, mas que ajudam a dar sentido para a ação, pois a reflexão, como definida por Boud Koeghe Walker (apud Anderson, Knowles & Gilbourne, 2004, p. 191) “é uma atividade cognitiva que ajuda o sujeito a ligar o conhecimento profissional, a prática e a emergência do conhecimento em ação à consciência”.

Um caminho em busca da prática reflexiva requer que o profissional assuma responsabilidades em relação ao sujeito, à atuação e à própria profissão (Anderson, Knowles & Gilbourne, 2004, p. 196). Para assumir essas responsabilidades faz-se necessário que, durante a formação, este profissional seja confrontado com formas de resolver problemas, pensar sobre soluções que impliquem cada caso em sua totalidade.

Considerar a pessoa em sua subjetividade, como sujeito uno, singular, pode elucidar a importância de uma relação dialógica com esse, pois é a partir desse tipo de relação que pode ser explanado o que é, segundo a visão de mundo do próprio sujeito, aquilo que nos é confirmado. Nessa perspectiva, pretende-se verificar como os Psicólogos do Esporte e os *Coaches* se percebem refletindo sobre sua prática de atuação.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma pesquisa surge invariavelmente na presença de indagações e inquietações que se dão como vivências situadas que instigam a entender a dinâmica que envolve aquele cenário que se quer investigar. O cenário epistemológico da abordagem qualitativa é sustentar o foco na compreensão e na investigação do que se quer conhecer, sendo que o pesquisador assume o

caráter intencional da pesquisa, abstendo-se de supor-se numa posição de neutralidade. O conhecimento não é visto como uma simples descoberta, mas como um processo que passa pela problematização do tema ser conhecido (Martins & Bicudo, 1989).

Esse estudo pretende adentrar a práxis de Psicólogos do Esporte e *Coaches*, na busca por conhecer como esses se percebem atuando, o que possibilita o acesso a seus modos de pensar a prática. Compreender o processo reflexivo, não a partir de categorias prévias, mas a partir do modo como se manifestarem numa “produção intersubjetiva de relatos de experiências” (Barreira, 2017) que remonta aos próprios momentos em que sucederam tais experiências, corresponde a desvelar um recorte central do próprio engendramento da atuação desses profissionais. Secundariamente, esse conhecimento poderá sinalizar para eventuais estratégias de aperfeiçoamento e condução da prática profissional de *Coaches* e Psicólogos do Esporte, notadamente no que se refere ao tratamento interpessoal.

Por muito tempo predominou na pesquisa empírico-fenomenológica no Brasil uma perspectiva representativa do objeto investigado. Nesse sentido, ao longo de cerca de três a quatro décadas, certos desenhos procedimentais definiam o objeto investigado com base em seu significado.

Martins e Bicudo (1989), quando descrevem o objetivo da pesquisa fenomenológica como sendo alcançar os significados atribuídos pelo sujeito à situação pesquisada, apontam na direção que, na perspectiva fenomenológica, os dados são concebidos como resultados das significações resultantes da tematização do sujeito acerca do evento. Para tanto, é preciso situar o fenômeno. Situar um fenômeno é situá-lo segundo um sujeito que o está vivenciando, sendo, pois, uma relação de intersubjetividade. (Holanda, 2007, p. 49).

Sem que haja incorreção quanto a esses procedimentos, vale notar que sua definição de objeto da pesquisa fenomenológica é restritiva com relação aos próprios fins e potenciais da fenomenologia clássica, isto é, da fenomenologia desenvolvida por Edmund Husserl. A partir da presença regular da filósofa italiana Angela Ales Bello no país, argumenta Barreira (2017), uma nova compreensão da abordagem sinalizava para o fato de que a perspectiva fenomenológica de pesquisa em Psicologia não deve se fechar em propostas procedimentais específicas, mas está, por sua própria natureza filosófica, aberta a se desenvolver de acordo com percursos que escalonem aproximações às “coisas mesmas”. Assim inúmeras investigações passaram ser realizadas como novos desenhos metodológicos. Um novo modelo veio sendo teorizado e proposto a partir de algumas dessas investigações, seguindo-se pela apresentação de novos conceitos operativos para sua consecução (Barreira & Ranieri, 2013; Barreira, 2017, 2018). Segundo esse modelo o objeto que melhor corresponde a uma pesquisa fenomenológica não é um “significado atribuído”, mas um “objeto de experiência”, o que

requer, quando se faz uso de entrevistas, questões disparadoras que recuem à experiência vivida pelo entrevistado: não se trata de apreender o que o entrevistado pensa sobre, como ele dá significado a algo, mas como ele percebe, apreende, vive, determinada experiência a fim de que a análise exponha as vivências intencionais e pré-reflexivas que a constituem. Para o recuo junto à experiência, além das questões apropriadas, vale-se do uso da “escuta suspensiva” que almeja cumprir uma “coleta de dados” que, mais precisamente, equivale a uma “produção intersubjetiva de relatos de experiência” que passará por um processo analítico denominado “cruzamento intencional” (Barreira, 2017, 2018). Conforme esse autor, a operacionalização da *escuta suspensiva* equivale a um processo dinâmico e eminentemente intersubjetivo, pautado num ir e vir dialógico entre entrevistador e entrevistado. Embora se possa supor várias qualidades de *escuta suspensiva*, como versões hermenêuticas, a que se efetivou aqui é orientada pela compreensão empática, isto é, almeja compreender a experiência relatada pelo entrevistado, aprofundando-se nesta experiência junto ao entrevistado por meio de questões que favoreçam sua expressão. Nesse sentido, não se trata de neutralidade, mas de uma condução intencional do entrevistado, a partir das perguntas do entrevistador, a relatar suas próprias experiências, retomar o envolvimento com elas e expressá-las. O entrevistador se abstém de interpretar, de dar o sentido da fala por presumido, de explicar, de aplicar as próprias ideias à fala do entrevistado, atitude que, na análise posterior, se estende tanto na síntese da entrevista como no decorrer do *cruzamento intencional*. A abstenção de juízos interpretativos, explicativos ou conceituais por parte do entrevistador equivale à suspensão da atitude natural, o que favorece, consequentemente, uma suspensão similar por parte do entrevistado que pode assumir a atitude personalista, atitude pela qual sua experiência pessoal vem à tona rompendo-se a camada de uma fala natural (Barreira, 2018). Essas novas possibilidades de investigação empírico-fenomenológica abrem-se na presente pesquisa para a tematização de um objeto de experiência mais abstrato que os usualmente pesquisados, uma vez que visa identificar e compreender os processos reflexivos prevalentes junto a dois grupos de profissionais que recorrem a conhecimentos de Psicologia para fazerem suas intervenções no contexto esportivo. Diferente de outras pesquisas em que este modelo foi aplicado, não se trata de focar um objeto perceptivo, como a experiência constitutiva da prática de Capoeira e a própria roda de capoeira (Valério & Barreira, 2016, 2017), a experiência de iniciar a luta em diferentes modalidades de combate (Telles, Vaitinen & Barreira, 2018), a luta corporal e a Arte Marcial (Barreira, 2010, 2013, 2017), a passagem da luta à brincadeira ou à briga na Capoeira (Melo e Barreira, 2015), a experiência de

violência no MMA (Barreira, 2019), a experiência de jovens atletas em alojamento (Salomão, Ottoni & Barreira, 2014), mas, como será detalhado, o objeto “processo reflexivo” é uma “percepção” de percepções, uma “percepção segunda”.

O universo da pesquisa constituiu uma amostra composta por Psicólogos do Esporte, em atividade no momento da coleta, que estavam intervindo no esporte de alto rendimento, pertencentes a uma confederação brasileira de esporte, vinculadas ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), sendo esses profissionais atuantes em modalidades coletivas e/ou individuais. Também pertencentes a esse universo, os *Coaches* que desenvolvem trabalhos em clubes, agremiações e/ou equipes desportivas.

O acesso e contato com os participantes, realizou-se diretamente entre o(a) pesquisador(a) e o(a) entrevistado(a), não havendo portanto, a necessidade de obter autorizações institucionais para o recrutamento desses. Esse acesso ocorreu por via do cadastro desses Psicólogos do Esporte que perfazem os profissionais da equipe multidisciplinar do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). É relevante mencionar que a proponente desse estudo atuou, entre 2012 e 2015, como psicóloga do esporte junto à Confederação Brasileira de Atletismo vinculada ao COB. Outra via de recrutamento relaciona-se aos Psicólogos do Esporte, associados da ABRAPESP (Associação Brasileira de Psicologia do Esporte). Os relacionamentos e contatos estabelecidos nesse período viabilizaram a ágil identificação e o acesso a profissionais que puderam compor a amostra intencional.

No caso de dos *Coaching*, verifica-se que esses ainda não estão elencados nas equipes multidisciplinares do COB, sendo que não encontramos nenhum registro em portarias ou órgão regulamentador que descrevesse esses profissionais no elenco de equipes desportivas. Para o *Coach*, o acesso se deu por meio de indicações dos Psicólogos do Esporte e de outros *coaches* que conheciam ou já haviam trabalhado com esses profissionais. O convite para participação nas entrevistas aos participantes ocorreu pessoalmente, ou por meio de emails, redes sociais, sites e telefones.

As entrevistas ocorreram *in loco*, nos locais de trabalhos desses profissionais, assim como em outras localidades sugeridas pelos entrevistados. Aqueles que concordaram em participar das entrevistas foram informados dos objetivos e conteúdos da pesquisa a partir de um termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I), compreendendo os pormenores sobre a gravação e transcrição do material, pontuando a garantia do sigilo de sua identidade e

do local de suas instituições, seguindo os preceitos éticos de confirmação de sua total privacidade.

Essa pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da FFCLRP Universidade de São Paulo – processo N. 56569216.3.0000.5407, o que autorizou dar início às entrevistas. Os participantes tiveram acesso à explicação minuciosa sobre a pesquisa, bem como aos contatos dos pesquisadores envolvidos, para esclarecimentos de possíveis dúvidas a respeito do estudo.

Na busca pelo meio de acesso ao objeto desse estudo, optou-se por entrevistas, em que entrevistador e entrevistado assumem diferentes posições: o primeiro conduzindo o segundo a efetivar uma narrativa em primeira pessoa sobre determinada experiência vivida (Barreira & Ranieri, 2013). Nesse contexto, o fenômeno empático desempenha uma função primordial para que a consciência do vivido vá se desvelando intersubjetivamente.

Em qualquer estudo científico, o objeto é algo que transpõe a curiosidade do pesquisador; e a entrevista fenomenológica inicia-se por meio de uma questão disparadora que norteia todo o processo da coleta (Barreira & Ranieri, 2013). Essa questão geradora deve estar concatenada com o objeto de estudo da pesquisa. No presente estudo, esse objeto é o processo de reflexividade ativo na prática interventiva do Psicólogo do Esporte e de profissionais pautados no *Coaching*. A questão disparadora foi: “Relate em sua trajetória profissional como *Coach* ou como Psicólogo do Esporte, uma experiência na sua atuação que, para você, foi significativa”.

A questão disparadora contribui para nortear a entrevista. No entanto optou-se, também pela utilização, no ato da entrevista, do Procedimento Estruturado e Adaptado de Reflexão, proposto originalmente por Anderson, Knowles e Gilbourne (2004) como roteiro de supervisão para Psicólogos do Esporte (Anexo II), para acesso às experiências desses profissionais. Este roteiro divide-se em cinco categorias e sua seleção pautou-se na amplitude de aspectos da experiência relacional em contexto do atendimento.

Como amostra intencional, a pesquisa buscou profissionais de Psicologia do Esporte e profissionais que recorrem ao *Coaching*, atuantes no momento do estudo. Foram realizadas um total de nove entrevistas, sendo cinco com Psicólogos(as) do Esporte e quatro *Coaches*, sendo esses profissionais de Educação Física. As entrevistas foram expostas na forma de relatos e analisadas cumprindo o método científico do estudo.

Cada entrevista por si só não é satisfatória para se realizar a análise fenomenológica pretendida, sendo necessário analisar comparativamente o conjunto de entrevistas. Essa

análise corresponde ao *cruzamento intencional*, uma “variação eidética ou imaginária destinada ao uso em pesquisa empírica” (Barreira & Ranieri, 2013, p. 464).

A análise dos dados pautou-se na perspectiva fenomenológica, que se dispõe no âmbito do método qualitativo de pesquisa em Psicologia e se propõe como base filosófica para sistematizar um caminho de reflexão em torno da experiência humana. Ales Bello (1998) e Mahfoud e Massimi (2013) propõe esse procedimento como arqueologia fenomenológica das culturas, cuja finalidade é identificar e descrever os sentidos que constituem essencialmente o objeto estudado. Isso quer dizer que se deve focar nos interesses das experiências vivenciais, lançando mão do fenômeno a ser estudado a partir de situações peculiares dos relatos dos sujeitos, com a finalidade de apreendê-lo no modo com que aparece para aqueles que o vivenciam.

Ancorados na orientação fenomenológica, procuramos atingir aspectos relacionados com a prática reflexiva de profissionais de *Coaching* e Psicólogos do Esporte, ponderando a vivência desses sujeitos, no sentido de compreender a maneira como se manifesta a articulação entre a situação tematizada, a ação empreendida enquanto tal, a motivação anterior à ação e a apreciação da mesma posteriormente a sua consecução.

O segundo aspecto relaciona-se à adoção do procedimento de interrupção das entrevistas que foram norteadas pelo critério de inclusão dos participantes (Psicólogos do Esporte e os *Coaches* que desenvolvem trabalhos em clubes, agremiações e/ou equipes desportivas).

3.1. Fundamentos metodológicos da investigação empírico-fenomenológica

Para trilhar uma fundamentação metodológica ancorada na fenomenologia, a pesquisadora pautou-se numa problematização atenta de seu objeto de estudo, cuja principal finalidade era reconduzi-lo à experiência vivida pelos sujeitos, tornando-o um objeto de experiência, conforme preconizado por Barreira (2017). No caso o objeto de estudo que está em questão são os processos de reflexividade dos Psicólogos do Esporte e *Coaches* em sua atuação prática. Essa problematização inicial visa atender a pressupostos da pesquisa fenomenológica que têm a pretensão de romper a camada representativa dos fenômenos, desprendendo-se da ideia de conteúdos significativos para entrar na experiência que manifeste as coisas mesmas. Assim, os procedimentos procuram se comprometer com a finalidade de explorar o objeto da experiência, ou seja “o pensar”, o refletir sobre sua prática por parte dos

Psicólogos do Esporte e profissionais pautados no *Coaching*. Esse tipo de exploração do objeto, os quais compõem filosoficamente o método, não comparece nos estudos em Psicologia do Esporte caracterizando esse tipo de estudo como pouco explorado (Ranieri, 2011). Nas palavras de AmatuZZi (2007, pp. 19-20):

Que tipo de pesquisa é a fenomenológica? É basicamente uma pesquisa de natureza (Husserl falava do conhecimento de essências). Ela pretende dar conta do que acontece pelo clareamento do fenômeno. Não pretende verificar, mas construir uma compreensão de algo. Se o fizer a partir da experiência comum, teremos a pesquisa fenomenológica no sentido mais filosófico do termo. Se o fizer fundamentando-se numa análise objetiva de dados, teremos a pesquisa fenomenológica no sentido mais empírico do termo, isto é, no sentido que se baseia numa análise sistemática de registros de experiência.

Como subsídio para a preparação do método selecionado e de suas particularidades, faz-se necessário uma passagem por escritos de autores que possuem sustentação teórica similar, empregando o método em distintas linhas da pesquisa. Para Giorgi (2008, p. 36), cuja sistematização metodológica, é uma das mais conhecidas na Psicologia fenomenológica, deverá ancorar-se na experiência vivencial. Assim, o autor argumenta, que:

O objetivo do método que desenvolvi foi esclarecer a natureza do fenômeno (essência do fenômeno) que estava estudando, no sentido científico tradicional normativo (sistematizar cientificamente o que se faz). Minha pesquisa adotou a seguinte linha: o que significa psicologicamente aprender, lembrar, perceber, imaginar e assim por diante? Quais são as realizações e quais são os obstáculos para a realização de tais fenômenos, como eles aparecem no fluxo de nossa experiência? (Giorgi, 2008, p. 36, tradução própria).

Os escritos de Edmund Husserl seguem um rigoroso percurso analítico filosófico, o qual posteriormente obteve nos trabalhos de Ângela Ales Bello explicações descritivas que apropriaram didaticamente os elementos da fenomenologia para uso nas ciências humanas. Inicialmente esses processos preparam o pesquisador para a reflexão mediante a coleta de dados, considerando o objeto de pesquisa, bem como uma observação pormenorizada das narrativas acessíveis nos registros gráficos, consentindo a compreensão e descrição futuras (Ales Bello, 1998).

3.2. Fenomenologia e o Processo Reflexivo

Pontuando a sustentação filosófica, o método fenomenológico é privilegiado para apreender o significado edificado como vivências do próprio sujeito permitindo operar análises do sentido e das experiências expressivas da própria subjetividade de Psicólogos do Esporte e profissionais pautados pelo *Coaching*. Nesse ensejo, atribui-se apropriadamente o

valor ao saber da experiência desses profissionais, ao invés de explicá-los e esquadrihá-los por uma teoria científica já consolidada.

O propósito do pai da fenomenologia clássica, Edmund Husserl (1859-1938), foi o engendramento de uma ciência filosófica voltada ao estudo daquilo que se manifesta à consciência intencional, ou seja, *consciência de*. A fenomenologia como ciência e método teórico-filosófico preciso, aponta para a reflexão sobre os fenômenos daquilo que se manifesta, isto é, para as experiências vivenciais. Em termos dos objetos e objetivos, os caminhos metodológicos da fenomenologia convidam o pesquisador a entrar em contato com os conteúdos vivenciais pré-reflexivos a fim de apreender sua configuração e, em última instância, sua constituição mais elementar. No caso da pesquisa empírico fenomenológica em Psicologia, um dos recursos mais utilizados para mediar esse acesso é o uso de entrevistas. Assim como no trabalho puramente filosófico, opera-se com a *epoché* (suspensão fenomenológica) também na interlocução do pesquisador junto aos entrevistados, afastando gradativamente a posição prévia de uma ciência e suas teses como aquilo com o que, usualmente, se considera os objetos práticos, como pré-conceitos ou pré-juízos. O pesquisador ao assumir uma atitude fenomenológica, adota um posicionamento em que deixa de lado as pré-teorias de que naturalmente se vale ao olhar para o objeto, adotando a perspectiva de ressaltar aquilo que se manifesta a partir das coisas mesmas, no caso a expressão da experiência do entrevistado. Para que se possa acessar as vivências, sendo estas reveladas em primeira pessoa pela narrativa, faz-se indispensável um novo modo de se nortear, completamente distinto da direção natural na experiência e no pensar (Husserl, 2006). Esse processo denominado de redução fenomenológica ou redução *eidética*, tem o sentido de apreender a compleição do objeto, a fim de compreendê-lo e descrevê-lo (Ales Bello, 2004). Nesse percurso, de acordo com essa proposta investigativa, será possível identificar o lugar e os significados das experiências dos Psicólogos do Esporte e *Coaches* como um panorama existencial, na busca de como se configuram tais vivências. Há ainda que se considerar, como se verá, a necessidade de haver um próprio movimento do entrevistado, a partir de iniciativas do entrevistador, em direção às suas próprias experiências, uma vez que ele mesmo, o sujeito da experiência, também age a partir de uma posição natural, isto é, muitas vezes descrevendo o que faz menos da perspectiva da experiência, do que dos fatos, das ideias prontas, prendendo-se aos saberes teóricos que o orientam.

A fenomenologia tem como âmago explicitar o sentido das coisas do mundo para o sujeito. Essa busca pode ser realizada nos movimentos e nas atividades cotidianas e

científicas. Esse movimento e impulso surgem de uma inquietação que ocorre em uma situação vivida, cujas experiências o indivíduo pode indagar pelo que se quer conhecer, por aquilo que causa desassossego ou, simplesmente, pela curiosidade na resolução de um problema (Bicudo, 2011).

Fenomenólogos concordam sobre a ideia de que a realidade é vivida por meio da consciência e que esta é sempre dirigida para o mundo real, para o objeto ou, mais precisamente, para a coisa. Já a operação fenomenológica, a exemplo da hermenêutica, não apenas permite começar a interpretar o objeto de uma forma significativa, mas, avançando em relação à finalidade interpretativa, almeja ir ao encontro das próprias coisas, elucidando-as do modo como se mostram. Assim, ultrapassando a preocupação com a questão do ser, a Fenomenologia se ocupa com a esfera primeira que é a dimensão do sentido e de sua constituição vivencial (Branco & Mahfoud, 2013).

Para Murata e Barreira (2012), o método fenomenológico, aqui descrito como “o retorno às coisas mesmas”, consente examinar de fato o fenômeno em torno da prática reflexiva, suas consequências e as implicações da ação, bem como o seu contributo para a atuação dos Psicólogos do Esporte em ação, desvelando questões até então não ponderadas por aqueles.

Sustentados em Husserl (2012), entende-se que o fenômeno de pesquisa é colocado em suspensão, ou *epoché*. Isso quer dizer que os pré-conceitos do pesquisador sobre o tema de pesquisa também estão em suspensão e, assim, ele os põe em atenção para que suas concepções não conduzam deterministicamente o movimento de pesquisa.

De acordo com Alles Belo (2006), a etimologia da palavra fenomenologia remete à reflexão daquilo que se mostra ou sobre o fenômeno, ou seja:

Quando dizemos que alguma coisa se mostra, ela se mostra a nós, ser humano, a pessoa humana. Isso tem grande importância. Em toda história da Filosofia sempre se deu muita importância ao ser humano, àquele a quem o fenômeno se mostra. As coisas se mostram a nós. Nós é que buscamos significado e sentido daquilo que se mostra (Alles Belo, 2006, p. 18).

Para Alles Belo (2006), fenômeno designa não somente os elementos, mas os abstratos como o pensar, os significados dos fatos culturais dentre outros, busca-se então o sentido das coisas. No caso da presente investigação, interessa “o pensar” numa situação prático profissional, sendo esse processo dos sujeitos a “coisa” examinada, ora tratada por reflexividade.

Posto isso, deve-se pontuar agora qual o papel que, nessa pesquisa, será atribuído à reflexividade. A proposta de supervisão pautada na reflexividade de Anderson, Knowles e

Gilbourne (2004) é convertida aqui, a exemplo do que empreenderam Murata e Barreira (2012), num procedimento investigativo em que certas questões dispararam o processo reflexivo permitindo coloca-lo em ação, chamando-o a se manifestar durante a interlocução de entrevistado e entrevistador. Trata-se de, aludindo a um tipo de situação, circunscrever junto aos sujeitos pesquisados uma observação de sua ação, ou seja, partindo da descrição de algo que se fez, avançar tematizando-a com relação a *como se fez* e aos *motivos da ação*, sem esquecer também daquilo que, após o exame, o sujeito entenda que *deveria ser feito* numa ocasião similar. A reflexividade manifesta-se como a articulação entre uma dada ação num tempo presente - mesmo se, forçosamente, apreendida apenas em retrospecto -, suas motivações prévias e sua posterior avaliação.

É relevante pensar nas demandas que chegam ao *Coach* e ao Psicólogo do Esporte, seja por parte da equipe, dos técnicos e dos próprios atletas. Esse processo, denominado de reflexividade, incentiva um constante “olhar” para a prática, para novas formas de solucionar problemas. E esse “pensar” de maneira reflexiva, na busca de trazer uma discussão que auxilie na elucidação de elementos que ajudem a repensar essa atuação.

3.3. Entrevistas fenomenológicas

A elaboração de um instrumento de coleta de dados deverá estar condizente com a proposta investigativa, remetendo a uma situação que permita a descrição das experiências vivenciadas. Esse instrumento pode ser nomeado como entrevista fenomenológica. A entrevista fenomenológica fundamenta-se num processo de interlocução entre um entrevistador e um entrevistado, em que a postura admitida pelo primeiro norteia a abordagem de um tema peculiar, na qual o segundo expressa uma narrativa oral pautada em sua própria experiência vivida (Barreira & Ranieri, 2013).

As entrevistas foram baseadas em um roteiro pré-estruturado e aberto, partindo de uma questão disparadora e central. A questão inicial, a nortear a entrevista, pautou-se numa pergunta em que se solicitou ao(a) entrevistado(a) para que esse(a) relatasse sobre uma experiência de atendimento com atleta(s), como *Coach* ou Psicólogo do Esporte, em sua vivência profissional. O pesquisador/entrevistador então, encoraja o entrevistado a refletir sobre sua experiência profissional, assim como detalhá-la o máximo possível (Dale, 1996). Como o objeto investigado encontra na reflexão múltiplas faces e posições, como o passado, o presente, o futuro, as variações condicionais e hipotéticas, bem como as avaliações, a

pergunta geradora pode se desdobrar, sempre que o entrevistador perceba ser necessário para o esclarecimento do que escuta, em questões consequentes a essa multiplicidade, dando acesso a um movimento reflexivo. Para nortear essas indagações sequenciais, lançamos mão do uso do Procedimento Estruturado Adaptado de Reflexão, proposto originalmente por Anderson (2004) como roteiro de supervisão para Psicólogos do Esporte (Anexo II).

Este roteiro divide-se em cinco categorias e sua seleção pautou-se na amplitude de aspectos da experiência relacional em contexto do atendimento. Esses aspectos pontuam desde uma descrição de uma experiência marcante, até as avaliações do próprio desempenho, da eficácia do modo procedido, da intersubjetividade, às alternativas de conduta e lições tiradas do evento. As cinco categorias são: 1. Descrição da Experiência de Consulta; 2. Reflexão; 3. Consequências das Ações; 4. Táticas Alternativas e 5. Aprendizado. O Procedimento Estruturado Adaptado de Reflexão é um roteiro norteador para o curso das entrevistas, permitindo a coleta de depoimentos acerca de experiências práticas com uma ampla consideração pelos variados aspectos perceptivos da situação (Murata & Barreira, 2012).

Diante desses apontamentos, verifica-se que esse tipo de entrevista configura-se como flexível, considerando as maneiras espontâneas de resposta do entrevistado, possibilitando o acesso dialógico às experiências que mobilizam a reflexão e a expressão do pensamento na entrevista. Essa maneira de investigação predispõe uma manifestação livre das experiências subjetivas, permitindo que o entrevistador, intervenha durante o processo, de forma adequada, consentindo direcionamentos potenciais, condizentes à expressão da experiência, respeitando o livre fluxo de consciência do entrevistado (Kidder, 1987). Deste modo, o entrevistador deve assumir um posicionamento cauteloso em relação aos relatos dos sujeitos para realizar intervenções que norteiem o entrevistado a expressar sua experiência. Para este fim, o posicionamento rigoroso do entrevistador deve se voltar para o que é chamado de fala primária, superando a fala secundária.

O que importa na pesquisa de orientação fenomenológica é ir além do sedimentado como conhecimento já possuído (e guardado na memória), e buscar aquela origem anterior às explicações, para, a partir dela, reconstruir os significados tendo a indagação do pesquisador como instigação. [...] é a vivência anterior às formulações elaboradas (Amatuzzi, 2007, p. 14).

Com relação ao método gravado e posteriormente transcrito, indica-se a leitura atenta dos relatos para análise, o que consente ao pesquisador, apreender nuances manifestas, assim como descrever pormenores que poderão emergir, considerando o objeto investigativo.

O entrevistador, por meio de suas indagações, conduz o entrevistado para um norte que o possibilite relatar como ele próprio vive suas experiências, como compreende as coisas do mundo, se guia, realiza seus feitos, dentre outros. Seu relato é empírico e trata-se de uma direção para a posição do eu concreto empírico, pessoalmente posicionado em referência à sua experiência própria. A essa orientação dirigida para o entrevistado dá-se o nome de *orientação pessoal*.

No tocante ao universo da entrevista fenomenológica, outro ponto merecedor de atenção é a empatia, em que o pesquisador/entrevistador busca assumir uma posição empática com relação às experiências vivenciadas pelo entrevistado. Para Husserl e Edith Stein (1891-1942) “há um imediato colocar-se em relação aos outros mediante a empatia” (Pezzela, 2003, p. 113, tradução própria). Segundo Ales Bello (2006), a empatia é um ato da consciência, um ato de reconhecimento de um semelhante, ou seja, um outro ser humano, no compartilhamento de experiências mediante a empatia, e possível a emergência de um “nós”, a coletividade a partir da experiência vivencial em comum, em seu rigoroso sentido. Ainda que o reconhecimento do outro enquanto outro, ou seja, a empatia, seja imediata, a compreensão do outro e de seus posicionamentos, isto é, o acompanhamento do que é experienciado pelo outro, seja diretamente, seja mediante relatos como os que se passam na entrevista, pode não ser evidente, exigindo operações que a favoreçam.

Ales Bello (2004) menciona que a empatia como o ato de reconhecer no outro um outro eu (alter ego), “outro semelhante a mim: semelhante não idêntico” (Ales Bello, 2004, p. 118), frisa que este não é um fenômeno de identificação, mas uma possibilidade de aproximação desse outro. Edith Stein aborda a empatia como um ato peculiar, uma vivência particular do ser humano, ao contrário de abordagens psicológicas que tomam a empatia como sinônimo de simpatia, ou seu antônimo, a antipatia, que de acordo com a fenomenologia, são reações de ânimo, e, conseqüentemente psíquicas. Empatizar é reconhecer o outro como outro eu (Ales Bello, 2003, 2004, 2006). Isso não quer dizer que a empatia significa acessar a experiência da vivência do outro, mas sim compreender a experiência desse outro, e que esse é um EU diferente de mim. Em uma síntese singular do fenômeno, Pezzela (2003, p. 110, tradução própria) define a empatia, considerando a perspectiva psicológica de Edith Stein:

Um instrumento natural, imediato, tipicamente humano através do qual se consegue colher e compreender os outros seres humanos, as suas vivências, os seus estados de alma, os seus sentimentos. Não é uma prática que se aprende ou aplica quando há necessidade, mas é co-natural ao ser humano.

Ao considerarmos o papel da intersubjetividade, fazemos alusão ao argumento da professora Angela Ales Bello sobre uma aquisição gradual da consciência de si por meio de uma permuta contínua com o outro (Ales Bello, 2003), ou seja, “Nós nos comunicamos no nível das estruturas, porém cada um vivencia conteúdos diferentes, especificidades próprias, peculiaridades próprias” (Ales Bello, 2004, p. 119). A intersubjetividade corresponde à subjetividade compartilhada, à compreensão de como as coisas se dão de modo comum. Para Husserl, a relevância da vivência encontrava-se na estrutura fundamental, de caráter universal (essência, *eidos*), e não no conteúdo, sendo esse diferente de um ser humano para outro. No entanto, mesmo se as possibilidades das vivências são as mesmas entre as pessoas, ou melhor, mesmo se as estruturas essenciais dessas vivências forem universais, o conteúdo vivido em suas potencialidades em primeira pessoa é distinto (Ranieri, 2011).

Conforme Barreira e Ranieri (2013), a empatia perfaz toda relação humana, mesmo que se distinga em seus níveis. Este vínculo consente partilhar subsídios essenciais e determinantes do movimento subjetivo cuja explicitação só é admissível se houver o deslocamento da atitude natural para atitude fenomenológica¹.

Nesse raciocínio, podemos pontuar que “uma comunicação desse nível durante a entrevista está naquilo que é suscitado junto ao entrevistador pela experiência relatada do entrevistado, chamando sua atenção para o esclarecimento intersubjetivo que se faz num ir e vir dialógico” (Ranieri & Barreira, 2010, p. 5). Os autores persistem em argumentar que, para o entrevistador, os seus objetivos devem estar pautados na elucidação do fenômeno, reconduzindo, assim, a entrevista para a experiência vivida.

É válido atentar para os tipos de narrativas sobre as experiências do sujeito, que pode ser mais um relato em torno da experiência do sujeito, não na busca pela recordação em primeira pessoa ou na tentativa de reviver a experiência. Esses aspectos, apesar de possuírem elementos discursivos do sujeito, não consistem na atuação do movimento vivencial empático, na acepção do desdobramento intersubjetivo, configurando esse movimento como subentendido, sugerindo um tipo de apreensão e testemunho intuitivo por parte do pesquisador, o que denota apenas a obtenção do conteúdo manifesto.

Ao considerarmos a entrevista fenomenológica, verifica-se que essa constitui-se como um instrumento necessário para a investigação com base numa perspectiva fenomenológica, uma vez que procura o entendimento daquilo que o sujeito está narrando, da forma peculiar

¹ Atitude natural, segundo Husserl (2000), não se atém com a crítica do conhecimento. Ou seja, a atitude natural nos é presente intuitiva e intelectualmente para as coisas que nos estão dadas cotidianamente. O autor ainda completa que a atitude fenomenológica implica o despertar da reflexão sobre a relação entre conhecimento e objeto.

como esse vivenciou a experiência, propiciando assim expressões que recuperem a experiência empírica em seu sentido vivido. Interessante pontuar que atributos primordiais deste tipo de entrevista abrangem a ativação da empatia, no intuito de permear o movimento dialógico conduzido pela finalidade de alcançar a experiência vivencial de outrem. Esse tráfegar na dialogicidade por parte do pesquisador, só poderá concretizar-se mediante o direcionamento, a partir da alteração do estilo natural para a empático-psicológica, para que a expressão do entrevistado tenha como origem a experiência do vivido, o que faz com que o sujeito adentre num movimento característico que norteia a orientação pessoal, dando espaço para a fala primeira (Barreira & Ranieri, 2013).

Embora a entrevista fenomenológica acione a reflexão ela não é propriamente uma entrevista reflexiva, caso por reflexiva se compreenda uma entrevista presa às reflexões do sujeito. Seu objetivo não é abranger reflexões, mas sim, por meio de reflexões, sempre que necessário, explicitar as experiências vivenciadas, o que se distingue de uma narrativa racionalista ou especulativamente indiscriminada sobre o assunto. Ao contrário, o objetivo é que a partir das questões colocadas pelo entrevistador/pesquisador, o entrevistado faça um movimento reflexivo de volta às próprias experiências e de volta a si mesmo, na medida em que a entrevista requer o acesso à experiência tal e qual vivenciada pelo sujeito entrevistado. Esse movimento reflexivo não tem o desígnio de discorrer *sobre* o assunto, sobre porquês, articulações, tensões, razões, consequências, abstrações, mas tem o sentido de realizar um movimento expressivo, significativo que comprometa o processo reflexivo em questão com a tarefa de penetrar a sua experiência própria.

3.4. Redução *eidética*

Ao se realizar uma pesquisa, deve-se atentar ao processo de análises, o qual deve seguir criteriosos pressupostos metodológicos baseados numa fundamentação teórica coerentemente ancorada e adequada ao objeto tematizado. Nessa perspectiva, faz-se necessário possuir um instrumento de coleta de dados pertinente, o que pode favorecer o levantamento do conteúdo vivencial no fluir da narrativa, inseridos no contexto profissional dos sujeitos, aqui descrito como Psicólogos do Esporte e *Coaches*, no meio esportivo. É relevante salientar que a construção de um roteiro aberto de entrevista deve estar direcionada para a busca reflexivas das experiências dos sujeitos. No entanto, o empenho necessário para

a coleta do relato do sujeito deve estar atrelado com a definição do método, assim como também com a elaboração do instrumento de coleta de dados.

No que tange à análise das narrativas transcritas, no sentido do pesquisador/entrevistador assumir uma postura reflexiva e crítica, esse deverá também posicionar-se junto a esse material, abstendo-se de seus pré-juízos, pré-conceitos, pré-definições, na busca por adotar uma atitude de “deixar falarem as coisas mesmas” (Ales Bello, 2004, p. 80). Assim, o pesquisador deve se preparar para mergulhar na experiência vivida, se enveredando pelos relatos transcritos, indo a fundo para tentar apreender os elementos vivenciais, aqui no caso a experiência reflexiva dos(as) entrevistados(as), responsáveis pela constituição da experiência. Todo esse artifício não pode ser considerado tarefa simples, muito menos imediata, mas sim voltada para uma escavação minuciosa e gradativa, denominada de *redução fenomenológica* ou *eidética*². Essa redução extrai das narrativas dos entrevistados tudo aquilo que não condiz com o fenômeno, evidenciando precisamente o resíduo sem o qual o fenômeno se destituiria de sua consistência.

Mas isso não quer dizer que o processo de análise fenomenológica esteja concluído com a realização das entrevistas pautada na *escuta suspensiva*. Por *escuta suspensiva*, entende-se um momento que antecede a análise intencional propriamente dita, embora já se oriente almejando a melhor aproximação à intencionalidade constitutiva do fenômeno tematizado. Nessa perspectiva, nos amparamos dos pressupostos conceituais que nos consentem realizar a transposição da fenomenologia como filosofia para as pesquisas fenomenológicas em Psicologia (Mahfoud & Massimi, 2013). Nesse mesmo raciocínio, verifica-se que assim como a fenomenologia não se interrompe na *epoché*, a pesquisa em Psicologia fenomenológica não se satisfaz pela consecução de suas entrevistas. A *epoché* é uma atitude que dá acesso aos fenômenos propriamente ditos, é uma maneira de se compreender que as coisas conhecidas só existem na relação com sujeitos do conhecimento: fora dessa relação as coisas podem existir, mas não são conhecidas e, portanto, não podem ser investigadas. No entanto, aquilo que se desvela pela *epoché* ainda precisa ser concretizado com as reduções fenomenológicas que perfazem os pormenores que esboçam a estrutura vivencial do fenômeno e dos atos que lhe sustentam. É válido verificar que o elo entre *epoché* e empatia, estabelecidos durante cada entrevista, provê uma percepção singular da experiência de cada sujeito investigado (Barreira & Ranieri, 2013).

² Grifo próprio.

Ainda que a fenomenologia permita caminhos que consinta uma abertura à singularidade, o estudo organizado que leva à redução fenomenológica não poderia ser restrito apenas com a singularidade das experiências de um único sujeito. Nesse aspecto, deve-se também advertir que nenhum estudo fenomenológico conseguiria delinear suficientemente a singularidade de um sujeito, pois isso significaria reduzi-lo no sentido de distorcer a subjetividade enquanto abertura pessoal constitutiva (Barreira & Ranieri, 2013). Assim, diferentemente, quando se considera a singularidade do sujeito em investigações do tipo, mais precisamente, trata-se de apreender a experiência singular do sujeito, isto é, como determinada pessoa vivencia dada experiência, considerando as particularidades que a situam junto a quem a viveu. Para o resultado não restar como descrição da experiência particular de alguém, mas ter um estatuto científico que almeje apreender seus traços essenciais, deve-se transpor a singularidade da experiência de cada sujeito no rumo de uma experiência genérica, ampliada. Essa ampliação perfaz o significado que se pretende apresentar de modo sistematizado. O processo de objetivação dessa experiência configura-se como um processo contrário à objetivação da subjetividade, direcionando aquelas vivências que precedem e configuram as subjetividades individuais e coletivas.

Com relação à redução *eidética*, verifica-se que essa é possível pela suspensão de juízos prévios, favorecendo identificar as unidades de sentido que correspondem às situações das experiências elucidadas ou especificadas a partir de exemplos de relatos, expondo o significado que aquela unidade possui. Esses relatos manifestam as experiências de variadas maneiras e essas atualizam, de forma velada, as vivências intencionais que as estruturam. Quando uma vivência surge numa orientação natural, pessoal e psicológica, pode-se saber que essa experiência vivencial vem imbuída de outras vivências e posicionamentos prévios e não explorados. Esse processo de elucidar as vivências constitutivas do fenômeno analisado, é entendido como cruzamento intencional.

Embora não se encerre aí, o cruzamento intencional condiz com uma adequação da *variação eidética* ou imaginária designada ao uso nas pesquisas empíricas. Sua finalidade é abarcar o conjunto das narrativas das diferentes entrevistas como variações das experiências vividas. A *variação imaginária* tem como função contemplar as inúmeras revelações de um fenômeno, na intenção de descrevê-lo denotando o que lhe é essencial. Ou seja, separar pressupostos secundários, ou casuais, no sentido de sustentar apenas as características *sine qua non*, isto é, sem as quais o fenômeno não seria mais reconhecido como verdadeiramente ele se mostra.

Nesse processo de cruzamento entre as experiências particulares levantam-se os as vivências intencionais e os elementos *eidéticos* que possibilitam a configuração de significados do fenômeno contextualizado. A ação de cruzar essas informações constitui um processo *intencional*, em duas acepções: a primeira como uma ação deliberada do pesquisador; a segunda acepção condiz com a apreensão da intencionalidade própria do fenômeno pesquisado que se evidencia mais claramente pelo encontro entre as diversas experiências relatadas.

Nesse sentido, o pesquisador assume uma posição ativa, abrindo-se para a experiência do outro. Entretanto, o fato do pesquisador admitir uma posição permeável diante das experiências vividas pelos sujeitos entrevistados, consente que ele desempenhe as funções mais subjetivas, o que corresponde às reduções fenomenológicas. Esse processo não visa buscar as diferentes representações da experiência, mas a configuração de seu significado. O que se configura como uma representação ou significado pressupõe elementos mínimos que tornam possíveis essa configuração, sendo esses os elementos constituintes daquilo que poderá se edificar como objeto. A apresentação dos diferentes fenômenos, assim como os distintos aspectos que perfazem suas facetas possíveis, admite demonstrá-lo tanto em sua organização intencional quanto em diferenciações peculiares de sua manifestação existencial. Do mesmo modo, é admissível identificar os sentidos das experiências vividas na vida de cada sujeito, na busca por compreender como estas experiências se situam existencialmente, mas, em especial, como elas são constituídas intencionalmente. Assim, verifica-se que o *cruzamento intencional* perfaz a meta sistematizada da pesquisa fenomenológica em Psicologia aqui proposta.

Na sequência conceitual dos procedimentos metodológicos que engendram a pesquisa fenomenológica em Psicologia, temos a análise *eidética*. Para Giorgi (2008), ainda que não unicamente, “o que conta para a generalização dos resultados finais da investigação seja o número de vezes que o fenômeno, o objeto de estudo da pesquisa, se repete ao longo dos protocolos da investigação” (Giorgi & Souza, 2010, p. 77). No *cruzamento intencional* o que realmente interessa é o espaço consubstancial que a vivência tem no interior do fenômeno. Quando as categorizações são delineadas, a quantidade de vezes que uma temática aparece nos relatos merece atenção de acordo com sua maior ou menor expressividade entre os momentos da experiência. Ademais, o desenho de categorias de um conjunto inicial ainda passará pela redução intersubjetiva, parte determinante de um cruzamento intencional aprofundado. Nesse aspecto, é relevante estar a par, então, de que aquele número de categoria

não contempla necessariamente a importância de uma faceta da experiência. Em algumas situações, é o mergulhar elucidativo de uma única entrevista que clarifica a estruturação do fenômeno em consonância com as demais experiências vividas por outros participantes, desvelando elementos organizados da intencionalidade. A conferência disso não deve estar pautada em qualquer tipo de quantificação, mas, considerando as vivências alcançadas sob a redução intersubjetiva. Ou então pelo retorno à variação imaginária com a qual se faz um teste de hipótese, que consiste em responder as perguntas: caso aquela vivência não operasse, ainda existiria o fenômeno? Caso não seja um componente invariável, ele ainda é expressivo para ser proposto como elemento constituinte de certas características eminentes? (Barreira, 2017).

Nessa perspectiva, tem-se em mãos uma estrutura vivencial inalterável do fenômeno e, casualmente, probabilidades eficazes concernentes ao fenômeno relacionadas à sua direção temporal e às condutas particulares de seus sujeitos. Deste modo, o *cruzamento intencional* encontra inúmeros níveis de constatação e sua investigação vincula-se às limitações conceituais e psicológicas que possam comparecer durante a *produção intersubjetiva de relatos de experiência*, o que incidirá na qualidade do material submetido à análise final (Barreira, 2017).

3.5. Arqueologia Fenomenológica como método

Ancorada e sustentada pelas bases filosóficas, buscando rigor científico, a Fenomenologia possui um amplo campo de discussão com outras ciências, com seus diversos fenômenos, inclusive fomentando debates sobre ela mesma. No intuito de contemplar os objetos de pesquisa com a Fenomenologia como método, faz-se necessário trilhar determinados caminhos, o que segundo Angela Ales Bello (1999, 2004) remetendo ao próprio Husserl, constitui a *arqueologia fenomenológica*, que visa uma aproximação da raiz do fenômeno (Ranieri, 2011).

Compreende-se que o significado explicitado como linguagem verbal não é o fator primordial que interessa às investigações da arqueologia fenomenológica, mas o sentido intencional, apontado nos mais diferentes produtos que cogitam ou invocam uma intenção humana, é o que a atitude fenomenológica procura alcançar em sua essência (Valério & Barreira, 2015).

Esse estudo considera o processo de edificação do objeto, ou seja, “se refere a uma operação de escavação de elementos constitutivos daquilo que é construído através das

operações sensoriais que se oferecem já prontas e formam o mundo da experiência” (Ales Bello, 1999, p. 18). Essa trajetória a ser trilhada corresponde a um caminho contrário ao qual o pesquisador percorrerá “re-visitando” o sentido da formação da experiência vivencial, ou melhor, “é uma arqueologia que visa a reconstrução” (Ales Bello, 1999, p. 18). O que nessa pesquisa busca-se identificar e compreender é como se dão os processos reflexivos prevalentes nas vivências profissionais de Psicólogos do Esporte e profissionais que usam do *Coaching*, nos atendimentos com atleta(s).

Os temas relacionados ao esporte de rendimento, assim como as práticas corporais, danças, artes marciais, e outros fenômenos culturais e artísticos, populares e tradicionais, distantes dos interesses filosóficos emergentes da fenomenologia clássica, têm na arqueologia fenomenológica um meio pelo qual sua clarificação propicia o vínculo entre Psicologia e cultura. Essa pesquisa se debruça sobre as questões da reflexividade dos Psicólogos do Esporte e *Coaches*, mediante uma contextualização e análise pautada nas aplicações da *arqueologia fenomenológica* (Valério & Barreira, 2015).

A arqueologia fenomenológica pode, no entanto, em reduções progressivas, de maneira diacrônica-sincrônica, ou seja, de modo evolutivo e simultâneo, no ato de explorar a realidade material, ter acesso às estruturas originárias do fenômeno, por meio da esfera da investigação no domínio hilético (Ghigi, 2003). Diante desse apontamento, pode-se compreender que, a *epoché* fenomenológica deve realizar um ato receptivo, “como escuta , espera das solicitações e manifestações por parte do próprio objeto; vale dizer, como uma espécie de dinamismo ou potência do objeto” (Ghigi, 2003, p. 52).

4. OS PROCESSOS REFLEXIVOS E AS EXPERIÊNCIAS

Os resultados se organizam, ancorados nos relatos dos sujeitos, o que permite a análise intencional. Por meio dessas análises, foi possível iniciar a descrição das práticas reflexivas prevalentes de Psicólogos do Esporte e *Coaches*. É relevante mencionar, que foram realizadas nove entrevistas com esses profissionais, sendo cinco Psicólogos do Esporte e quatro *Coaches*. Esse processo nos permitiu descrever as experiências do processo reflexivo desses profissionais, considerando o objeto de estudo. Tendo em vista as primeiras análises apresentadas vamos nos debruçar em uma discussão em torno das questões centrais que permeiam o modo de pensamento reflexivo nesse grupo de entrevistados(as).

É pertinente nesta etapa fazer uma rápida contextualização do lugar ocupado pelos Psicólogos do Esporte e profissionais do *Coaching*, em qual(s) modalidade(s) esportiva atuam, pois essas informações têm implicações no modo como a vivência estrutural se desdobra no posicionamento de cada um deles, e na maneira como acessam sua experiência reflexiva.

Assim, apresentaremos os relatos de todas as entrevistas, no sentido de considerarmos uma série de pressupostos e informações contextuais relevantes, capazes de auxiliar na busca por uma compreensão das respostas fomentadas pela questão geradora dessa pesquisa. Concomitante a esse processo de apresentação desses dados, ancorados no método, lançamos mão das primeiras análises no intuito de entender questões emergentes que nos auxiliaram a delinear a prática reflexiva dos *Coaches* e dos Psicólogos do Esporte.

4.1. Análise dos Relatos: descrição em síntese das experiências compartilhadas

4.1.1. Relato 1

Ao considerarmos nesse relato os processos reflexivos prevalentes nas práticas interventivas do Psicólogo do Esporte, é importante entender o processo de reflexão ou prática de reflexividade como procedimento de exame de exploração interna de uma questão de preocupação, desencadeado por uma experiência que cria e clarifica significados em torno de si mesmo (*self*) e resulta em uma modificação na perspectiva conceitual (Body & Fales apud Anderson et. al., 2004, p. 191, tradução própria).

Nesse encadeamento de ideias, podemos compreender o pensamento enquanto experiência acontecendo, ou melhor, uma fenomenologia da reflexividade. Para tanto, lançamos mão de breves descrições contextuais de relatos de Psicólogos(as) do Esporte, contemplando suas narrativas em torno de suas experiências profissionais. Esse(a) profissional(a) em questão ao ser solicitado(a) a narrar uma experiência significativa na sua atuação como Psicólogo(a) do Esporte, trouxe informações que irão embasar nossas primeiras análises.

Em sua trajetória como Psicólogo(a) do Esporte, o(a) primeiro(a) entrevistado(a), deparou-se com situações, fora do contexto brasileiro, que o(a) fez pensar em uma Psicologia do Esporte (PE) atenta às demandas que foram emergindo, e não em algo previsto ou previamente determinado por uma circunstância. No seu primeiro contato com a área da

Psicologia, numa oportunidade de trabalhar com o esporte, deparou-se com crianças em situações de vulnerabilidade. Essas crianças que viviam em um país em condições de miséria, numa região portuária, sem oportunidades de vivenciar a infância, restando então a essas, entre poucas alternativas, a prostituição. Essa condição degradante dava a essas crianças uma chance de conseguir alguma coisa, como alimento, presentes, dentre outros. Essas crianças não frequentavam escolas, tinham muito tempo ocioso, e devido a precariedade de suas moradias, passavam a maior parte de seus dias nas ruas. Era nesse ambiente que, em troca de algum bem material, demarcavam seus encontros com marinheiros ou outros adultos.

Em outra situação, agora já no Brasil, esse(a) Psicólogo(a) do Esporte, em sua busca de dar continuidade aos trabalhos com PE, encontrou alguns profissionais com interesses em comum por essa área, o que o(a) levou a frequentar grupos de estudos sobre essa temática. Nessa circunstância, iniciou um trabalho como Psicólogo(a) do Esporte em uma equipe de alto rendimento, de modalidade coletiva. Esse seu movimento para ampliar seus conhecimentos, em conjunto com sua primeira atuação com as crianças em situação de vulnerabilidade, proporcionou-lhe uma nova experiência. Foi quando então recebeu um convite para atuar em uma equipe de futebol, em que os problemas dos jogadores estavam relacionados a seus comportamentos de risco. A esse(a) profissional de PE foi solicitado não apenas o trabalho visando o rendimento, mas também uma intervenção voltada para a saúde física, com orientações em torno dos problemas decorrentes dos comportamentos de risco (promiscuidade), o que de certa forma, estava influenciando diretamente no rendimento final do time.

É interessante contextualizar essas situações em que a vulnerabilidade de corpos se faz presente. Essas experiências do fazer PE se defrontam novamente com essas pessoas corporalmente expostas que, em uma circunstância, estava presente como vulnerabilidade das crianças e, em outra, como promiscuidade sexual dos jogadores que prejudicava o rendimento da equipe, seja em virtude de doenças venéreas, seja em virtude de dificuldades para administrar a vida familiar com esses comportamentos.

É nessa experiência que o(a) Psicólogo(a) se encontra em meio ao que é fazer PE. Ou seja, ele(a) não entra nesses grupos de maneira a dizer o que fazer ou não fazer, mas sim trazendo argumentos e reflexões sobre o cuidado, de maneira peculiar, singular, não invasiva, em que o cuidado de si pode ser ampliado para aqueles que estão à sua volta. De acordo com o(a) entrevistado(a), a PE entra com trabalho da saúde e que, no caso dos jogadores de futebol, emerge diretamente no rendimento da equipe. Esse contato mais próximo com o

outro, com um respeito a esse outro, ocorre por meio de uma sensibilidade desse(a) profissional, com um olhar ampliado diante da demanda que emerge.

Essas experiências com enfoque em questões corporais, na saúde, no cuidado, na educação, funcionaram como ponto de partida para as intervenções em PE desse(a) profissional. Nesse momento é relevante lançar mão de uma reflexão em torno do como esse(a) profissional passou-se a lidar com conflitos de valores no intuito de compreender o papel ocupado por ele(a) dentro da seara onde inicia suas intervenções como PE. A circunstância foi percebida por ele(a) não como algo em que ele(a) deveria intervir, não como um agente de mudanças daquele contexto, mas sim lhe solicitando a atentar para as possibilidades emergentes no seu trabalho.

Essas possibilidades aparecem como potenciais, como modo de pensar ampliado em torno daquilo que foi emergindo. É interessante notar que essas ações primeiras não foram preconizadas, elas foram surgindo, foi uma experiência que foi acontecendo, que foi sendo construída diante das demandas. Possibilidades, como modo de pensar que permite uma abertura àquilo que poderá emergir, e quando o(a) Psicólogo(a) do Esporte (PE) se dá conta dessa questão, ele(a) então vislumbra as possibilidades.

Pode-se dizer que a Psicologia do Esporte foi acontecendo:

“Então, eu acho que eu aprendi, primeira coisa, que Psicologia do Esporte a gente faz acontecer. E aí a gente faz acontecer em vários campos. Eu vivi os campos, não é? Eu posso dizer que eu vivi a construção desses campos de atuação e acho que a gente faz uma Psicologia do Esporte que é uma Psicologia do Esporte muito em função dessa demanda que a gente tem da nossa cultura.” (Entrevistado(a) 1).

Quando o(a) Psicólogo(a) do Esporte relata sobre o seu conhecimento em PE e sua aplicação, deixa explícito que esse foi sendo construído e aplicado na sua prática, na sua experiência. Assim como seu aprendizado, em que deixa explícito que aprendeu muito mais que ensinou. E nesse processo do aprendizado, o contato com o outro, as descobertas, propiciaram a ele(a) a edificação de sua identidade como PE. E nesse processo do se dar conta de quem sou, possibilitou uma articulação do pensamento como experiência. Ou seja, ele(a) articula seu pensamento a partir daquilo de que se dá conta. O seu conhecimento é construído na prática. O que ele(a) chama de aprender, talvez isso estaria mais relacionado com suas descobertas em ser Psicólogo(a). E é nesse ensejo que o esporte aparece:

“Entender aquela prática e assim foi e foi ali que eu me descobri nessa atividade do potencial do esporte como o lugar aonde eu posso me expressar, onde eu posso mostrar. E era ali nas práticas que os meninos colocavam as suas angústias, que os meninos traziam as suas alegrias, que eles traziam aquela falta do lúdico que não tinha no dia a dia. Que eles mostravam um pouco do que eles estavam desenvolvendo da questão da inteligência, da perspicácia. Como é que eles lidavam ou não lidavam

com as regras. Como era limite para esses meninos e meninas. Quais eram as possibilidades.” (Entrevistado(a) 1).

Quando o esporte comparece nos relatos, por meio do corpo, ele vem no sentido de descobertas, de expressividades, de significação. E esses corpos, os processos culturais, as práticas lúdicas, de maneira geral, fizeram parte da experiência em se descobrir Psicólogo(a) do Esporte.

“E foi através dessas práticas corporais, através da dança, inclusive – porque a gente fez uma parceria também com o instituto cultural e tinham meninas que adoravam dançar. Então, a gente foi através da dança. Então, foi através dessa prática do corpo que a gente começou a trazer os meninos para próximo do instituto, dos educadores.” (Entrevistado(a) 1).

Mas o processo de aprendizado também teve o momento da frustração, de decepções, o que propiciou a esse profissional verificar nessas experiências, no campo de dificuldades, os momentos de possibilidades de se trabalhar PE.

“Então, isso ajudou muito a construir. Então, assim, eu posso dizer que eu vivi muito essa construção. Eu vivi no esporte com uma perspectiva educacional. Então, eu vivi essa coisa de tentar pensar o esporte na educação, o esporte no social, não é? Vivi depois o esporte no alto rendimento quando eu vim para o futebol. Aí vivi o esporte na iniciação esportiva no basebol.” (Entrevistado(a) 1).

Para retomar a experiência inicial de como o(a) entrevistado(a) se descobriu PE, faz-se necessário voltar aos contextos primeiros, de uma atuação em outro país com crianças em situações de vulnerabilidade, correlacionando com o contexto brasileiro, em meio ao rendimento no esporte, às intervenções relacionadas aos comportamentos de risco. Então: como são percebidas por ele(a) as experiências que o(a) fazem com que ele(a) se descubra PE? Essas experiências são percebidas e tematizadas como sendo processuais.

Inicialmente temos as crianças que não tinham uma rotina, tinham muito tempo ocioso, tinham sempre que fazer algo para alguém para poder ganhar algo em troca para sobreviver. Não frequentavam escolas. Mas eram crianças, e quais seriam as práticas lúdicas que sabiam? Quais jogos do seu país poderiam ensinar? Do que eles costumam brincar?

Nesse ambiente de vulnerabilidade e ociosidade, havia espaço para o lúdico, para a brincadeira, para a questão dos jogos locais. E esses jogos, essas práticas esportivas funcionaram como uma ponte entre as intervenções do(a) Psicólogo(a), no sentido de mostrar para essas crianças e também para os adultos outras possibilidades. Essas brincadeiras, a dança, as práticas corporais, contribuíam para a inserção nas práticas interventivas.

“E as famílias, nós conseguimos fazer com que essas crianças tivessem uma possibilidade de começar a entender, que essas famílias comessem a entender a importância de terem outras fontes de renda e de não deixarem as crianças expostas como elas estavam. Porque era uma ilha. Todo mundo

conhecia as crianças. Todo mundo conhecia onde as crianças moravam, onde essas famílias moravam. Então, a gente tinha um acesso muito fácil.” (Entrevistado(a) 1).

Essas novas possibilidades de compreenderem o contexto, de vislumbrar um futuro para essas crianças, fizeram com que as famílias entendessem que sua fonte de renda poderia vir de outra forma. Mas o mais importante, é que todo esse processo não foi imposto, e sim contextualizado. Essa compreensão desse processo, apesar de toda complexidade, foi decisiva.

Percebendo todas essas práticas, é relevante pontuar o potencial do esporte, como lugar onde pode mostrar-se, expressar-se, demonstrar a alegria, como lidar com regras, limites... E essas possibilidades fazem com que o outro se dê conta de se trabalhar o cuidado.

Nas palavras do(a) entrevistado(a) 1, a experiência esportiva, experiência das possibilidades dos jogos, da disputa do ganhar e perder, daquilo que emerge no jogo, são circunstâncias que fazem com que as crianças repensem seu lugar, o que ressoa nos pensamentos existenciais das crianças. Diferentes questionamentos, como as possibilidades de ganhar e perder em um jogo, emanam reflexões sobre sua situação existencial. Situação existencial aqui descrita como a condição de vida, incluindo a vulnerabilidade, falta de oportunidades, dentre outros.

Para esse(a) entrevistado(a) 1, o questionamento é uma maneira de dar respostas, de dar sentidos. Os jogos com a possibilidade do ganhar e do perder possuem significados, pois o perder faz parte da disputa, e se eu quero disputar, eu posso também perder, e isso é contextualizado na vida das crianças.

Todo esse repertório descrito está concatenado com a experiência inicial na descoberta em ser Psicólogo(a) do Esporte. “Então eu acho que a experiência que eu posso relatar é a minha experiência inicial quando eu me descobri Psicólogo(a) do Esporte”. E esse processo aconteceu em meio às possibilidades emergentes, sendo estas ancoradas no lúdico, nos processos de saúde do corpo, no rendimento do atleta.

4.1.2. Relato 2

Esse(a) profissional, traz em sua trajetória como Psicólogo(a) do Esporte todo um processo de construção e formação de atletas como eixo central de suas reflexões em torno de suas intervenções, ou seja, toda sua trajetória como PE ancorada na vivência com categorias de base até a profissionalização de uma equipe.

Num momento inicial o(a) depoente faz uso de um longo silêncio para posteriormente justificar e argumentar sobre a seleção de uma experiência que para ele(a) foi significativa. Nesse caso, esse(a) Psicólogo(a) do Esporte declara sobre o histórico de formação de um atleta, desde a iniciação esportiva (a base), a qual constitui todo um processo, contando com o respaldo de uma equipe multidisciplinar de apoio (médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, dentre outros). Todo esse processo se estabeleceu numa relação de confiança desse(a) profissional com todo o grupo de atletas, pois se tratava de uma modalidade coletiva, o que no caso em questão, ficou delineado por meio de uma intervenção com um(a) atleta em específico. Esse trabalho desenvolvido com esse(a) atleta, fez com que esse(a) profissional pensasse e repensasse os caminhos de suas intervenções. Inclusive um refletir sobre um retroceder nas intervenções para posteriormente avançar no trabalho efetivo em Psicologia do Esporte.

“O atendimento de um atleta do voleibol. E por que é marcante? É um menino do nosso clube que vem da nossa categoria de base. Então, hoje já está no elenco da equipe adulta, o que a gente entende como sucesso tanto dele quanto da instituição em termos de formação de atleta. E por que é marcante? Porque é um menino que tem um potencial técnico absurdo. Um potencial físico muito bom.”

“Mas que estava com dificuldades justamente de gerenciar alguns aspectos e a gente estava vendo que ele estava rendendo menos do que ele poderia, que todo mundo via que ele poderia render. É um rapaz extremamente dedicado. Muito, muito mesmo.”

“Então, por isso significativo. Eu acho que é um dos atletas que dá para ver o trabalho efetivamente acontecer, crescer e isso eu vejo e tenho reconhecimento dele.” (*Entrevistado(a) 2*).

Ele(a), o(a) Psicólogo(a) do Esporte, opta por uma situação de uma experiência significativa, ou melhor, destacando “A situação significativa”, a qual para ele(a) é representativa como trabalho efetivo do ser Psicólogo(a) do Esporte, pois suas ações interventivas impactaram diretamente no rendimento do(a) atleta. Esse(a) faz todo um percurso de reconhecimento das necessidades do uso da parte clínica que a Psicologia lhe permite, ou seja, lançando mão de um arcabouço teórico e relacional da Psicologia para poder acessar esse indivíduo (o atleta), de maneira que essas ações impactem diretamente no rendimento dele perante o grupo.

A experiência reflexiva nesse aspecto vem demonstrar as várias facetas do que é ser PE na prática, e o que, de fato, impacta na vida do atleta como um todo. Essa experiência significativa, trazida nesse relato, relaciona-se com os preceitos que esse(a) profissional declara, quando diz que não acredita que o rendimento não pode ser dissociado de um trabalho mais amplo, destacando a importância da equipe multidisciplinar, e que o rendimento por si só não é relevante sem admitir outras pontos de vista que a PE pode contemplar. Seria refletir sobre o “como ajudar pessoas” a colocar em prática seu maior potencial, no sentido de

potência, pois para cada atleta, para cada indivíduo, tem-se uma demanda, uma intervenção diferente, no sentido de considerar as singularidades.

“Para cada um é uma trajetória completamente diferente, um jeito que está querendo, como está querendo, o que dificulta. Então, mas acho que eu vejo o tempo inteiro isso como pano de fundo para poder compreender o que está faltando na própria dinâmica interna da pessoa, que tipo de distorção tem, conseguir que a própria pessoa note essas questões.” (Entrevistado(a) 2).

E nessa perspectiva de refletir sobre sua atuação prática, esse(a) profissional, no seu encadeamento de ideias, traz o processo de formação e da construção em ser Psicólogo(a) do Esporte, ressaltando o trabalho com a parte clínica que a Psicologia permite desenvolver para a formação dos atletas. Esses apontamentos já mencionados anteriormente funcionam como pano de fundo para ele(a), o(a) Psicólogo(a) do Esporte, ao falar sobre o reconhecimento daqueles que estão envolvidos diretamente em seu trabalho, com destaque principalmente no enfoque naquilo que é motivador para o seguimento dessas intervenções. Ou seja, o retorno por parte dos atletas de que o trabalho está funcionando, é um incentivador que nutre e respalda a atuação prática do(a) Psicólogo(a) do Esporte. Mais uma vez, comparece no relato, a individualidade do atleta, o ser humano singular com todas suas demandas, queixas, dificuldades, dentre outros:

“Esse aspecto da singularidade, que faz uma mira apenas em rendimento, é uma impossibilidade. Ela conta a história de alguém, que a dedicação e disciplina levaria ele a um grande futuro, que os aspectos psicológicos provenientes da prática esportiva têm que ser levados em conta os aspectos clínicos que a Psicologia pode encontrar, a PE impactando não só no rendimento, mas na vida da pessoa.” (Entrevistado(a) 2).

Ao verificarmos esses apontamentos, nos ancoramos na fala do(a) entrevistado(a), o(a) qual, após descrever essa experiência, ressalta que todo esse processo de construção, formação e atuação traz em seu âmago a recompensa, que está no reconhecimento daqueles que para ele(a) estariam diretamente envolvidos nessa edificação do que é ser PE, como mais genuíno, como mais recompensador. Ou melhor, esse reconhecimento faz com que seu trabalho se torne visível, numa dimensão presente e intensa, não mensurável. Esse reconhecimento, na sua essência, impacta no desenvolvimento, aqui frisado como rendimento esportivo, dos atletas e consequentemente de toda equipe.

No encadeamento de ideias, esse(a) Psicólogo(a) do Esporte divide seu trabalho em esferas, nome esse atribuído por ele(a) para uma organização de sua forma de atuação com os atletas e equipes. Ele(a) retrata o trabalho desenvolvido com as pessoas, atletas, que possuem muita visibilidade. Para esse(a) Psicólogo(a) do Esporte o espaço ocupado pela PE nessa seara fica numa posição de vulnerabilidade. Ou melhor, explicitando: aqueles atletas, que por

motivos de premiações em mundiais ou outras competições importantes, possuem um destaque perante o grupo, e isso observa-se como é socialmente construído, por todo um arcabouço institucional, que envolve dirigentes, patrocinadores, torcedores. Então, por estas questões de ordem institucional e também pela própria posição conquistada pelos atletas em destaque, supostamente por um heroísmo atlético, esses costumam não procurar a PE, pelo receio de demonstrar fragilidade perante a sociedade, ou seja, por suas experiências no esporte, eles demonstram dificuldade em assumir que frequentam Psicólogos.

Continuando ainda no delineamento trazido pelo(a) Psicólogo(a) do Esporte sobre suas esferas de trabalho, verifica-se que a própria instituição esportiva (clube, agremiações), assim como dirigentes, patrocinadores, acabam por justificar suas derrotas no preparo ou despreparo emocional dos atletas, ficando a PE como “bode expiatório”, para justificar que os aspectos psicológicos é que influenciam em primeiro lugar, quando o grupo não obtém êxito. Nas reflexões desse(a) Psicólogo(a), esse paradigma precisa ser quebrado, essa “dicotomia perversa” precisa ser rescindida. Os aspectos de vitórias e derrotas necessitam ser discutidos no grupo, na equipe multidisciplinar, com técnicos, dirigentes e todos os envolvidos na temporada, inclusive atletas.

Esse seu argumento também traz questões reflexivas em torno do que é ser Psicólogo(a) do Esporte dentro de uma instituição esportiva, pois ao mesmo tempo em que o(a) Psicólogo(a) descreve essas situações, ele(a) também argumenta que essa constitui um trabalho árduo, difícil, pois o acesso a direção, patrocinadores não costuma acontecer como deveria.

Nesse pensamento, o(a) Psicólogo(a) aponta que a PE precisa saber desenvolver seu trabalho de maneira que todos compreendam a relevância dessas intervenções. O(a) Psicólogo(a) do Esporte precisa saber “vender seu trabalho”:

“Acho que isso talvez seja um ponto que a gente, como um todo, precise melhorar. Os Coaches dão um banho nesse sentido e acabam ganhando espaço e tal. Porque falam melhor, conseguem didaticamente expor melhor, são mais, talvez, objetivos na forma de dizer do trabalho. Não sei. Aí são coisas que vale pensar. Não tenho uma... Mas de alguma forma eles parece que conseguiram uma fatia e têm conseguido melhor do que a gente em tantos anos tentando. Tem coisa para a gente olhar.” (Entrevistado(a) 2).

Nesse processo de tensionamento, ele(a), o(a) Psicólogo(a), diz que determinadas situações requerem que o(a) Psicólogo(a) do Esporte volte, foque no seu trabalho com os atletas, os quais estão na linha de frente de todo o processo, e deixe de pensar na instituição em si. Aqui é um momento com que ele(a), o(a) Psicólogo(a) delineia que o trabalho

desenvolvido com os atletas configura-se como o feito mais importante, que é o mais significativo.

Para ser Psicólogo(a) do Esporte e desenvolver um trabalho significativo não se pode focar só no rendimento pelo rendimento. O trabalho significativo é aquele face a face com o atleta. Daí atrelar o rendimento desse com seu empoderamento pessoal constitui um trabalho construído, que é desvelado pelo reconhecimento desse atleta.

Nesse caminho percorrido pelo(a) entrevistado(a), verifica-se que na compreensão de sua atuação como PE, as normatividades que regem ainda os clubes desportivos de alto rendimento precisam ser revistas, o vínculo precisa ser considerado no trabalho singular, nas relações e inter-relações. Que ao longo de suas reflexões em torno do que é ser PE, aprendeu a valorizar o reconhecimento que impacta não somente o rendimento do atleta, mas diretamente a sua vida como um todo.

4.1.3. Relato 3

Nesse relato de um profissional da Psicologia do Esporte (PE), nos deparamos com uma situação em que esse(a) profissional fora convidado a trabalhar num clube de uma modalidade coletiva, numa configuração delimitada, ou seja, restando oito rodadas para findar o campeonato, com uma situação de “93% de chance de rebaixamento”. Esse(a) profissional foi contratado então de um dia para o outro para realizar um trabalho de Psicólogo(a) do Esporte. Ele(a) aceitou a proposta, pois sentia-se preparado(a) pelas outras experiências que tivera anteriormente. No entanto, essas experiências anteriores não eram garantias de permanência nessa equipe. Para esse(a) Psicólogo(a), sua contratação estava em torno de mais alguém para tentar auxiliar aquele grupo, e não um trabalho de construção em Psicologia do Esporte, pois haviam inúmeras variáveis que poderiam interferir no rendimento daqueles atletas. No entanto esse trabalho foi significativo, pois dispunha de uma situação de muita visibilidade, mas também de pressão. Houve então uma troca de diretoria do clube, o que resultou na não continuidade da Psicologia nesse grupo, mas que para o PE ficou com a sensação de que seu objetivo foi cumprido, mesmo diante da interrupção do trabalho.

Esse(a) Psicólogo(a) do Esporte traz como experiência significativa de sua atuação como PE, uma construção de suas estratégias de intervenções pautadas no modo como ele(a) estrutura seus pensamentos, demarcando as diferenças do seu modo de agir. Um exemplo disso seria a forma que ele se comporta diante da comissão técnica. Ele(a) tinha que pensar

estrategicamente suas intervenções e isso repercutiu na surpresa por parte de cada comissão técnica ao presenciar a figura de um(a) Psicólogo(a) transitando em todo ambiente esportivo (treinos, academia, fisioterapia). Para ele(a), essa situação demarca diferenças no seu modo de intervir. Esse circular nesses espaços para aquele grupo soava como estranho e ele(a) tinha que tentar gestar, ou melhor organizar todo esse processo.

Ao mesmo tempo, essa situação permitia ao(a) Psicólogo(a) do Esporte desfrutar da variedade de estímulos que ele(a) encontrava, o que o(a) auxiliou no seu aprendizado como Psicólogo(a) do Esporte nesse meio, além de fazer-se presente naquele local.

Mas isso só foi possível, em suas palavras, mediante o seu conhecimento prévio do que é ser PE, de toda bagagem acadêmica que ele(a) dispunha, do modo como ele(a) construiu sua Psicologia do Esporte, com trabalhos diferenciados. O(a) Psicólogo(a) do Esporte também demarcou como relevante consolidação de sua profissão, as conversas e trocas com outros Psicólogo(a) do Esporte. Nesse movimento, ele(a) demarca a sua forma diferente de trabalhar a sua PE, a que ele(a) edificou com sua experiência prévia com professores e orientadores, numa intersecção com sua prática.

“Então ao mesmo tempo que eu tinha que pensar estrategicamente nas minhas intervenções, principalmente junto ao treinador, eu também estava aprendendo muito e sendo bombardeado por estímulos a todo momento, e eu tinha que tentar gestar isso aí dentro de mim, o que eu tinha que fazer, os limites que eu podia ter...” (Entrevistado(a) 3).

Em outro momento, fica implícito em sua fala o reconhecimento de seu trabalho por parte dos atletas. Pois ele(a) acabou percebendo a resistência que poderia ter ocorrido, e que de fato não houve, uma vez que o vínculo foi firmado com o grupo, o que possibilitou o acesso a esses atletas. Para o(a) Psicólogo(a) do Esporte, a maneira como você estabelece o vínculo com os atletas faz toda diferença no seu trabalho, pois nesse movimento vem o reconhecimento desses, mesmo com a interrupção de seu trabalho:

“... apesar que com a troca de direção, logo depois, eu acabei não permanecendo, fica a relação para os jogadores, porque eu já trabalhava com alguns jogadores, principalmente categorias de base, e eu sempre pensava que o jogador ia ser um pouco mais reticente ao trabalho do Psicólogo, e, na verdade, eu vi que eles são bastante abertos e dispostos a trabalhar, depende muito de como a gente consegue criar esse vínculo.” (Entrevistado(a) 3).

Nesse relato, o(a) Psicólogo(a) do Esporte evidencia os aspectos emocionais do trabalho direto do Psicólogo no esporte, principalmente nos momentos decisivos. Essas vivências com o esporte oferecem oportunidades de se emocionar e verificar que seus objetivos como Psicólogo(a) foram atingidos. Essas circunstâncias são relevantes, mas, ao mesmo tempo, desafiadoras, o que constitui a parte específica de ser Psicólogo(a) do Esporte,

pois não se consegue ter uma noção exata do significado que como a palavra proferida pode reverberar e auxiliar o atleta em algumas situações.

O pensar as experiências nessa entrevista não ficou muito evidente e isso pode ter relação com o posicionamento do entrevistador, que não conduziu a entrevista de maneira que a experiência fluísse, viesse à tona. Pode-se constatar que não houve suspensão na escuta do entrevistador, empecilho à condução do entrevistado rumo à própria experiência. Isso contribuiu para a experiência de um relato do(a) entrevistado(a) superficial, em que a descrição da técnica sobrepôs o relato da experiência vivenciada. No entanto alguns aspectos importantes surgiram no sentido do que é ser Psicólogo(a) do Esporte para esse(a) profissional.

“Eu acho que é sempre um ressignificar, a gente narra o que aconteceu e a gente acaba ressignificando a partir do ponto que a gente está hoje, toda vez que... claro, a gente tá dando aulas, palestras, a gente acaba reproduzindo a nós mesmos de uma forma meio automática, até porque a gente vai falando as mesmas coisas, Porque vê às vezes que prende a atenção do aluno, que pode ser útil, e quando a gente tem que pensar de novo mesmo que sobre algumas coisas que às vezes a gente fala bastante, mas não para e reflete, é sempre interessante, porque a gente, a gente às vezes muda, inclusive, alguns significados, tem algumas outras lembranças, conecta com algumas experiências atuais...” (Entrevistado(a) 3).

4.1.4. Relato 4

Em sua trajetória como Psicólogo(a) do Esporte, o(a) entrevistado(a), deparou-se com situações que nortearam suas intervenções, as quais partiram de sua experiência inicial como atleta de alto rendimento, até sua formação como especialista em Psicologia do Esporte (PE). Ao escolher ser Psicólogo(a) esse(a) profissional já tinha interesse na PE, pelo fato de ter sido atleta de alto rendimento e não ter tido o acompanhamento da Psicologia em seus treinamentos. Isso o(a) levou a buscar, em estudos posteriores à sua graduação, embasamentos teóricos e científicos para nortear sua atuação prática profissional.

No seu primeiro contato com a área, esse(a) profissional(a) se viu diante do alto rendimento no trabalho com paralímpicos, contando com todo um processo de construção para preparar suas intervenções. Esse(a) Psicólogo(a) teve então que organizar seus atendimentos de maneira que suas intervenções fossem direcionadas de acordo com o surgimento das demandas, assim como também, apoiou-se em um posicionamento de distanciar-se de suas vivências anteriores como atleta, assumindo e articulando estratégias que contemplassem os atendimentos de maneira singular de cada atleta, considerando cada atendimento como um trabalho único.

No relato de um momento marcante na sua atuação profissional, esse(a) profissional de PE relatou o ganhar de uma medalha olímpica/paralímpica por parte de um atleta de uma modalidade individual, que compunha uma equipe de revezamento. Nas palavras desse(a) PE, esse momento foi considerado um feito memorável. Não no sentido da valorização simbólica dessa medalha, mas pelo processo, pelo ciclo olímpico construído até então. Nessa organização de ideias, esse(a) profissional deixa claro tudo aquilo que foi sendo edificado, apontado como início, meio e fim de um ciclo, contando com uma trajetória de trabalho sistematizado. Esse(a) Psicólogo(a) do Esporte destaca que as questões emocionais foram preponderantes para que ele(a) desenvolvesse seu trabalho, no sentido da valorização do lado afetivo das condições humanas. Em alguns momentos houve dificuldades na definição de estratégias para que seus(as) atletas se mantivessem motivados para continuar a treinar sem possibilidades de competir, devido a questões internas que o próprio comitê paralímpico exigia (exigências relacionadas ao grau de deficiência do atleta, o que não cabe expor nesse texto). Nessas circunstâncias, o(a) Psicólogo(a) do Esporte se viu diante de questões em que o sim e o não eram probabilidades concretas, e que contextualizar esses aspectos com os(as) atletas era primordial, pois aquele ciclo vivenciado era carregado de incertezas. Mas, a seu ver, o trabalho do Psicólogo sendo feito, sendo consolidado na presença do humano ali aparente, é que fez todo diferencial. Ou seja, para esse(a) profissional da PE, a aproximação com os(as) atletas(as) e os laços de confiança estabelecidos com esses(as) demarcaram um modo de intervenção pautada no vínculo e na afetividade.

Trazer à tona a história de vida dos atletas, para esse(a) Psicólogo(a), é considerar um refletir sobre o ser humano, e, dessa maneira, a PE pode implementar e contribuir com o ser humano como um todo. O que com que cada atleta seja singular, no sentido de olhar para cada ser, para cada um nas suas especificidades: “cada um é cada um”. Nesse raciocínio, o pensar o ser humano como único relaciona-se inteiramente com a construção do vínculo. Esse vínculo construído se dá pela ampliação da participação direta do PE nos treinos, no dia a dia do atleta, podendo estar a maior parte do tempo possível do lado desse, constituindo uma proximidade, a qual faz toda diferença nas intervenções.

Esse(a) Psicólogo(a) do Esporte relata que os pressupostos teóricos amparam-se em certo distanciamento com o atleta. No entanto, esse(a) profissional(a) contextualiza suas experiências na proximidade e no vínculo com esse atleta. Ao mesmo tempo esse(a) profissional diz que em sua prática como(a) Psicólogo(a) do Esporte, as possibilidades do trabalho diário, do contato mais íntimo com o atleta, no sentido de olhar a pessoa como um

todo, do estar junto, é muito relevante. Ser participativo no que se refere a estar “com o outro”, ao “lado do outro” é crucial. Já a parte que condiz com o distanciamento, provocava nesse(a) profissional sentimentos de angústia, carregados de certa dor, esta evidenciada quando estava longe da vida do atleta.

Esse(a) Psicólogo(a) do Esporte, traz em suas declarações uma certa insegurança e preocupação pelo que os outros profissionais da área irão pensar sobre as questões emocionais que ele(a) reporta, sobre o vínculo com o atleta, sobre estar sempre em contato direto. No entanto, esse(a) Psicólogo(a) do Esporte, contextualiza que seus trabalhos estão dando certo e isso reverbera nos resultados dos trabalhos obtidos até então.

Essa proximidade com o seu atleta ou cliente demarca de maneira clara o seu processo reflexivo, e isso fica elucidado quando ele(a), o Psicólogo(a), admite ter coragem em assumir seu posicionamento de estar próximo, de estar do lado quando seu atleta necessita:

“... venha, por favor, participa. E aí foi que eu falei: “ah, não vai ter jeito, eu vou fazer desse jeito”. Até porque é o jeito que me deixava mais confortável, esse jeito mais distante me doía muito. E aí quando eu comecei a entrar mesmo e eu vi que eles ficaram mais confortáveis, até o fulano, ele é para mim um... ele é a experiência, que eu participo muito da vida dele também desde o começo, ele estava em sofrimento muito grande. Muito grande mesmo, então se eu não participasse tão perto, não sei se ele estaria na Olimpíada, se eu não fosse essa bengala e depois ir retirando essa bengala, igual a gente realmente trabalha, então eu vi que estava funcionando, e se funcionou com ele porque que não funcionaria com outras pessoas...” (Entrevistado(a) 4).

Quando esse(a) Psicólogo(a) do Esporte aponta que “Esse atleta é a experiência”, isso demarca o ato reflexivo dele(a) aqui exposto, no que tange à proximidade do trabalho desenvolvido com esse atleta. O estar tão perto, a proximidade, marca aqui o processo reflexivo. O que fora aprendido na especialização, em detrimento de suas vivências como PE, acaba trazendo certo paradoxo em torno da proximidade e distanciamento, entre o que vem da teoria e o que vem da sua experiência como Psicólogo(a) do Esporte.

Outro ponto a se destacar é o fato desse(a) Psicólogo do Esporte possuir referências de atletas campeões em modalidades olímpicas e paralímpicas. O que para ele(a) configura-se como uma maneira de trabalhar de forma diferente com cada uma dessas referências sem seguir um roteiro de intervenção. Ou seja, para esse(a) profissional, cada atleta demanda uma maneira de intervenção individual, e o roteiro utilizado em um trabalho com um atleta não é o mesmo usado para outro. Nessa acepção, esse(a) profissional da PE procura deixar essas histórias anteriores de cada um, suas particularidades, para buscar intervenções pautadas na individualidade do atleta. Isso faz com que esse(a) Psicólogo(a) do Esporte tente, de alguma

maneira, se distanciar de experiências prévias, das referências anteriores de outros atendimentos para deixar fluir o vínculo:

“Eu acho que o que eu deixo muito para trás, que antes eu usava como arma, é a minha vida de... como ex-atleta, como eu já fui atleta. Eu tenho que deixar muito para trás porque mudou muito, mudou completamente. E eu também tenho que deixar para trás as referências de atletas que eu tenho aqui.”

“Eu tenho que deixar até essas referências. Tipo, eu não posso pensar nele como a referência para todo mundo, eu tenho que formar cada um.” (Entrevistado(a) 4).

Esse(a) Psicólogo(a) delineia que existem algumas similaridades nas intervenções em PE, na medida em que se considere que exista um padrão de atleta, principalmente quando se trata do alto rendimento. Entretanto, isso faz com que ocorra um distanciamento desse para com o trabalho da PE. Seu modo de trabalhar, diferentemente, ancora-se no considerar cada atleta como singular e daí por diante nortear as intervenções, deixando uma abertura para que esse atleta exponha seus objetivos, o aonde quer chegar. Esse(a) profissional respalda-se no vínculo com esse atleta para que o trabalho seja efetivo.

Outro ponto que é relevante relatar seria o uso das técnicas nos atendimentos em PE que, para esse(a) Psicólogo(a), merece atenção. A seu ver o uso da técnica pela técnica sem uma contextualização pode levar a um distanciamento do atleta e daquilo que ele necessita de fato.

“Eu aprendi muito que técnica por técnica não adianta, que teste por teste não adianta, que o atleta não é aquilo que está escrito naquele papel. Então, a gente pode até fazer, é interessante fazer para ter algumas informações e respostas, mas tem hora que a gente vai ter anos, vai ter meses, que a gente não vai trabalhar técnica nenhuma, que vai ser só realmente a conversa com o atleta e ajustes de pensamento mesmo, não vai ter técnica de concentração, atenção, biofeedback, nada, nem teste, vai ser só realmente você e o atleta nu e cru.” (Entrevistado(a) 4).

É relevante contextualizar a referência do atleta que esse(a) Psicólogo(a) elenca, relacionado à referência que a teoria contempla (teoria de acordo com as palavras desse profissional). Para esse(a) profissional de PE, pode-se até usar testes, técnicas, bem como outros recursos, no entanto, em determinados momentos, você deverá abrir mão destes recursos e lançar um olhar para o humano que está na sua frente, o atleta que está ali em sua singularidade, na sua unicidade. A técnica então ficará em segundo plano, como um acessório.

Nessa descrição desse(a) Psicólogo(a) do Esporte, ele(a) evidencia sua forma de atuar com os atletas, no sentido de diferenciar-se de outros profissionais da área, pois o distanciar-se de técnicas e o aproximar-se do humano em questão, constitui um fator preponderante de suas intervenções. Ao posicionar-se com certo distanciamento das técnicas, ele(a) se dá conta de um modo de intervir que nomeia como empático, vínculo com amor e emoção. Nesse

instante, ele(a), o(a) profissional da PE, demarca sua ousadia em dizer que Psicologia clássica, age de forma diferente.

“Mas o que me leva para daqui para frente, é trabalhar o atleta sempre como ser humano completo, se a gente consegue equilibrar todos os fatores da vida dele, o resultado dele é sensacional, no fim, para o que ele quer, para o objetivo dele.”

“Então minha autorreflexão é que de uma forma ou de outra, isso é até bom para a minha autoestima, é que eu sou corajoso(a) de bater no peito, de falar, ‘eu acho que isso aqui funciona’. E se não funcionar, também, de falar, ‘opa, errei aqui, vamos consertar’. Então eu sou muito corajoso(a) nesse ponto de assumir meus erros e assumir meus acertos. A minha autorreflexão é essa, é coragem, foi difícil entrar nesse mundo, ainda está sendo difícil, aqui no interior de Minas Gerais não é fácil, mas que tem resultados, devagarzinho tem resultados.”(Entrevistado(a) 4).

Para esse(a) Psicólogo(a) do Esporte, o estar próximo do outro, o relacionar-se, o estar com esse outro, ou seja, o que eu como ser humano posso ofertar a outro ser humano. Ele(a) acredita que as intervenções devam pautar-se naquilo que o atleta necessita naquele momento, de deixar com que ele expresse suas emoções, como chorar, sofrer, sorrir, enfim, demonstrar seus sentimentos. Não significa apontar para esse atleta o tempo todo que ele é atleta de alto rendimento e que precisa render. Mas apontar as nuances que envolvem o alto rendimento e o ser humano, contextualizando o trabalho com o atleta como ser humano completo. Essa proximidade como algo envolvente, e que a PE permite, diferencia-se da clínica em Psicologia. Com o trabalho da PE você está diretamente envolvido com as conquistas do atleta. O *setting* não é fechado, ele é aberto a vários espaços onde o atleta está, onde ele treina, etc., é um ambiente completamente amplo.

4.1.5. Relato 5

Esse(a) profissional traz em sua trajetória como Psicólogo(a) do Esporte um discurso organizado, elencando todo o processo de construção do seu trabalho em Psicologia do Esporte (PE), com um exemplo de sua atuação. Esse(a) profissional retrata em suas descrições, um diálogo com o técnico, em uma situação específica para posteriormente problematizar uma reflexão em torno de novas possibilidades de intervir com os atletas.

O(a) entrevistado(a) se reporta ao alto rendimento com a PE como pano de fundo de sua experiência. Ele(a) começa se indagando: “que tipo de PE que quero fazer?” Para esse(a) profissional da Psicologia, o alto rendimento é o suprasumo para as intervenções em PE. No entanto, existem modalidades em que a vulnerabilidade do ser humano fica mais evidente, pois, segundo esse(a) Psicólogo(a), em determinadas circunstâncias, você se vê diante de situações em que o humano acaba ficando de lado. E o que fazer com isso? Ser conivente?

Para esse(a) profissional de PE, o alto rendimento está relacionado diretamente com performance, com resultados. Porém problematizar isso, contextualizar as cobranças, no sentido de mostrar aos técnicos e dirigentes que se pode atingir os mesmos objetivos, seguindo outros caminhos parece ser parte essencial da atuação da PE. Essas novas trajetórias, novas possibilidades deverão estar concatenadas com o propósito daquele grupo e/ou modalidade. Para o(a) Entrevistado(a) 5, os Psicólogos(as) do Esporte precisam saber entender a pressão que os técnicos sofrem, seja essa por parte dos clubes ou patrocinadores. Daí a PE serve como auxílio aos técnicos no intuito de ajudá-los a lidar com as pressões recorrentes.

Para esse(a) Psicólogo(a) do Esporte, refletir sobre sua atuação profissional demanda um processo constante de evolução, com capacidades para pensar sobre sua atuação, com possibilidades de dividir experiências com outros colegas, e que o errar faz parte de todo o método. A insegurança move o esforço por uma postura ética, uma necessidade constante de reflexão em torno da atuação. Mas estar inserido nessa seara em que a vitória é perseguida com altos custos gera uma angústia, receio por parte do(a) Psicólogo(a) do Esporte em aceitar ser conivente com situações quase desumanas em meio ao olhar para o humano em questão.

Esse movimento de contextualizar a PE em um ambiente complexo que é o do alto rendimento faz com que o(a) Psicólogo(a) do Esporte pense sobre o bem-estar do ser humano, que é o atleta que está ali em evidência e exposição.

Nesse contexto, a posição do(a) Psicólogo(a) do Esporte não está isenta de contradições, pois quando se está no meio de dilemas existenciais por parte dos atletas, as pressões vem de vários âmbitos, seja dos técnicos, dos patrocinadores ou dos dirigentes. E como lidar com isso? As situações a que ele(a) se refere são de rotinas de sofrimento humano no que tange aos treinos físicos. Essas circunstâncias levam o(a) profissional da Psicologia a refletir sobre certa dicotomia: o ser conivente ou ser negligente do ponto de vista da pessoa; ou considerar e aceitar aquilo que é próprio da modalidade, da cultura da modalidade? É nesse entendimento que o dilema se faz presente: o que para o técnico faz parte da rotina de treinos, configurando-se como questão superficial, para o atleta pode ter outra acepção.

O(a) Psicólogo(a) do Esporte se vê diante da necessidade de lidar com espaços de dilemas, de uma dor física que existe, que é real, que está imbuída de aspectos emocionais que podem não ser considerados pela equipe técnica. Uma dor física também pode ter desdobramento como dor emocional, quando, por exemplo, o atleta se aflige pelo receio de perder seu lugar na equipe. Já para o técnico e equipe médica, conta o(a) Psicólogo(a) do

Esporte, a dor física pode estar relacionada ao propósito de não treinar, por “frescura” ou “medo” de não querer enfrentar uma dor.

As características de determinada modalidade esportiva têm peculiaridades que condizem com a cultura desse esporte. Mas como a PE pode contribuir e intervir, pergunta-se o(a) Psicólogo(a) do Esporte? Para ele(a), o trabalho da PE não está relacionado com um enfrentamento ou embate com os técnicos. As intervenções dos(as) Psicólogos(as) do Esporte funcionam como suporte a toda equipe técnica no sentido de compreender e contextualizar os posicionamentos tomados por todos, assim como as decisões e ações.

O trabalho da PE está tomado por dilemas internos do(a) próprio(a) Psicólogo(a) do Esporte com relação às suas ações, seu papel, o que é e o que não é negligência, convivência quanto a abusos, quando nem sempre é simples detectar se determinados comportamentos se configuram assim. É necessário conhecer bem a cultura da modalidade esportiva, no sentido de tentar compreender como os processos se consolidam, tomando cuidado para não correr o risco da alienação, de uma naturalização de situações em que o ser humano fica em segundo plano, sem verificar o bem-estar da pessoa. Diante desses apontamentos, o(a) Psicólogo(a) do Esporte, na sua prática reflexiva, se vê diante do desafio de lidar com situações complexas e conflitantes.

“E aí eu tive que fazer uma reflexão muito grande sobre o quanto eu queria estar naquele contexto para trabalhar realmente com aquilo que eu gosto que seja o alto rendimento, mas o quanto, realmente, para atingir esses meus objetivos, eu teria que ser conivente com algumas situações onde no fundo, no fundo, fugia dos meus objetivos Qual é o tipo de Psicologia do esporte que eu quero fazer? Qual o tipo de atuação que eu quero ter? Será que, pra chegar onde eu quero, eu preciso ser conivente com essas situações, eu preciso seguir por esse caminho?” (Entrevistado(a) 5).

O processo reflexivo desse(a) Psicólogo(a) do Esporte gira em torno de como lidar com as decisões tomadas pelo técnico, o qual está a todo momento sendo cobrado por resultados, no sentido de mostrar para esse que compreende o seu posicionamento, mas também que se pode pensar em possibilidades de atingir os mesmos objetivos por outras vias. Ou melhor, pensar formas diferentes, outros caminhos para definir maneiras distintas de lidar com os atletas. Aqui o(a) Psicólogo da equipe está trabalhando diretamente com formação de pessoas, podendo auxiliar nesse processo, elencando outras possibilidades de atingir os objetivos por outras vias diferentes.

Sua reflexão em torno de sua atuação está amparada em seus dilemas sobre como ser um(a) Psicólogo(a) do Esporte que compreenda a dinâmica do processo de treinamento característico da modalidade, com aquilo que reverbera no ser humano atleta. Ou seja, pensar no modo diferente ao olhar a mesma coisa:

“E eu fiz uma reflexão com ele, não só sobre o treinamento, mas sobre a vida mesmo. Com... acho que o principal objetivo dali, eu tentei ser empático de uma maneira que fizesse com que ele entendesse aquela situação por outro ponto de vista. Eu me mostrei inicialmente enxergando pelo ponto de vista dele, então eu mostrei para ele que eu entendi quais eram os objetivos dele ali, eu entendi a pressão que ele sofre por resultados, que existem patrocinadores onde cobram resultados, e o primeiro a ser cobrado é ele, que é ele que faz aquelas atletas, né, dentro desse cenário, esse é o discurso.” (Entrevistado(a)5).

Essa contextualização descrita acima possibilitou ao Psicólogo(a) do Esporte colocar em pauta com o técnico, formas diferentes de intervenção e o quanto, realmente, existia a garantia de que aquele(a) atleta seguiria a carreira de atleta. Onde o(a) Psicólogo(a) do Esporte queria chegar com isso? Seu objetivo foi mostrar para o técnico que eles poderiam atingir os mesmos objetivos ali, ou seja, atingir o alto rendimento e as metas de resultados preconizados, mas trabalhando esse(a) atleta para que ele(a) também tivesse uma formação para além dos treinos, para além do alto rendimento, visando à formação do cidadão, da pessoa, do humano em questão. Ou seja, a responsabilidade das intervenções deveria ecoar para além dos treinamentos.

Nesse relato, o(a) Psicólogo(a) do Esporte deixa evidente a dificuldade de separar o lado pessoal do profissional nas intervenções em PE, pois, por mais que sua atuação esteja relacionada com uma postura profissional em que a ética se faz presente, o trabalho a ser desenvolvido pode esbarrar em diversas situações em que o sofrimento humano aparece, pois lida-se com superação e uma pressão por rendimento a qualquer custo.

“... por mais que eu tente manter essa postura sempre ética, às vezes a gente acaba sentido, né, que a gente é empático, eu sou muito empático no meu trabalho, e acho que é uma necessidade, se você consegue fazer essa separação nas situações que são necessárias, você pode ser... é necessário ser empático para conseguir entender o olhar do outro, e na hora que eu vi, né, e passou todo esse filme desse mês, esse mês e meio na minha cabeça, eu confesso que eu segurei ali as lágrimas para não me emocionar junto com ela, que estava extremamente emocionada.” (Entrevistado(a) 5).

O processo reflexivo aqui é demarcado por um pensar em torno de sua prática profissional, com uma preocupação plausível com o risco de alienação, de afastamento humano no trabalho pelo rendimento. Ou seja, parece que esse(a) Psicólogo(a) do Esporte demonstra-se reflexivo em algumas situações, num confronto entre ter que ser conivente com situações conflitantes e ao mesmo tempo lançar um olhar cuidadoso para aquele ser humano que está ali na sua frente, tendo que render a todo custo.

Esse envolvimento com esse contexto demarcado por conflitos internos por parte do(a) PE faz-se relevante, pois possibilita uma exposição dele(a) diante das dificuldades em separar o pessoal do profissional, do risco de alienar-se ou naturalizar situações, ou ser conivente com todo aquele processo de treino e cobrança de rendimento. Tudo isso, considerando a cultura

da modalidade e das características do alto rendimento. Mas isso também gera alguns questionamentos e reflexões em torno do como se envolver com o contexto, e ao mesmo tempo correndo o risco de alienar-se.

Todo esse movimento de reflexão trouxe uma situação específica para um momento reflexivo. Essa circunstância, em que uma determinada intervenção precisou ser realizada, fez com que esse(a) PE se envolvesse ao ponto de acusar a si mesmo de já ter sido conivente com outras situações passadas de abuso. Ou seja, a intervenção aqui constitui um resultado de outras situações em que o(a) Psicólogo(a) do Esporte não agiu diretamente; foi omissivo ou conivente com uma situação que ele(a) julgou constituir um excesso ou até mesmo uma agressão ao outro, no caso o(a) atleta.

Essa intervenção pontual do(a) Psicólogo(a) do Esporte abriu ao técnico outras possibilidades de pensar sua atuação, porém, agora com o respaldo da PE, que trouxe reflexões em torno dessas situações complexas e conflitantes. Todo esse processo norteia um aprendizado em torno de uma intervenção que deu certo e foi significativa, sendo marcante para intervenções futuras. O processo reflexivo deu-lhe meios para ampliar o olhar no sentido de usar os espaços de encontro entre o(a) Psicólogo(a) do Esporte e a equipe técnica, no intuito de fomentar discussões sobre suas atuações profissionais:

“Eu fico realmente satisfeito(a) em saber que eu consigo ter um pensamento reflexivo, conversar com outros profissionais é muito bom, é muito importante, também, dividir essas experiências pra gente entender outros pontos de vista, outras visões sobre a prática profissional, sobre a sua própria atuação, porque muitas vezes, como eu disse, a gente está inserido naquele meio e a gente às vezes não enxerga de outras maneiras né, então a gente ampliar esse olhar é fundamental.”
(Entrevistado(a) 5).

Nesse relato, pode-se deparar com certa angústia, por parte desse(a) profissional, em querer estar sempre seguindo o melhor caminho. Mas como reflexão, nem sempre o acerto vem e acontece como o(a) Psicólogo(a) do Esporte gostaria. A frustração também se faz presente nos momentos em que os objetivos não foram atingidos. No entanto, as vivências de derrotas e vitórias, perfazem o processo, pois o(a) Psicólogo(a) do Esporte se envolve diretamente em todo o trabalho da equipe e vive diretamente as experiências do ganhar e perder. Essas circunstâncias levam o(a) Psicólogo(a) do Esporte a pensar sobre suas possibilidades de intervenção e o lugar que ele ocupa nessa seara.

4.1.6. Sobre o processo reflexivo entre Psicólogos do Esporte

Os cinco relatos de experiência produzidos intersubjetivamente por cada um dos entrevistados na interlocução junto à pesquisadora estão agrupados pela partilha da mesma condição profissional desses colaboradores, a de Psicólogos do Esporte. Certamente seria possível encontrar particularidades que, para além dos fatos narrados, tangem à maneira como cada um processa suas reflexões. Todavia, proceder assim significaria perder de vista, pela impossibilidade de se delinear seus contornos, aquilo que é buscado como objeto da pesquisa. Este objeto consiste em algo que se almeja conhecer e que se desoculta pela descrição de um processo reflexivo a ser identificado por contraste, revelando um modo comum, um modo prevalente que mostre suas adjacências à medida em que evidencia aspectos operativos da experiência reflexiva profissional. Estes aspectos não poderiam ser identificados somente por relatos individuais, já que isso os faria suspeitos de, em sua individualidade, mostrarem apenas particularidades, não um modo de fazer que, por atravessar as distintas experiências individuais, possa ser característico da condição que as agrupa, a de Psicólogos do Esporte.

Neste item, faz-se uma primeira aproximação em que o objeto é destituído dessa condição nominal – processo reflexivo – para revelar-se em seu aparecer, como fenômeno, como acontecimento. Em seu modo de aparecer, o fenômeno não deve mais se confundir com os fatos relatados por cada sujeito, mas precisa se evidenciar naquilo sem o quê não se encontra o desencadeamento de operações reflexivas e, sim, apenas se constata que elas ajam de modo subjacente a cada acontecimento, justificativa e avaliação de um episódio, todavia, enquanto fato, sem revelarem-se em seu modo próprio. Caso os fatos fossem suficientes para tal revelação, bastaria a reprodução dos relatos produzidos. Trata-se aqui de empreender a análise fenomenológica por contraste de relatos empíricos colocados sob a *epoché*, em outros termos, por via do *cruzamento intencional*.

O primeiro aspecto a se sobressair no cruzamento dos relatos é a diversificação de contextos e situações em que cada experiência marcante solicitada aconteceu, o que se justifica também por motivos diferentes, como a história de trabalho junto a um atleta, ou um episódio desencadeado por uma demanda social ou institucional. Em todos os casos, entretanto, confere-se a narrativa de um desenvolvimento que é mutuamente do profissional e da situação da(s) pessoa(s) por ele atendida(s). Seja quando a vulnerabilidade de crianças prostituídas é reduzida graças a um trabalho que se vale do gancho das atividades lúdicas para promover o desenvolvimento humano, seja quando os recursos psicológicos de um atleta são

potencializados, aperfeiçoando seu desempenho, em cada um e todos os relatos confere-se a história de um desenvolvimento que nunca é apenas para quem é atendido pelo trabalho, mas é também o desenvolvimento da prática profissional do psicólogo. Assim, se há algo que subjaz à eleição de cada episódio marcante na carreira dos entrevistados nesse grupo profissional, isso comparece como o sentido de um desenvolvimento constatável na atividade empreendida e no próprio fazer profissional, sempre tendo havido destaque para como essas experiências foram construtivas para suas identidades como Psicólogos do Esporte.

A construção da identidade profissional dos entrevistados também é ressaltada por eles. Esses episódios trazem algo da maneira como eles se perceberam Psicólogos do Esporte ou perceberam sua atuação como sendo mais própria e competentemente a de um Psicólogo do Esporte. Essa percepção deles não é uma interpretação de algo implícito aos relatos, mas comparece de modo explícito, constituindo tematicamente as percepções elencadas e refletidas. Profissionalmente, os episódios marcantes ensinaram algo a eles, parecendo ser o valor desse aprendizado o que os lança a narrá-los. Há ampla diversidade temática entre os relatos, mas a mobilização pessoal para narrar o caso parece sempre habitar na mudança e no desenvolvimento promovidos pela experiência. Essa diversidade temática é compatível com a diversidade de atuação em Psicologia do Esporte, ainda que atividades no esporte de alto rendimento componham a maioria das situações contadas, fazendo-se presentes nos depoimentos dos cinco entrevistados.

As narrativas dos episódios marcantes abrangem as pessoas atendidas, bem como as instituições em que as circunstâncias se passaram. A partir de uma demanda institucional ou ainda de uma expectativa teórica de atuar seguindo certo padrão previamente aprendido, em todos os relatos vem à tona certo tensionamento que, no decorrer do trabalho contado, se desloca mais direta e comprometidamente para junto das pessoas atendidas. Esse deslocamento se baseia numa consideração progressivamente mais alargada pelos atletas ou jovens acompanhados, o que passa por uma atenção clínica e pelo estabelecimento de um vínculo mais pessoal entre psicólogo e pessoas atendidas, assim como por uma consideração ética, face a condutas abusivas, caso que levou um profissional a interceder junto ao técnico em busca de alternativas sensíveis à dignidade de seus atletas. Portanto, entre aquilo que as narrativas deixam entrever como as demandas institucionais iniciais e a conduta profissional, há uma atenção e abertura para lidar com aspectos latentes, isto é, não presentes objetivamente nas demandas iniciais, que incidem na maneira como os atletas se relacionam com suas atividades esportivas, suas metas de desempenho, a equipe, a família e a sociedade.

As insuficiências ou falhas de atuação, como a omissão inicial a abusos relatados por um depoente, são vistas como problemas que deslocam enfoques, mudam a atuação, constroem a compreensão e a prática que cada entrevistado entende serem próprias à Psicologia do Esporte.

4.1.7. Relato 6

Nesse relato, o(a) entrevistado(a) é um profissional de Educação Física que se valze do *Coach* como ferramenta de intervenção. Trata-se de um(a) *Coach*, isto é, de alguém que se serve de uma ferramenta de desenvolvimento pessoal e profissional que, nesse caso, trabalha com esportes há vários anos, inclusive atuando com atletas de reconhecimento nacional e internacional. Esse(a) entrevistado(a) possui uma relevante experiência nos trabalhos com atletas e equipes desportivas, atuando diretamente com esses, desenvolvendo intervenções pautadas nos seus estudos em Psicologia do Esporte (PE). Concomitantemente aos seus trabalhos, esse(a) profissional cursou Mestrado e Doutorado. Atualmente possui vínculo acadêmico, atuando também como pesquisador, direcionando seus estudos para um viés entre a Educação Física e a Psicologia do Esporte.

Em seus trabalhos, esse(a) profissional *Coach* relata que suas intervenções seguem a linha científica das ciências do esporte, o que está diretamente relacionado com sua formação acadêmica. Esse lugar ocupado por esse(a) entrevistado(a) traz para ele(a) alguns questionamentos em torno de sua atuação profissional, e em algumas situações podemos inferir até mesmo certa posição delimitada deste seu espaço, em virtude de seu posicionamento frente aos trabalhos desenvolvidos.

A autorregulação é um conceito bem presente em suas descrições. Para esse(a) profissional, os processos de autorregulação dos atletas trazem como pressuposto a inteligência emocional, ou seja, pessoas autorreguladas sabem lidar melhor com as emoções. Nas palavras desse(a) entrevistado(a), existem atletas que já possuem ferramentas de autorregulação, e, nessa circunstância cabe aos profissionais envolvidos nos processos com esses, potencializar esses aspectos.

No entanto, para ele(a), existem algumas indagações sobre se realmente todo atleta necessita do trabalho de um Psicólogo do Esporte, pois segundo esse(a) profissional *Coach*, existem pessoas que são autorreguláveis por si só e conseguem lidar com suas questões internas sem a necessidade de intervenção da PE. Esse fator pode ser justificado pelo fato de

alguns atletas, mesmo não tendo um acompanhamento psicológico, terem êxito no esporte. Isso pode ser comprovado nos exemplos daqueles que não tiveram o acompanhamento da PE, mas conquistaram resultados expressivos. Nas palavras desse profissional do *Coaching*, mesmo sem a PE, o atleta pode ter êxito em sua carreira, pois muitas vezes a Psicologia do Esporte não entende das características e das demandas do esporte. Isto configuraria certo distanciamento entre o esporte em si e as intervenções da Psicologia.

O(a) entrevistado(a) possui uma extensa trajetória profissional com atletas e equipes esportivas. Todo seu trabalho ancora-se nos aspectos da autorregulação, como a base do trabalho de intervenção da PE. Diante de sua vasta experiência, ele(a) busca refletir sobre sua prática ao trazer alguns apontamentos:

“Ah, eu vou trabalhar com alto rendimento”. O que eu vou fazer? O que ele precisa? O que ele ainda não tem? Porque muitas coisas ele já tem. Muitos elementos do que ele precisa para se autorregular, certo ou errado, com alguém ou sem alguém, ele já tentou, já fez, foi uma parte mais empírica, sem tanto conhecimento, talvez, científico, sem alguém que tenha estudado, mas ele já vem fazendo. Isso é uma coisa que... São duas situações que me fazem refletir muito sobre um atleta que já ganhou tudo, o que eu poderia contribuir e um atleta que também tem muita experiência e que não ganhou, talvez não tenha ganho, mas o que a gente pode fazer?” (Entrevistado(a) 6).

Mas ao longo de seu relato, ele(a) aborda sobre quais seriam as ferramentas utilizáveis para potencializar a autorregulação de atletas, ao considerar os elementos físicos, técnicos e táticos. Um ponto relevante mencionado foi sobre o ciclo olímpico, o qual corresponde a quatro anos, e para esse(a) profissional, esse tempo pode ser muito para o desenvolvimento de um trabalho, e pode também ser pouco, dependendo de como se atua. Ou seja, para esse(a) profissional *Coach*, quatro anos não é muito tempo para uma intervenção, para fazer com que as pessoas aprendam a lidar com as emoções, pois os aspectos subjetivos são imprevisíveis, e difíceis de serem mensuráveis.

Quatro anos pode ser muito tempo, mas talvez não se consiga ensinar o outro a autorregular-se. As ferramentas de autorregulação são fundamentais, mas existem pessoas que não necessitam delas para se autorregular, são autossuficientes. A dificuldade aqui seria compreender o outro em toda essa dinâmica subjetiva. Ao mesmo tempo traz o como lidar com aquilo que é subjetivo, que é do humano, de pessoa para pessoa, de atleta para atleta, que muda muito de um para o outro, de modalidade para modalidade.

“Como a gente lida com algo muito subjetivo e muda muito de atleta para atleta, modalidade para modalidade, nós estamos ainda aprendendo muito e eu preciso aprender muito sobre a pessoa. Às vezes, não é em 4 anos que eu vou conseguir regular uma pessoa. Então, quando eu olho para um ciclo olímpico: “Putz! Mas quatro anos é tempo para caramba”, mas dependendo com quem eu vou trabalhar, quatro anos eu não consigo fazer essa pessoa aprender a se regular.”

“E às vezes eu também não consigo. Não consigo olhar: “Será que ele precisa de um”... Enfim, são muitos fatores que eu acho que eu ainda preciso aprender e compreender. E acho que tem

muita gente que também precisaria. Precisaria aprender e compreender pela sua atuação. E aí a gente tenta justificar a importância da Psicologia do Esporte para justificar a área, mas não que às vezes ela fosse extremamente importante para o resultado final.” (Entrevistado(a) 6).

Nas palavras do(a) entrevistado(a), os Psicólogos do Esporte procuram alguns problemas para justificar sua presença no meio esportivo. Isso faz com ele(a) se questione: “[...] mas será que é necessário ter esse profissional?”. Ele(a) mesmo responde alegando que os Psicólogos do Esporte procuram dificuldade para explicar sobre suas intervenções. O raciocínio alinha-se à tentativa de mensurar também o que é Psicológico. Seria como se os aspectos físicos, táticos, técnicos não fossem abarcados de certa forma pelas questões psicológicas.

O(a) entrevistado(a) ao trazer sobre as dificuldade de se mensurar os aspectos psicológicos, em detrimento dos fatores técnicos, táticos, físicos, ele(a) avança no seu raciocínio ao trazer as semelhanças da Educação Física com a Psicologia do Esporte, em que cada área segue sua abordagem, seu modo de intervenção:

“É muito importante às pessoas que trabalham com a área, talvez passar por algum tipo de pergunta, algum tipo de questionamento do que estão fazendo, o que ele acha da área, o que é importante. Na Educação Física, no treinamento, a gente quase não se pergunta muito: ‘Será que está certo?’ ‘Será que não está’. A gente segue uma linha de raciocínio, de treinamento que eu vejo que no aspecto emocional, na Psicologia de Esportes é muito parecido. ‘Eu sigo a minha abordagem que eu confio, porque eu acredito, porque eu acho que é o correto. E eu estou agarrado nela e não largo de jeito nenhum.’ Talvez algumas perguntas assim nos façam sair da zona de conforto. Nos coloque em alguma crise.” (Entrevistado(a) 6).

É relevante nesse momento, observar o como a pessoa atleta aparece para esse(a) profissional. O atleta aqui é descrito como um sujeito, como indivíduo, que irei ensinar a se autorregular. Trata-se, assim, de um trabalho de ensino por parte do *coach* e aprendizagem por parte do atleta. Nesse sentido, como se dá esse processo? De acordo com seu relato, suas intervenções pautam-se em aspectos que, de alguma forma, podem ser mensurados, ou até mesmo regulados, sendo que os fatores genéticos também devem ser considerados.

Nesse momento, o que esse(a) profissional *Coach* traz de referência do atleta, relaciona-se a fatores objetivos. O seu raciocínio sobre questões de intervenção, relaciona-se a fatores que interferem diretamente nos resultados dos atletas. Ou seja, como já mencionado anteriormente, se o seu trabalho é ensinar o indivíduo a se autorregular, aquele que já sabe não necessita de intervenção.

O trabalho psicológico, de acordo com esse(a) profissional *Coach*, vai ser para as pessoas aprenderem o que elas já sabem. Aprender o que a pessoa, no caso, o atleta, já usa

para autorregular-se. Para esse(a) profissional, a autorregulação já é suficiente, no sentido daquilo que o atleta já sabe, o que ele já tem ou já desenvolveu.

Porém comparece em seu relato, algumas indagações em relação a sua prática, no momento que esse(a) profissional percebe o que é individual de cada atleta, ou seja, no momento em que ele pensa e se dá conta de que existem fatores que mudam muito de atleta para atleta. Nesse sentido a autorregulação se difere de atleta para atleta. A autorregulação aqui passa a ser apenas um recorte do processo de intervenção, dando espaço para se pensar em ampliar o conhecimento.

“Pô, eu preciso mudar, eu preciso conhecer mais, eu preciso estudar mais”. Porque qualquer tipo de pergunta que fazem, a gente precisa refletir e nem sempre a reflexão é positiva. Muitas vezes você percebe que talvez eu tenha errado, talvez eu precise melhorar, talvez eu conheça pouco. É muito importante as pessoas que trabalham com a área, talvez passar por algum tipo de pergunta, algum tipo de questionamento do que estão fazendo, o que ele acha da área, o que é importante.” (Entrevistado(a) 6).

Sua indagação se direciona à relação interpessoal que se faz junto com o atleta e não numa identificação objetiva. Ou seja, o(a) profissional traz questionamentos mas não consegue ampliar sua reflexão, pois esbarra em uma leitura objetiva dos fatores psicológicos. Apesar de ele(a) apontar que precisa entender mais sobre a pessoa, o seu trabalho pauta-se em ensinar para o outro algo que ele(a) sabe (objetividade). Nesse pensamento, esse(a) profissional descreve uma crítica ao trabalho da PE, no sentido de que falta a essa um olhar objetivo. Mas ao mesmo tempo, no decorrer de sua reflexão durante a entrevista, ele(a) constata a necessidade de seu próprio aprendizado, da busca por novas experiências:

“As experiências que a gente vivencia fazem com que nós vamos evoluindo. A gente vai se adaptando, a gente vai se modificando, a gente vai mudando a forma de atuação. E aí também faz refletir sobre as pessoas com quem eu trabalho, com os atletas, com a modalidade. Então é muito válido a gente se questionar e é muito importante que alguém nos questione porque a gente normalmente não tem essa capacidade. A gente não... Não se faz perguntas sobre isso. São poucas as pessoas que têm essa capacidade de: ‘Será que estou fazendo certo? Será que eu estou no caminho?’” (Entrevistado(a) 6).

Este(a) profissional traz alguns questionamentos de sua atuação, no sentido de tentar ampliar seu olhar para o que se está fazendo. No entanto, esbarra algumas vezes em percepções deterministas e objetivas, o que, em alguns momentos, parece impossibilitar um fluir do raciocínio em torno daquilo que o atleta necessitaria, além dos aspectos relacionados à autorregulação. No entanto, percebe-se que suas reflexões estão relacionadas ao seu modo de intervenção, a qual pauta-se nos aspectos relacionados às técnicas de autorregulação.

4.1.8. Relato 7

Nesse relato, apresentaremos as experiências de um profissional de Educação Física, um(a) *Coach*, especialista em treinamento esportivo, mestre em exercício e esporte, o qual trabalhou por dezesseis anos na área do treinamento desportivo em uma modalidade de esporte. Há aproximadamente cinco anos se enveredou para a área do *Coaching*, ampliando seus conhecimentos nesse segmento, buscando todas as formações possíveis existentes no Brasil. Atualmente é *Coach* de um time de futebol.

Ao ser solicitado a trazer uma experiência significativa em sua atuação como profissional de *Coaching*, o(a) entrevistado(a) 7 faz um resgate ao revisitar o passado e refletir sobre o lugar de onde ele veio: do como construiu sua carreira, das pessoas renomadas que o cercaram, sendo essas técnicos, atletas que ele(a) viu crescer tanto no esporte quanto em termos de desenvolvimento humano (tanto a criança que se tornou adulta quanto a criança que se tornou medalhista olímpica). Esse sentimento de nostalgia parece reverberar num sentimento de agradecimento e alegria, que comparece em seu relato:

“Foi gratificante. Gratificante, eu acho que gratificante eu diria a situação. Feliz. Ela é extremamente habilidosa, então, como o vôlei é mais previsível que o futebol, você já tem mais ou menos uma ideia de que elas podem chegar em algum lugar, mas foi interessante de ver que tudo que ela sonhava lá atrás ela conseguiu realizar lá na frente também. Acho que foi isso, realização e alegria pelo outro.” (Entrevistado(a) 7).

Esse(a) *Coach*, ao relatar sobre sua trajetória profissional, traz alguns elementos relacionados a sua formação no cenário esportivo. Para esse(a) profissional, a bagagem proporcionada pelos mais de 20 anos nesse meio, trouxe uma experiência, a qual ele(a) denomina de “expertise”. Essa expertise, nas palavras do(a) entrevistado(a) 7, lhe permite atuar hoje como profissional do *Coaching* na condição de um facilitador, intervindo em constructos específicos dessa área, como por exemplo, na eliminação de crenças limitantes.

As crenças limitantes aqui descritas por esse(a) entrevistado(a) 7, estariam relacionadas a profecias autorrealizadoras. Esse constructo, segundo esse(a) entrevistado(a) também é desenvolvido pelos Psicólogos do Esporte, no entanto não se pode afirmar que a maneira como essas intervenções ocorrem, seguem o mesmo propósito. Esse(a) profissional procura fazer uma interrelação das intervenções para descrever as crenças limitantes, mas amplia seu raciocínio em torno de sua linha de conhecimento que é o trabalho do *Coaching*:

“Treinei mal vou jogar mal. Ou então, não treinei no gol no treino passado... é, literalmente uma autoprofecia.”

“Então aí, e com o tempo quando elas concretizam, no sentido de realmente, treinei, não fiz nenhum gol no treino, não vou fazer no jogo, se repete 3, 4 vezes e pra eles vira uma realidade que não

é real, ou tem que chutar a primeira bola boa senão todas vão ser ruim, esse tipo de situação, parece bobagem, mas é como se fosse, a ... de coach, pra quem é psicólogo do esporte é realmente como se fosse aquela, o self, um negando algumas coisas dizendo, e que vai limitar a performance e a gente sabe, porque vai mudar o nível de estímulo e vai alterar diversas outras questões, fisiologicamente, você sabe melhor do que eu isso, mas é verdade, vai ficar num estado tensional diferente, vai atrapalhar muita coisa, ainda mais numa modalidade aberta igual o futebol. Então o meu trabalho é muito ajudá-los a entrar em campo com um nível de performance, ou o nível de excelência deles, que eles estabelecem, quem é mais calmo, calmo, quem é mais agressivo, agressivo, e assim ter algumas coisas controladas.” (Entrevistado(a) 7).

Para o(a) entrevistado(a) 7, ao pensar sobre sua atuação, ele(a) procura subsídios para justificar sua evolução profissional, sua dedicação nesse processo, sua participação ativa na busca por trilhar melhores e oportunos caminhos. Seu discurso está sempre remetendo ao tempo, a uma consolidação de seu processo de profissionalização. Inclusive ao destacar que hoje seu repertório profissional é mais amplo que antes, que ele(a) consegue mais facilmente compreender o perfil de personalidade das pessoas (aqui, no caso, atletas).

“Então eu diria que foi uma construção de diversas coisas, diversos conhecimentos que foram me ajudando pra eu ser mais assertivo, hoje lidando com um atleta entendeu? Mesmo assim ainda é... mas hoje consegue ser preciso, mas eu acho que é uma construção, ela é abrangente e ela varia muito de modalidade pra modalidade, eu acredito nas intervenções...”

“... mas se eu for analisar o decorrer das coisas fica uma construção e diversas experiências eu acho.” (Entrevistado(a) 7).

Alguns aspectos técnicos comparecem com frequência na narrativa desse(a) entrevistado, como por exemplo: “ser um facilitador”, “eliminar crenças limitantes”, “assertividade”, “mapeamento de atletas”. Todos esses constructos, esse profissional traz quando relata sobre suas intervenções, as quais estão sempre pautadas em um plano de ação, como o foco voltado para o resultado. Esses apontamentos condizem com a atuação dos profissionais do *Coaching*.

“Eu primeiro fazia um diagnóstico, que é o meu trabalho, é a metodologia que eu tenho desenvolvido dentro do Coaching, eu faço um trabalho realmente de identificação e de mapeamento dos atletas e da comissão de todo mundo, perfis, como aprendem, diversos fatores que eu listei, eu estabeleço alguns planos de ação conjunto com eles de metas que eles colocam de performance, e depois eu cruço isso com a comissão técnica, e depois a gente coloca tudo isso em ação pra que os meninos cheguem em um objetivo, eu estabeleço o plano deles de ação, e a gente vai colocando e deixando trabalhar pra dentro disso.” (Entrevistado(a) 7).

Um ponto interessante, é que no clube onde esse(a) *Coach* desenvolve seus trabalhos, tem uma equipe de Psicólogos do Esporte, e ele(a) não tem um diálogo direto com esses profissionais. Apenas quando a PE precisa de algum dado sobre o atleta, que ele(a) então fornece algumas informações. Mas, de acordo com o(a) entrevistado(a), o contrário não acontece. Ou seja, o(a) *Coach* não procura a Psicologia do Esporte para dialogar sobre determinado atleta ou equipe técnica.

Essa informação anterior merece atenção. Pois o fato de não haver uma aproximação dessas áreas pode estar relacionada à divergência de informação, ou mesmo ao não entendimento do lugar ocupado por cada um desses profissionais dentro dos clubes. Outro ponto seria a não regulamentação da profissão dos profissionais do *Coaching*, o que ocasionaria um mal-estar entre esses profissionais. Outro aspecto seria o fato de que alguns constructos podem ser trabalhados por ambos. Um exemplo seria algumas atividades de trabalho listadas por esse profissional do *Coaching*, que podem ser de competências dos Psicólogos do Esporte, como por exemplo:

“Então eu trabalho, eu trabalhei em grupos e individualmente e semanalmente, depois que eu fechava um ciclo de trabalho de jogos, que daí a gente vai fazendo plano de jogos e estabelece as questões pras competições, pra manter atenta algumas coisas, pra manter o foco de atenção, pra que houvesse coesão do grupo dentro desses fatores...”.(Entrevistado(a) 7).

Ao refletir sobre as consequências de suas ações, esse(a) profissional do *Coaching* desvela sobre o quanto ele percebeu a importância dos aspectos emocionais e psicológicos para o êxito tanto dos atletas quanto de toda a comissão técnica. Que o controle emocional faz toda a diferença nos seus trabalhos de intervenção, na busca por atingir “um ponto de excelência”. E que intervenções simples, como tranquilizar um atleta, ou dizer uma palavra de conforto, podem ter efeitos consideráveis na performance.

Esse(a) profissional traz em seus apontamentos a importância de se trabalhar estabelecendo um plano de ação, com métodos e técnicas específicas, no entanto, quando aprofunda sua reflexão em torno de seu trabalho, vem à tona as questões emocionais. Inclusive esse(a) *Coach* fala de sua vivência profissional como atleta, e que esse fato pode fazer diferença nas intervenções:

“... então quanto mais você se especializa, quanto mais você melhora, quanto mais você abre um leque de possibilidades, mais fácil é pra você, se vai falar também... vai falar também com profissionais da área, acredito que pra trabalhar com coach esportivo é importante ter uma vivência esportiva, acredito que é importante, posso até estar contestando, pro coach que eles falam que você não precisa ser expert na área.

Eu fui um atleta bem medíocre, viu, mas eu já fui campeão metropolitano, já fui campeão, como técnico também já fui, fui um atleta ruim, um atleta ruim, mas eu tive experiência de atleta sim muitos anos, eu treinei durante uns, sei lá, seis, sete anos eu treinei...”. (Entrevistado(a) 7).

Refletir sobre suas experiências como profissional do *Coaching*, além de todo o resgate pela consolidação de sua profissão, traz para esse(a) uma consciência do seu protagonismo dentro de suas ações. O pensar sobre sua prática vai ao encontro da importância que ele(a) atribui ao seu trabalho, de todo o processo que foi construído e dos resultados que

ele(a) teve mediante suas ações. Ao se colocar numa posição de refletir sobre suas ações, o reconhecimento pessoal vem à tona pelo próprio trabalho que ele(a) desempenha.

“... é o meu trabalho, mas seria até prepotência, porque eu não entro em campo e eu não faço nada, mas eu sei que eu tive contribuições muito importantes, tanto pros técnicos quanto para os atletas...”

“Então pra mim, na verdade, é gratificante poder... devido as pessoas andarem, no meu cenário, no que me contrataram...Vou pensar na função primordial de coach é que a pessoa tenha um rendimento melhor de performance. Todos tiveram. Creio que todos agregaram outras coisas pra sua vida, porque se realizaram, tiveram suas realizações. Eu fico feliz, muito tranquilo. Não precisa ser estrela, nem aparecer, nem nada, dentro da minha função. Na verdade eu falo pra eles, o resultado de vocês é falar pra mim muito mais do que outras coisas.” (Entrevistado(a) 7).

4.1.9. Relato 8

Esse(a) profissional do *Coaching* possui pós-graduação em Administração e Gestão de Marketing Esportivo e trabalhou com gestão esportiva, como coordenador(a) de esportes da Comissão do Bolsa-atleta. Também foi responsável por alguns programas como esporte social, academia ao ar livre, dentre outros. Essa sua experiência no meio esportivo trouxe-lhe o que ele(a) denominou de expertise para o entendimento de como funciona toda a dinâmica envolvendo esse lugar que hoje ele(a) ocupa. Atualmente esse(a) profissional auxilia atletas, que estão no início de carreira, como *Coach Esportivo*.

Seu interesse pela área do *Coaching* no esporte se deu a partir do contato com esse constructo por meio da disciplina Marketing Esportivo, no curso de pós-graduação de Gestão de Marketing Esportivo. Após esse primeiro contato, ampliou seus conhecimentos na área por meio de cursos e hoje atua como consultor na área de *Coaching Esportivo*.

Suas primeiras reflexões sobre uma experiência significativa em sua trajetória profissional vão ao encontro daquilo que é a essência de seu trabalho, o que condiz com os pressupostos do *Coaching*, que é pegar a pessoa que encontra-se em um ponto, o qual não está valendo a pena, e mostrar caminhos para que ela possa chegar em outro ponto, ou outra situação, a qual poderá sim, ser exitosa. Ou seja, suas primeiras reflexões perpassam por aquilo que é prescritivo, que estabelece uma maneira de se fazer algo.

“Pra mim, no atendimento... o quê que me deixa mais apaixonado..., pelo coach... É por que..., é você pegar um atleta desmotivado, pensando em desistir de tudo, e você..., restaurar ele, você trazer ele de volta! ((pausa)) Entendeu?”

Trazer o sonho de volta, eu acho que é a minha principal, assim..., eh..., minha principal missão dentro do coaching que eu vejo, eh..., quando você pega alguém e traz o sonho dela de volta, e faz ela, ela voltar de volta ao propósito dela, eu acho que não tem, não tem preço! Não tem..., nada mais valioso, entendeu? Uma pessoa que trabalha com coach..., recuperar uma carreira, recuperar um talento, recuperar a autoestima de uma pessoa, começar a ajudar algumas pessoas.” (Entrevistado(a) 8).

O(a) entrevistado(a) 8, deixa em suas explicações um movimento de se pensar a atuação como *Coach*, como aquele que pode resgatar o atleta, restaurar a motivação desse e recuperar aquilo que parecia estar perdido. Todo esse movimento acontece por meio de processos e técnicas dos seus trabalhos como *Coach*. Para esse(a) profissional, esse movimento de trazer a motivação do outro de volta, de levar esse outro (o atleta), a pensar e por meio de técnicas, resgatar seus objetivos, constitui algo que para ele(a), o(a) *Coach*, é primordial em sua atuação. E ao refletir sobre esse processo, o(a) entrevistado traz elementos significativos que revelam que seus trabalhos estão ancorados em mostrar para o atleta aquilo que ele não conseguiu enxergar.

“Então, eh..., e nós mostramos pra ele, ‘a partir daí é o seguinte, você não serviu para o G. (clube de futebol), mas quando você olha o tamanho do G., o G. é uma equipe da primeira divisão do Campeonato Brasileiro, é uma equipe grande, então vamos supor, ainda que você não sirva para o G., mas você serve para uma outra equipe, eh..., igual ou de melhor porte, que vai te dar condição de você realizar o seu sonho da mesma forma’ ...” (Entrevistado(a) 8).

Nesse aspecto, verificamos que sua fala se ampara constantemente em algo da ordem da prescrição, daquilo que se deve fazer. No entanto esse movimento traz imbuído um tipo de processo reflexivo para se pensar a prática de atuação bastante característico. Quando o(a) entrevistado(a) 8 dialoga com o atleta no sentido de fazer e rever seu papel a partir de seus desempenhos, ele faz comparações que colocam em cena o que foi atingido, com as metas e métodos visados. Ao colocar o atleta diante da situação em que se encontra, ele faz com esse reavalie seus objetivos, ponderando que, se esse atleta não serve para determinada equipe, no entanto pode obter sucesso em outra. Se determinado processo não deu certo, chama o atleta a investir os propósitos com o foco voltado para o futuro e não em questões passadas. Sua reflexão, portanto, consiste em avaliar objetivos e ajustá-los mais apropriadamente, descartando o enfoque no passado, tão logo se defina a meta futura a ser atingida.

Esse narrar a prática e buscar as experiências factuais e debruçar sobre elas remete a um processo reflexivo de se pensar a prática na prática. As experiências trazidas por esse(a) profissional estão inundadas de constatações daquilo que o(a) entrevistado(a) consegue acessar, principalmente ao trazer os exemplos que deram certo em sua atuação profissional.

Quando o(a) entrevistado(a) expõe aquilo que se faz, ele(a) questiona o atleta atendido por ele(a) e coloca esse numa posição ativa diante da situação, ou seja, que esse atleta não desista, porém defina seus objetivos. Isso vai ao encontro daquilo que o(a) entrevistado(a) já vinha trazendo quando diz que o atleta poderá realizar o sonho dele de outra forma, que não vale a pena desistir do ponto onde ele está. Que vale a pena caminhar mais um pouco. Esse

processo também é prescritivo. Mostrar para o atleta o caminho que ele já percorreu, o estabelecimento de metas e objetivos, a tomada de decisão, são constructos que fazem parte de um processo prescritivo.

Com relação a tomada de decisão, o(a) *Coach* ressalta que essa ação é responsabilidade do atleta. Que as deliberações têm que partir daquilo que o atleta deseja. Nesse sentido, o(a) *Coach* não irá dizer para o atleta o que ele tem que fazer ou decidir. Para o(a) entrevistado(a) 8, o sucesso ou mesmo o fracasso é responsabilidade do atleta, pois as escolhas desse relacionam-se às suas decisões.

“O que, o que acontece..., o coach, como eu falei com você, a questão, por ele fazer perguntas..., e por ele não dar respostas pra pessoa, eh..., toda a consequência do resultado é da pessoa. (pausa) Porque ele não responde pra pessoa, ele não diz pra pessoa o quê que a pessoa tem que fazer..., entendeu?”

“Ela sabe que se ela fracassou foi porque ela teve uma tomada de decisão errada, porque ela..., de repente ela não fez a reflexão da forma correta.” (Entrevistado(a) 8).

Esses apontamentos desvelam uma maneira de refletir sobre as consequências de seu trabalho, pois, para o(a) entrevistado(a), ele(a) deverá ser suficientemente prudente para não escolher, não tomar decisões pelo atleta em suas intervenções, mas direcioná-lo a, a partir de suas perguntas, a tomar as próprias decisões por si. Nesse aspecto, o(a) *Coach* retoma alguns argumentos que vão ao encontro com sua forma de pensar sobre como agir nessas situações, em que ele(a) deve levantar questionamentos metodicamente em torno das possibilidades que o atleta possui, expô-las para ele, mas não tomar a decisão por esse.

“... o profissional ele tem sempre..., ele tem que agir da forma que ele deve agir que é não tomar decisão pela pessoa. Quando a pessoa ela não tem muita experiência e às vezes ela dá opinião acerca de alguma coisa, é aonde ela tem o prejuízo, porque aquela pessoa vai atribuir o fracasso dela ao coach dela e certamente ela vai se minar àquilo e..., ele vive de depoimentos, ele vive de..., o chamado boca-a-boca, ele vive de pessoas que tiveram resultados e que indicam outras pessoas.” (Entrevistado(a) 8).

Esse processo metódico de questionar o outro para que as decisões partam desse outro, parece descortinar um processo de reflexividade relacionado às possíveis consequências negativas das ações para o próprio *Coach*. Sua prudência é um alerta que atribui a responsabilidade pelo resultado ao *coachee*, o que, se não for seguido, pode ocasionar situações não prósperas ou com resultados não esperados.

Diante dessa situação, comparece no relato do(a) entrevistado(a) um elemento relevante: o processo de escuta. Esse elemento traz um momento reflexivo do(a) entrevistado(a), pois a escuta aqui tem um sentido que é identificar o ajustamento entre meta viável e motivação do atleta. A escuta comparece objetivamente a partir de questionamentos

lançados pelo(a) *Coach* para o *Coachee* (aqui, o atleta), na busca por relacionar objetivos e motivações, assim como as razões destas motivações e de seus eventuais impasses. A escuta configura-se como um processo direcionado por perguntas que tem um objetivo claro, conduzir o *Coachee* a tomar consciência daquilo que está em seu raio e poder de ação.

“Então, eu paro, eu vou escutar, e eu vou fazer umas perguntas que eu vou tentar descobrir a motivação dele, a motivação..., porque ele desistiu, a motivação..., por que ele não quer continuar, o quê que tá motivando ele a..., a ter essa, essa crença, essa, essa decisão tão, tão ardente dentro dele. Então eu vou, aos poucos eu vou quebrando esses paradigmas, né, internos, através de perguntas, pra mim poder fazer com que ele venha refletir na sua, na decisão dele. E mostrar pra ele, que ele é o responsável pela decisão dele.” (Entrevistado(a) 8).

Ao ampliarmos sobre o processo do desenvolvimento da escuta, um ponto interessante trazido pelo(a) entrevistado(a) seria esse constructo como um aprendizado e aperfeiçoamento em sua atuação profissional. O desenvolvimento de uma escuta que conduz metodicamente o entrevistado a se comprometer com suas responsabilidades soma-se ao acervo de informações que, ao ver do(a) entrevistado(a), vai ampliando seus recursos ou ferramentas utilizadas nas intervenções.

O processo de refletir sobre a sua prática profissional faz com o(a) entrevistado(a) retome suas experiências como um parâmetro para balizar suas intervenções. Nesse sentido, quando uma situação já ocorreu ou possui correlação, sua atuação parte de pressupostos já utilizados. No entanto, quando não se tem parâmetros, se a situação é inédita, esse(a) profissional parte para um questionamento que o abre para o desafio. Verifica-se nesse processo da escuta das respostas às questões um elemento reflexivo ao se pensar a prática de atuação na prática vivida.

“Quando você tem parâmetros, né, coisas semelhantes, você parte pra uma situação, assim, mais, mais tranquila. Se você já teve parâmetros, se já passou por situações semelhantes. Agora quando é uma situação nova, é um desafio, assim, você..., você tem que... Eu acho que a escuta...” (Entrevistado(a) 8).

Outro recurso utilizado pelo(a) entrevistado(a) 8, que possui características prescritivas, mas que traz também um elemento reflexivo é o espelhamento. O espelhamento aqui descrito pelo(a) *Coach* condiz com o atleta se colocar numa posição ativa na situação assumindo as responsabilidades, mas ao mesmo tempo abdicando-se de uma posição de vitimização de uma situação para se livrar do peso provocado por essa. Ou seja, o(a) *Coach* orienta o atleta a espelhar-se em determinadas situações, como por exemplo colocar-se no lugar do técnico. Diante disso coloca-se esse atleta para refletir: “esquece o que passou”,

“foca no futuro”. Aqui o esquecimento parece ser uma libertação, e a memória pode ser muito sobrecarregada nesse processo, ainda mais se a memória remeter ao fracasso.

“Ah, você teve um bom desempenho?”. (pausa) ‘Agora se coloca no lugar do seu treinador..., você se escalaria?’. Eh, e aí a partir daí, ele mesmo vai caindo em si. (pausa) E aí ele já vai tirando aquele ressentimento que ele tinha do técnico dele, (pausa) porque ele vai se colocando..., a gente vai fazendo o espelhamento dele e a gente vai colocando ele no lugar do técnico dele. ‘Você não teria a mesma atitude?’”

“Então ali você vai libertando ele de várias coisas, né, que, que vão ajudar ele a, a, a prosseguir sem peso.”(Entrevistado(a) 8).

4.1.10. Relato 9

O(a) entrevistado(a) 9 é um profissional que tem graduação em Educação Física, pós graduação (Mestrado e Doutorado), que atua com uma equipe de futebol profissional valendo-se do *Coaching*. Sua experiência como ex-jogador, treinador, estudioso da área do treinamento desportivo, contribui atualmente para o arcabouço de conhecimento que ele(a) possui sobre o ambiente do futebol. Com esse repertório teórico e toda experiência adquirida, ele(a) consegue desenvolver os trabalhos como *Coach* de uma forma multidisciplinar, pois o vasto conhecimento sobre as várias áreas do futebol, faz com que ele(a) atue em diferentes domínios.

Ao ser solicitado a trazer uma experiência significativa em sua atuação como profissional de *Coaching*, o(a) entrevistado(a) 9 traz um episódio que ocorrera recentemente em um trabalho com um jogador de futebol. Esse(a) profissional descreve que teve que desenvolver trabalhos com o jogador que abarcassem sua vida profissional e pessoal, no sentido do jogador se cuidar um pouco mais e de entender alguns aspectos relacionados a sua carreira esportiva, como, por exemplo, priorizar a carreira do futebol e, consequentemente, treinar mais tecnicamente, taticamente, fisicamente, mentalmente, para que atingisse outro patamar de performance. Esses apontamentos trazidos pelo(a) *Coach* remetem a seu modo de atuação profissional, pautado na organização e sistematização do trabalho de *Coaching*. Ao refletir sobre seu trabalho, ele(a) descreve:

“... então isso me deixou muito feliz, porque nós pegamos o atleta no estágio muito baixo, de baixa autoestima, de falta de comprometimento, de falta de planejamento da carreira esportiva, e ele, teoricamente ele conseguiu atingir um nível de performance tanto dentro quanto fora do campo muito bacana, e nos ajudou muito durante a temporada esportiva.”(Entrevistado(a) 9).

Trazer sentimentos é uma forma do(a) entrevistado(a) 9 pensar sobre o que fez, embora, tente justificar o não envolvimento emocional, com a padronização do trabalho desenvolvido, priorizando resultados. Quando ele(a) pensa sobre a experiência, vem à tona

sentimentos que repercutem no seu modo de avaliar o episódio. Embora ele(a) traga os elementos técnicos e progressivos que configuram o trabalho do *Coach*, sobressai como o sentimento associado à reflexão sobre as pessoas envolvidas no processo comparece em seu discurso.

O(a) entrevistado(a) 9 relata sobre a sensação do dever cumprido como algo que é da competência técnica de seu trabalho. Interessante é que ele(a) complementa que sua atividade vai além de resultados, pois as pessoas envolvidas podem ser beneficiadas pelas intervenções, no âmbito pessoal.

“Os pensamentos, os sentimentos que vem à tona quando eu penso sobre essa experiência, pensamento de dever cumprido, o pensamento de ter ajudado uma pessoa que precisava num determinado momento, o pensamento também de ter conseguido deixar no clube uma imagem que as coisas funcionam, e que o trabalho de coach esportivo ele pode contribuir não só para o aumento da performance dos atletas dentro do, dentro do futebol, mas também pra melhorá-los enquanto pessoas, enquanto seres humanos...”.(Entrevistado(a) 9).

Esse(a) *Coach* vai ressignificando sua atuação, ancorando-se nos conhecimentos e experiências conquistadas ao longo de sua trajetória profissional. O atuar como *Coach* atualmente está alicerçado em uma gama de conhecimentos adquiridos e ampliados. E ao refletir sobre sua experiência profissional, toda a bagagem de conhecimentos vem à tona para consolidar e justificar o seu modo de agir. Ao refletir sobre a atuação, ele(a) faz uma analogia do processo de se ter um aparato teórico de conhecimento com a “floresta”, ou seja, esse conhecimento como eixo norteador das intervenções:

“É necessário que você, eu sempre uso essa frase, que você consiga enxergar a floresta. E o quê que é enxergar a floresta? Enxergar a floresta é enxergar o problema do atleta, tanto do ponto de vista da performance, quanto do ponto de vista humano, do ponto de vista da pessoa, de uma forma mais sistêmica e de uma forma mais holística, ou seja, quando você olha pra cima, você está em cima de um monte e olha pra uma floresta, você vê uma série de árvores diferentes, de diferentes tipos, e isso faz com que você tenha que utilizar ferramentas diferentes também. Então esse exemplo ele me traz como ensinamento, o fato de que teoricamente eu tive que utilizar e beber de várias fontes, e de diferentes áreas, como eu relatei na resposta anterior, pra que eu pudesse entender melhor o problema e teoricamente ajudar o atleta a sair daquela situação.”(Entrevistado(a) 9).

Esse exemplo remete aos constructos utilizados por esse(a) profissional para resolver os problemas e chegar em possíveis soluções. Por mais que ele(a) traga os aspectos holísticos em seu discurso, seu trabalho se pauta na resolução de um problema para que o time tenha resultados satisfatórios. Então o(a) *Coach* utiliza de várias fontes de conhecimentos para resolver determinados problemas. Refletir sobre esse processo para esse(a) profissional, é oportunizá-lo a descrever que sua atuação demanda ser um profissional detentor de vários saberes.

“Então, esse é um exemplo que dá pra ilustrar bem o acesso a várias ciências pra que se consiga resolver um problema, e o esporte ele exige isso, muitas vezes o profissional está ali dentro da casinha de conhecimento dele, olhando somente para uma árvore, e ele não consegue perceber que pra ajudar um atleta, pra tentar retirar o atleta de um determinado contexto de dificuldade, ele vai precisar acessar várias árvores, ou seja, várias fontes de conhecimento de diferentes setores.” (Entrevistado(a) 9).

Nesse sentido, o(a) entrevistado(a) volta seu raciocínio ao justificar que o *Coach* precisa ser um profissional completo. Pois dentro do meio esportivo cada profissional olha para sua área, e o *Coach* consegue ampliar seu olhar para diferentes áreas, diferentes árvores.

“Então eu sempre brinco com os membros da comissão técnica, e também com os atletas que é: para de olhar pra árvore e começa a enxergar a floresta, porque se você não enxergar a floresta você não vai conseguir resolver essa questão, porque o problema é sistêmico, e um problema sistêmico nunca se resolve somente com a área de conhecimento. Isso talvez seja a principal questão que fica pra mim desse caso especificamente.” (Entrevistado(a) 9).

Refletir sobre suas vivências profissionais remete, para esse(a) *Coach*, a contextualizar a seara onde se trabalha. O lugar, as características do esporte, a cultura desse, dizem muito sobre como intervir. Ao pensar sobre essas questões, esse(a) *Coach* considera que seu trabalho deve seguir uma metodologia e um rigor estrutural para que se tenha resultados efetivos.

“Eu entendo que pelo menos nesse ambiente que eu vivo, que é um ambiente do futebol, se você não planejar, se você não sistematizar as coisas, se você não organizar as coisas, há uma grande probabilidade de você não ter sucesso, então pra mim há periodização, e aí essa periodização ela pode vir de diferentes maneiras, mas ela é fundamental nesse contexto.” (Entrevistado(a) 9).

Mesmo diante de todos os aspectos técnicos, das sistematizações dos trabalhos de *Coaching*, na busca pelos resultados e pelas performances de excelência, o movimento de reflexão sobre a prática de atuação desse entrevistado traz elementos condizentes com a atenção aos aspectos subjetivos, ao outro que está no processo.

“O que eu fui aprendendo, ressignificando ao narrar essa minha experiência é algo que assim, particularmente fez parte da minha formação, dentro do mestrado, dentro do doutorado, que é sempre refletir sobre os problemas, sobre diferentes olhares, sobre diferentes perspectivas, sobre diferentes áreas do conhecimento, e também é um ponto que eu chamo muita atenção, é que assim, pra mim todo problema é único, todo caso de atleta ser atendido é único, e que não existem receitas de bolo, não existem, não existem manuais, quando a gente fala de atendimento ao ser humano, atendimento ao atleta, e que é muito importante o profissional ele ter um mapa que o norteia, e que ele tem que ficar muito atento aos sinais, e as informações que o atleta traz pra ele, porque muitas das vezes a resposta para o problema está nos sinais, está nas questões que o atleta coloca, como difícil de solucionar.” (Entrevistado(a) 9).

Pode-se dizer que os aspectos técnicos que comparecem na narrativa do(a) entrevistado(a) 9 estão condizentes com a atuação profissional do *Coach*, seguindo todos os pressupostos e métodos de trabalho. Para esse(a) entrevistado(a), refletir sobre esse processo

possibilitou um rememorar de situações e um pensar sobre atuações que deram certo e outras que precisaram de ajustes. Mesmo seguindo uma sistematização de trabalhos, esse(a) *Coach* pode perceber que quando se trata de ser humano, algumas adaptações e ajustes precisam ser realizados. E nesse movimento de pensar a prática na prática, possibilita o acesso a elementos importantes que poderão embasar novas intervenções.

4.1.11. Sobre o processo reflexivo entre Coaches

Os quatro profissionais de Educação Física entrevistados têm trajetórias que os aproximaram da Psicologia do Esporte enquanto área do conhecimento, munindo-os de um repertório conceitual consolidado em certas abordagens e em diferentes laboratórios de pesquisa em Psicologia em faculdades de Educação Física. Um deles cursou uma pós-graduação *lato sensu* em Gestão e Marketing Esportivo (Relato 8), outro, além de uma especialização em treinamento esportivo fez um Mestrado (Relato 7). Dois entrevistados têm trajetórias que se estenderam do Mestrado ao Doutorado (Relatos 6 e 9) e um deles cursava graduação em Psicologia na ocasião em que foi entrevistado (Relato 6). Trata-se, portanto, de um grupo de profissionais com sólida formação acadêmica. Entretanto, o que os reúne nessa mostra é o fato de serem profissionais que se utilizam do *Coaching* em suas intervenções. Como não existe profissão de *Coach* regulamentada no Brasil, é importante frisar que essa atuação se define como uma estratégia que, no caso do presente enfoque, aplica-se no campo esportivo valendo-se de conhecimentos relacionados à Psicologia do Esporte, sem, contudo, confundir-se com esta. Na prática, a não regulamentação do *Coach* como profissão significa que não há condição prévia, como a necessidade de uma formação específica, para alguém atuar como tal. Nesse sentido, pode-se frisar que a amostra de *Coaches* dessa pesquisa tem um status privilegiado no que tange à formação profissional e acadêmica.

As experiências marcantes trazidas nos quatro relatos concedidos ocorreram no esporte de alto rendimento. Todos os casos narrados obedecem a uma linearidade que começa na demanda institucional, passa pela estratégia para atingi-la e apresenta o êxito alcançado conforme previsto no planejamento. O enfoque maior de suas narrativas é colocado nos procedimentos que levam aos resultados esperados. Os procedimentos abordados diferem, mas compartilham um aspecto comum e compatível com a lógica hegemônica nas ciências naturais, o raciocínio explicativo-causal. Assim, desde o modo de narrar os episódios, até o modo de justificar o sucesso das intervenções, o raciocínio explicativo, procurando ou

fornecendo os porquês de um rendimento abaixo e de um rendimento compatível com o desejado, vem empregado. No decorrer das narrativas, cada entrevistado recorre a um conceito central que media explicativamente a saída de uma condição indesejável a uma condição exitosa, respondendo às demandas que eles foram atender à pedido das instituições esportivas e que tinham como alvo as melhoras individuais de atletas (3 dos casos) ou a melhora coletiva de uma equipe (1 dos casos). Os conceitos recrutados foram autorregulação (6), crenças limitantes (7), motivação (8) e sistematização (9).

É interessante observar que o emprego desses conceitos, em todos os quatro relatos, ilustrou o episódio marcante elegido, mas também foi generalizado como descritor privilegiado do trabalho realizado por cada *Coach*. Embora nenhum se restringisse ao conceito empregado, este ocupa um lugar central em suas narrativas no modo como eles definem os objetivos de seus trabalhos. No relato 6, surge a questão a respeito “do que ele precisa para se autorregular” e a ponderação de que nem sempre, num tempo determinado, como o ciclo olímpico, “eu vou conseguir regular uma pessoa” e, “dependendo com quem eu vou trabalhar, quatro anos eu não consigo fazer essa pessoa aprender a se regular”. Por avaliar que nem todo atleta precisa de acompanhamento psicológico, uma vez que haja quem já saiba se autorregular e tenha êxito no esporte, confere-se que esse constructo ocupa, para esse *Coach*, a própria razão de ser do trabalho, definindo o objetivo mesmo da intervenção como sendo encontrar a combinação ideal de regulação para haver sucesso esportivo. Como constructo privilegiado no Relato 7, as “crenças limitantes” aparecem como conceito que ilustra o trabalho de “ajuda-los a entrar em campo com um nível de performance, ou nível de excelência deles”, sem ser, contudo, apresentado como o único fator a ser trabalhado junto aos atletas. A motivação é empregada no Relato 8 para destacar aquilo que este *Coach* mais valoriza em seu trabalho, “pegar um atleta desmotivado (...) e você restaurar ele, você trazer ele de volta”. O planejamento e a sistematização, com uma problematização que passe por diferentes áreas das Ciências do Esporte, é destacado no Relato 9 como modo de ter um rendimento exitoso com base no engajamento e comprometimento de um atleta com sua melhora.

No que se refere aos métodos usados para planejar e executar a estratégia sobressai-se uma escuta que pode ser classificada como socrática, uma noção de mapeamento e a noção de ensino, valendo-se de mensurações que sugerem o emprego de escalas e outros instrumentos para monitorar a efetividade do aprendizado. A menção a outros recursos científicos, como a periodização de treinamento, lembra que esses *Coaches* são profissionais de Educação Física,

mesclando a definição de metas com a prescrição de treinos. Nos relatos em que há maior pormenorização acerca dos métodos, nota-se como a seu emprego se mantém rente à demanda inicial. A escuta, por exemplo, é prescrita para conduzir o atleta definir metas por si próprio, assumindo a responsabilidade por elas. Essa escuta é orientada para o ajuste de novas perguntas que induzam a esse fim. O mapeamento procura os fatores que possa agir e fazer diferença para a finalidade de fazer um planejamento de ação. Há também uma tarefa pedagógica, de ensino e aprendizagem. As narrativas deixam entrever também que a articulação da situação a ser trabalhada recorre a fatores objetivos e outras áreas da ciência que não a Psicologia, sinalizando também para a dificuldade de se apreender aspectos da pessoa e da subjetividade. No que tange a uma eventual insuficiência do trabalho, além da reiterada menção a um aumento dos conhecimentos a serem adquiridos e aplicados, destaca-se a descrição de quando o *Coach* falha por dizer pelo atleta o que ele deve almejar, pois, uma vez que isso não seja alcançado, a responsabilidade pode ser atribuída ao *Coach* quando deveria ser atribuída unicamente às escolhas dos atletas, cabendo ao primeiro apenas facilitar o planejamento para atingi-la.

5. COMPÊNDIO DOS PROCESSOS DE REFLEXIVIDADE

Processo reflexivo é um assunto complexo. Pensar a prática demanda um voltar para a experiência e refletir sobre ela, o que pode ocasionar situações de desconforto e incômodo. O fato de um profissional de outra área que não a Psicologia questionar o papel dessa no meio esportivo, também comparece no relato de um(a) Psicólogo(a) do Esporte quando esse diz que a Psicologia do Esporte (PE) ainda precisa se firmar como área. Essas ressignificações e autoafirmações da área demandam um processo de reflexão que pode gerar inquietações:

“[...] a gente ainda fala muito pouco de algumas situações que não deram certo, ou que podia ter sido melhor, a gente fala muito do que a gente fez, porque a área, inclusive, necessita dessa afirmação, tipo, eu trabalhei aqui, a gente conseguiu mais ou menos essa coisa [...]” (Entrevistado(a) 3).

Assim, embora perceba-se nesse trecho que algo da área da Psicologia do Esporte necessita de uma afirmação, Psicólogos(as) do Esporte e *Coaches* fazem uma crítica ao trabalho da Psicologia do Esporte, no sentido de que falta a essa um olhar objetivo. Diante

desses aspectos, podem ser levantadas algumas “hipóteses de trabalho” a partir do que foi trazido reflexivamente com as práticas de Psicólogo(a)s do Esporte e *Coaches* .

Seus apontamentos trazem algumas similaridades que podem até mesmo levar suspeita de que ambos possuem modos semelhantes de refletir sobre suas práticas. No entanto, as experiências que eles fazem desses processos reflexivos é que podem tomar rumos distintos. Os(as) Psicólogos(as) do Esporte amparam-se na regulamentação da profissão e resguardam-se em seus apontamentos, trazendo suas experiências e reflexões em torno dessas de modo a não expor situações ou intervenções. Procuravam falar sobre os processos vividos. Isso pode denotar um cuidado ético com o fazer profissional. Os(as) *Coaches* trazem em suas explanações um trabalho coerente, organizado e compatível com o método do *Coaching*. Em suas narrativas, observou-se que seus trabalhos iam, prevalentemente, ao encontro de demandas objetivamente apresentadas e que, em quase todos os momentos dos 4 relatos produzidos, todo o preparo na organização das intervenções esportivas era compatível com os procedimentos e técnicas do *Coaching*. Ao refletirem sobre suas práticas e sobre as experiências reflexivas dessas, os *Coaches* buscavam se amparar nos resultados positivos para consubstanciar sua ação profissional.

Pode-se elencar uma primeira diferença no modo prevalente de refletir sobre a prática de atuação, ou seja, a apreensão e o direcionamento dos processos reflexivos desses dois grupos seguem vias distintas que não se excluem: um exalta a direção do processo e o outro enfoca a direção do resultado.

A reflexão a respeito do fazer profissional enquanto experiência pode auxiliar os profissionais a ampliar o olhar sobre a própria atuação, seja em Psicologia do Esporte, seja no trabalho desenvolvido pelos *Coaches*. Embora o roteiro semiestruturado utilizado nas entrevistas da pesquisa seja um instrumento que leve a pessoa a acessar seus processos reflexivos, mesmo que se faça perguntas que demandam uma reflexão por parte dos(as) entrevistados(as), não estamos a procura de respostas para o que é adequado ou justificativas quanto ao modo de atuar de Psicólogo(a) do Esporte e do *Coach*.

O pensamento reflexivo traz para o âmbito de discussão um caminho que elucida e fornece elementos que ajudam os profissionais a pensar e repensar sua atuação. Os processos de reflexividade estimulam um constante olhar para a prática, para as ações, para outras possibilidades de resolver problemas. O refletir sobre a prática leva esses(as) profissionais, sejam eles Psicólogos ou *Coaches*, à compreensão de elementos que os resultados desvelaram. Esses elementos podem ajudar esses(as) profissionais a ressignificarem sua

atuações, pois a reflexão, como definida por Boud Koegh & Walker (apud Anderson, Knowles & Gilbourne, 2004, p. 191) “*é uma atividade cognitiva que ajuda o sujeito a ligar o conhecimento profissional, a prática e a emergência do conhecimento em ação à consciência.*”

O processo reflexivo faz parte da entrevista, e é possível que esse seja um recurso do próprio entrevistado(a). Ou seja, que o(a) próprio entrevistado(a) tenha o pensar a prática como parte de sua atuação. Isso pode ser evidenciado nos relatos de parte dos entrevistados(as), por meio dos quais, foi possível identificar elementos que contribuíram, ao longo de suas experiências para o processo de formação profissional e para a construção deste modo reflexivo de pensar a própria atuação.

Ao pontuarmos sobre a aprendizagem e o desenvolvimento profissional e pessoal dos profissionais que trabalham com esporte (Psicólogos do Esporte e *Coaches*), podemos elencar os benefícios da prática reflexiva. Esses aspectos foram discutidos por Knowles, Gilbourne, Borrie & Nevill, 2001 no âmbito do treinamento esportivo. Ao contextualizar o cenário específico da Psicologia do Esporte, os autores Holt e Streat (2001) e Anderson (1999) certificaram, por meio de técnicas reflexivas distintas, que o comprometimento na prática reflexiva pode aumentar a compreensão dos praticantes sobre sua prática. No caso desse estudo, nosso objeto configura-se em torno não dos praticantes, como atletas, dentre outros, mas relacionado aos profissionais que trabalham com o esporte. Nesse sentido, pode-se perceber que a prática reflexiva auxiliou os Psicólogos do Esporte e *Coaches* a acessar e compreender seu conhecimento na ação, no próprio ato de narrarem sobre suas vivências profissionais.

Ao abordarmos o conhecimento na ação, verifica-se que esse constructo possui a atribuição de integrar mais do que o conhecimento científico. Podemos verificar nas falas dos profissionais Psicólogos do Esporte e *Coaches* que, além dos conhecimentos adquiridos pela academia, a gama de informações obtidas pela experiência e pela consolidação da profissão, vieram com as vivências práticas cotidianas. Esse processo contempla uma compreensão da contribuição do conhecimento pessoal, ético e estético, assim como também da experiência e dos valores (Anderson, Knowles & Gilbourne, 2004).

A prática reflexiva constitui um meio que permitiu com que Psicólogos do Esporte e *Coaches* identificassem tensões internas, relacionadas ao conhecimento pessoal, e nesse sentido possibilitou que esses profissionais buscassem alternativas para poderem lidar com essas questões. Aqui é interessante ressaltar que o mecanismo de análise pessoal pode ser

semelhante para ambos os profissionais, mas os recursos alternativos de Psicólogos do Esporte e *Coaches* são singulares e seguem caminhos distintos. Cada profissional ampara-se na sua formação acadêmica ou na formação profissional, e por meio dessas somadas às experiências de trabalhos, vão organizando estratégias para pensar sua prática de atuação.

É relevante mencionar que tanto Holt e Streat (2001) quanto Anderson (1999) salientaram que o acesso ao conhecimento na ação constitui um procedimento que facilita a autoavaliação, o aprendizado e, em último domínio, pode favorecer a eficácia da prática. Um maior entendimento do conhecimento na ação, por sua vez, contempla uma consciência aprimorada do papel do *self* em um ambiente de prática. Nesse aspecto, pode-se elencar que a prática reflexiva proporcionou aos Psicólogos do Esporte e *Coaches* condições para que esses pudessem explorar as complexidades de se refletir sobre sua área de atuação e com isso puderam aumentar a autoconsciência (Anderson, 1999) decorrentes do engajamento na prática reflexiva. Ou seja, a prática reflexiva foi considerada relevante porque encorajou esses profissionais a abordar e lidar com questões e conflitos internos relacionados à própria prática. E ao acessar esses conflitos e questões internas, por meio da reflexão, Psicólogos do Esporte e *Coaches* puderam pensar em uma nova maneira de atuação profissional, com possíveis correções, ou até mesmo potencializando determinadas ações.

A experiência da prática reflexiva aqui descrita com os Psicólogos do Esporte e *Coaches* pode ser considerada como um fator muito gratificante para esses profissionais e ao mesmo tempo um processo libertador, pois as angústias e dificuldades que surgiram não são mais apenas sentimentos desconfortáveis. Essas sensações que ocorreram foram compreendidas por eles(as) como algo consciente, que pode reverberar em um fazer profissional diferente no futuro. L'Aguille (1994), em um estudo dedicado com profissionais da enfermagem, também descreveu sobre a liberdade que a prática reflexiva pode proporcionar por meio da “percepção de que você tem as habilidades para analisar um problema intrincado, para desvendar a teia e chegar ao coração do problema” (p. 88).

Refletir sobre a prática também pode ser utilizado para ampliar a responsabilidade daquele que pensa sobre sua atuação. Notadamente na Psicologia do Esporte, Anderson, Miles, Mahoney e Robinson (2002) sugeriram que a prática reflexiva poderia ser usada para autoavaliar a prática e aumentar a responsabilidade dos Psicólogos Esportivos com seus clientes, com eles mesmos e com sua profissão.

Para Anderson, Miles, Mahoney e Robinson (2002), primeiramente, os profissionais podem usar a prática reflexiva para prestar contas ao cliente (por exemplo, o atleta),

analisando e justificando sua prática para aumentar a confiança de que estão prestando o melhor serviço possível. Nesse aspecto, os profissionais do *Coaching* evidenciam que seus trabalhos estão pautados nos resultados, e que preocupar e refletir sobre essas questões, são procedimentos imbricados na sua profissão, e que esses aspectos fazem parte do seu fazer profissional.

Em segundo lugar, os profissionais, de acordo com Johns (1995) ao se debruçarem sobre a prática reflexiva, assumem a responsabilidade pessoal de monitorar sua prática e se esforçam para aumentar sua eficácia profissional. Em síntese, Psicólogos do Esporte e *Coaches*, ao pensar a prática de atuação, relacionam essa a um processo de justificar a prática para si mesmo, ampliando a responsabilidade sobre aquilo que se faz.

Em terceiro lugar, a prática reflexiva pode ser usada para aumentar a responsabilidade dos Psicólogos do Esporte e *Coaches* em sua profissão, no sentido de instrumentalizar esses profissionais em como agir em certas situações. A experiência prática pode ser considerada uma ferramenta auxiliar do como intervir em determinadas circunstâncias. Os *Coaches* e Psicólogos do Esporte elencaram questões relacionadas às experiências profissionais como alicerce para suas atuações. E esse movimento de pensar sobre esses quesitos trouxeram sentimentos diversos, pois nem todas as experiências foram exitosas.

Os benefícios dos processos reflexivos elencados acima ancoram-se na assertiva de que a prática reflexiva fornece uma abordagem prática e indagações que corroboram com Psicólogos do Esporte e *Coaches*, no sentido de fornecer a esses ferramentas que possam ampliar a sua conscientização e compreensão do seu papel profissional e do conhecimento em ação na prática. Assim, por meio do pensar a prática de atuação, Psicólogos do Esporte e *Coaches*, aumentam sua responsabilidade profissional e, em última análise, aperfeiçoam sua eficiência na prestação de um serviço humanista centrado no atleta.

6. REFLEXÕES SOBRE O QUE EMERGIU DOS PROCESSOS REFLEXIVOS

As explanações anteriores sobre as associações entre a autoconsciência, a reflexão e o crescimento pessoal propõem que o processo de reflexão possa desencadear pensamentos desafiadores e produzir emoções. Para Gilbourne (1999), no nível pessoal, a prática reflexiva contempla potencial para enriquecer a vida daqueles que fazem uso desse processo. De maneira similar, a reflexão pode influir diretamente a tomada de decisões estratégicas em nível pessoal e institucional. Ou seja, os resultados e *insights* alcançados pelo exercício

reflexivo dos profissionais Psicólogos do Esporte e *Coaches* seriam, principalmente, aplicáveis no “nível local”, onde esses atuam. Nesse aspecto, os procedimentos reflexivos dos Psicólogos do Esporte e *Coaches* possuem o potencial de elaboração de informações que possam interessar a um público mais amplo, aqui no caso, o meio esportivo. Assim, quando Psicólogos do Esporte e *Coaches* desenvolvem a prática reflexiva sobre sua atuação profissional, esse processo pode fornecer informações com potencial para reverberar sobre aqueles que estão imbricados em seus trabalhos.

Ao considerarmos que a prática reflexiva proporciona conhecimento e informações que vão repercutir na atuação profissional, é relevante mencionar que a reflexão também propicia uma oportunidade de se pensar a prática e poder expressar esses processos por meio de uma narrativa.

Ao oportunizarmos para Psicólogos do Esporte e *Coaches* a ocasião de falarem sobre suas práticas e, com isso, possibilitarmos o acesso às experiências reflexivas de sua atuação, constitui-se um universo inovador de pesquisa no âmbito do meio esportivo e da Psicologia do Esporte. No entanto, por se tratar de um processo de difícil apreensão, essa inovação pode ainda ser um desafio. A experiência reflexiva, mesmo no contexto da pesquisa, configura-se como um processo controverso e desafiador (Knowles, Gilbourne, Borrie & Nevill, 2001). As narrativas dos Psicólogos do Esporte e *Coaches* corresponde a uma forma de representação que explora a essência dos processos reflexivos prevalentes (Gilbourne, 2002; Sparkes, 1996).

Essa forma de pesquisar, nos permitiu reunir elementos da própria história de vida dos Psicólogos do Esporte e *Coaches* com o objetivo de formular um diálogo posterior com esses para o acesso às experiências reflexivas desses profissionais. A maneira de registrar as experiências reflexivas pode sofrer variação de um profissional para o outro, como por exemplo, o relato de um profissional pode parecer mais proeminente em algumas seções do texto do que em outras. Porém, no geral, o registro prevalente é escrever as próprias reflexões em primeira pessoa.

A prática reflexiva pode trazer benefícios a nível pessoal, proporcionando aos Psicólogos do Esporte e *Coaches* possibilidades de desenvolver o seu auto crescimento. Essas auto análises podem ser ampliadas para o contexto institucional onde esses profissionais atuam, no sentido de melhorar a forma como o esporte é desenvolvido, coordenado, gerenciado, dentre outros (Ghaye, 2001).

O desenvolver a reflexão no nível pessoal de Psicólogos do Esporte e *Coaches* pode ter ligação com o aumento do profissionalismo, pois quando esses profissionais foram

instigados a refletir sobre sua prática, eles(as) criaram potencial para desenvolver, expressar e analisar criticamente suas próprias realidades, e ter o compromisso, a vontade e o poder de agir para transformar essas realidades para melhorar o bem-estar pessoal e coletivo, além das próprias condições de trabalho.

7. UMA FENOMENOLOGIA DOS PROCESSOS REFLEXIVOS PREVALENTES NAS PRÁTICAS INTERVENTIVAS DE PSICÓLOGOS DO ESPORTE E COACHES.

Buscando sua conversão como fenômeno, além de suspender conhecimentos teóricos prévios a respeito de como quer que se considere que atuem e pensem os dois grupos estudados, o recorte tematizando *processos reflexivos* tem sua peculiaridade em relação ao modo como os objetos são usualmente definidos nas pesquisas em Psicologia fenomenológica. Como objetos de experiência (Barreira e Ranieri, 2013; Barreira 2017), o ponto de partida dessas investigações costuma ser uma experiência bem delineada, a maneira como se vive a percepção de algo (Telles, Vaitinen & Barreira, 2018; Barreira, 2017b; Valério & Barreira, 2016; Salomão, Ottoni & Barreira, 2014; Ranieri & Barreira, 2010; Barreira, Ranieri & Carbinato, 2009; Ottoni, Ranieri & Barreira, 2008; Barreira 2019, 2017c, 2013, 2010, 2006; Barreira & Massimi, 2008, 2006). Já o objeto “processo reflexivo” não é a percepção de algo, mas uma “percepção” de percepções. Essa “percepção segunda” consiste na atividade reflexiva e não se define propriamente como um objeto, mas como um modo de acessar objetos, como uma maneira de fazer, articulando ação, motivação e avaliação. Trata-se de uma camada operativa correspondente ao que, segundo a antropologia fenomenológica de Husserl e Edith Stein, se denomina por *atividade espiritual*, o que contempla as ações intelectivas e volitivas (Stein, 1999; Ales Bello, 2004, 2006, 2015; Coelho Júnior & Mahfoud, 2006; Coelho Júnior & Barreira, 2014, 2018; Barreira, 2007).

De acordo com as análises husserianas, em especial aquelas apresentadas nas obras *Psicologia Fenomenológica*, *Experiência e juízo*, *Sobre as sínteses ativas* e *Análises sobre as sínteses passivas*, as atividades espirituais que podem ser identificadas como características de uma dada pessoa, abrangendo uma dimensão importante de seu modo de agir, o que vem a ser chamado de personalidade ou de caráter, se constituem nas decisões tomadas ao longo de sua história. Cada decisão, argumenta Husserl, tende a se manter e a se repetir em face de percepções similares àquela em que ela ocorreu anteriormente. Essa sedimentação de decisões tomadas age como uma predisposição. Quando um adulto é impelido a decidir algo, esta

pessoa recorre, dando-se conta disso ou não, a valores a que aderiu anteriormente, assim tende a agir de acordo com decisões práticas funcionais, isto é, com as quais obteve sucesso. Ao tornarem-se hábitos sedimentados, essas operações, que podem ser tanto gestos motores de uma prática esportiva como cognições algébricas, dependem menos de um esforço deliberativo. Isso significa que essas operações tendem a agir sob menos mediações, tendo sido incorporadas e “automatizadas”. Pode-se dizer que os hábitos formam uma “segunda natureza” do ser humano, constitui a pessoa de maneira intimamente relacionada à cultura em que esta habita, já que não há aderência a valores, tomadas de decisão ou escolhas fora da cultura. A cultura mesma segue um processo de sedimentação prático e materialmente exteriorizado de ações anteriores coletivamente apreensíveis, processo que conserva tais ações e as veicula, ao mesmo tempo em que as transforma e também as elimina na tensão com novas ações, o que pode configurar o tensionamento entre conservar e mudar.

A ação puramente habitual, aquela derivada de ações anteriores já sedimentadas, é uma ação irrefletida. Isso não é o mesmo que dizer que ela seja necessariamente irracional, uma vez que certa racionalidade pertinente a ações anteriores, a exemplo de uma cognição de tipo algébrica, pode estar viva na predisposição que a torna “intuitiva”. O aspecto irrefletido da ação habitual está apenas no fato de que ela não depende de uma retomada de passagens cognitivas que “convençam” o sujeito a agir como tal.

A reflexão, diferentemente, é um processo mediante o qual um objeto é tematizado, situado num horizonte que implica seu antes e seu depois, suas iniciativas e perspectivas, ou mesmo abstraído desse horizonte original, num recorte que o concebe cognitivamente como separado da concretude em que se manifesta na percepção mundana. Deve-se pontuar também que o próprio objeto tematizado comparece sob o prisma do processo reflexivo, denotando a participação desse processo tanto na maneira de perceber como naquilo que é percebido. Assim, embora se possa apelidar a reflexão de “percepção segunda”, como se fez anteriormente, esse segundo momento participa ativa e entrelaçadamente da maneira como as percepções primárias são apreendidas, organizadas e expressas nos relatos de experiência. Isso significa que a participação íntima de um momento e outro, percepções (do episódio narrado) e “percepção das percepções” (reflexão), não autoriza sua separação plena. Mais do que isso, em grande medida, a reflexão retrospectiva que ocorre durante a entrevista retoma o processo reflexivo ocorrido durante a ação de cada profissional no episódio que ele relata. Não há qualquer interesse por diferenciar o processo reflexivo ocorrido no episódio do processo reflexivo a respeito daquela reflexão. A aparente exceção é na questão que demanda

uma avaliação atual sobre como o entrevistado atuaria na mesma situação, o que o provoca a pensar se poderia agir melhor do que fez. Com efeito, considerar a reflexão como um mesmo processo, haja ou não continuidades e descontinuidades, permite apreender seu engendramento em ato, sendo um processo simultaneamente retrospectivo e atual. Nesse sentido, embora a literatura dedicada aos processos reflexivos opere com diferenciações como o conhecimento na ação, a reflexão na ação e a reflexão sobre a ação (Schön, 1987, 2000), as presentes análises dispensam tais categorizações, suspendendo-as para privilegiar o processo como uma unidade.

Como Psicólogos e *Coaches*, de acordo com o recorte delineado pela amostra apresentada e pelos procedimentos empreendidos, refletem acerca *de* e *em* suas práticas interventivas, isto é, articulam ações motivos e avaliação, é o objeto examinado nesta investigação. Constatou-se como os Psicólogos têm uma abertura a variados contextos práticos de intervenção, recrutando episódios que se mobilizam pela constatação de como suas ações fomentaram um desenvolvimento que é contemporaneamente das pessoas atendidas e de sua própria potência interventiva, o que participa da formação de sua identidade profissional.

As pessoas atendidas pelos Psicólogos estão sempre posicionadas sob o fundo institucional ou social em que comparecem. Essa relação pessoa instituição, diretamente ligada à demanda pela intervenção psicológica, é tensionada num território de valores que concorrem, conjugada ou contrariamente, numa oscilação cujos desequilíbrios demonstram o comprometimento ético dos psicólogos entrevistados com as pessoas, sua dignidade e bem-estar. Diferentemente do que possa soar, esse comprometimento ético com as pessoas não se dá por oposição, afastamento ou separação da instituição e de suas exigências, mas equivale a um enfoque prioritário na pessoa, em sua lida institucional, havendo um exercício de mediação que contemple vias de otimização entre exigências institucionais e respostas pessoais. A atenção às pessoas atendidas passa pelas demandas, desenvolvendo-se por um vínculo, por uma atenção clínica que abrange aspectos latentes irredutíveis às demandas iniciais³.

Já os *Coaches*, a considerar pela análise do recorte delineado pela amostra intencional que concedeu entrevista, operam com um processo reflexivo fechado na seara do esporte de

³ Atenção clínica não deve se confundir com o *setting* clínico tradicional (o consultório), nem com a noção antiquada e vulgarizada por diferenciações correntes internacionalmente e importadas ao Brasil de um atendimento destinado às psicopatologias. No Brasil, há tempos a noção de clínica ampliada leva a práticas psicológicas um “olhar” informado pelas reflexões a respeito dos processos de subjetivação a contextos muito diferentes do estritamente terapêutico.

alto rendimento e seguindo um raciocínio notadamente técnico. A linearidade exitosa e suas intervenções, que vai das demandas, passa pelos procedimentos e chega aos resultados conquistados, é explicada por fatores causais objetivos e, eventualmente, mensuráveis. O recurso a outras áreas do conhecimento científico é mencionado frequentemente, em especial ao treinamento esportivo. O foco dos *Coaches* é clara e objetivamente o desempenho, o resultado pretendido⁴.

Alinhado com a fenomenologia, Bondia (2002) considera que a experiência é aquilo que nos acontece, mas seu entendimento relaciona-se com o modo como se elabora o sentido daquilo que nos acontece. Assim, a compreensão da experiência constitui um entendimento particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal. Refletir sobre uma experiência é um processo subjetivo, no qual mesmo que duas pessoas vivenciem acontecimentos similares, não fazem a mesma experiência dessas circunstâncias. A partir disso, sob operação das reduções fenomenológicas, mais especificamente do *cruzamento intencional* (Barreira, 2017), é possível colher os elementos essenciais constitutivos do que se apreende como vivências intencionais de experiências de diferentes pessoas. Nesse sentido, a comparação entre as análises dos dois grupos evidencia que seus processos reflexivos são muito diferentes, desde a maneira como percebem as pessoas atendidas, até a maneira como concebem os fins de seus trabalhos, passando, notadamente, pelo modo como operacionalizam suas intervenções. Embora não haja detalhamento dessa operacionalização, o que não era o foco da pesquisa, os processos reflexivos prevalentes nos grupos estudados são diferentes o suficiente para se constatar que as mínimas sobreposições que possam existir em suas atuações estão longe de sugerir que os grupos façam trabalhos semelhantes.

A análise mostra que Psicólogos do Esporte mantêm uma abertura para explorar as situações vividas pelos atletas que desdobram as demandas iniciais a partir do próprio trabalho com as pessoas. Focados na demanda inicial, *Coaches* acessam as pessoas atendidas para levantar dados que possibilitem o planejamento objetivo de uma estratégia para atingir metas. Disso participa, por exemplo, a prescrição de treinos baseada em periodização, tarefa que os Psicólogos não realizam⁵. O método usado pelos *Coaches* não é questionado por eles em seus relatos, mas assumido como seguramente correto e certo. Por outro lado, falhas em sua aplicação se traduzem em resultados ruins e podem refletir negativamente na reputação do

⁴ Ainda que um *Coach* entrevistado tenha mencionado o valor do desenvolvimento da pessoa, deve-se pontuar que sua problematização compareceu na tangência de questões que emergem em seu curso de graduação em Psicologia, momento da entrevista no qual a insuficiência do conhecimento objetivo veio à tona.

⁵ Psicólogos não prescrevem periodização de treinamento esportivo, tarefa exclusiva dos profissionais de Educação Física e Esporte, o que não quer dizer que não haja uma periodização da preparação psicológica. A rigor, essa última periodização seria correlata àquela prescrita para o treinamento esportivo.

Coach. Quando o método é corretamente aplicado, o eventual insucesso é de responsabilidade exclusiva do atleta.

De algum modo, pode-se ver aí que a compreensão da experiência relatada pelos *Coaches*, tal e qual descrita por Bondia (2002), é tão atravessada pela narrativa idealizada e objetiva do método usado que fica encoberta pelo mesmo. Não seria exagero dizer que, em boa medida, a experiência (o que aconteceu com cada entrevistado) se alinha e se reduz aos elementos que se encaixam na narrativa prescrita pelo método e em seus critérios objetivos, tanto os de tomada de decisão como os de resultados, sucesso e insucessos. Nesse sentido, grande parte da própria experiência dos entrevistados parece se camuflar pela narrativa inerente ao método, vindo apenas preenchê-la com os acontecimentos próprios à especificidade da intervenção feita por cada um.

Já os Psicólogos – de modo radicalmente diverso – questionam e problematizam o que foi aprendido e a maneira como procedem a partir de suas experiências, considerando-as em seu próprio processo de formação⁶. Para eles, sua própria atuação e a consequência pessoal para quem é atendido se conjugam, vinculando-se num processo que as faz menos apreciadas pelo resultado objetivo do que pelo desenvolvimento pessoal para o atleta, como o ganho de recursos deste para lidar com seu desempenho e atingir metas.

Problematizações éticas estiveram inteiramente ausentes dos relatos concedidos por *Coaches*, enquanto se repetiram nos relatos dos Psicólogos. Dois dos quatro *Coaches* entrevistados referiram-se negativamente ao trabalho de Psicólogos do Esporte, sugerindo que lhes falta conhecimento específicos das Ciências do Esporte, como o trabalho com periodização, ou que os psicólogos procurariam problemas ou dificuldades para justificarem a necessidade de seu trabalho. Dos cinco entrevistados, um(a) Psicólogo(a) referiu-se ao trabalho do *Coach*, tecendo elogios à maneira clara como, em comparação aos próprios colegas de profissão, eles apresentam o trabalho que desenvolvem. O teor das críticas e do elogio, longe de serem estritamente pessoais, refletem o tensionamento histórico que situa a Psicologia do Esporte entre a área da Educação Física e das Ciências do Esporte e a área da Psicologia, merecendo pontuações.

Para tanto, é importante resgatar, em termos históricos, uma polarização a respeito do espaço ocupado pela PE, afirmada por um lado como sendo uma área da Psicologia, por outro como uma subárea das Ciências do Esporte. Ambas as perspectivas confluem, entretanto, no

⁶ Os *Coaches*, diferentemente, num raciocínio cumulativo, mencionaram a importância de somar conhecimentos e contar com diferentes áreas da Ciência dos Esportes, mas não questionaram ou problematizaram o conhecimento de que se valem a ponto de expressarem mudança em sua intervenção com base nessa reflexão questionadora.

que se refere ao ponto de partida: conceitos e objetos de estudo da Psicologia (personalidade, motivação, traço, facilitação social, assertividade) aplicados à busca pela produção de um conhecimento singular da Psicologia do Esporte. A consequência desses empenhos pela ocupação de espaços culminou em teorias e métodos inacabados pelo fato das Ciências do Esporte não contemplarem de modo integral o sujeito ou o fenômeno estudado, esquivando-se, pela própria concepção de ciência que os norteava, do tema da subjetividade e da pessoa, por exemplo. Isso pode ter dificultado o início das criações e ampliações de referenciais teóricos para a área, adiando o progresso e o crescimento da Psicologia do Esporte (Rubio, 2004).

Pode-se considerar que, como subárea das Ciências do Esporte, a ancoragem em conceitos objetivos ajudou a formular uma linguagem que, articulada com o método *Coaching*, comunica muito prontamente com seus meios e fins. A cultura esportiva contemporânea é bastante apegada a uma linguagem assertiva, eco da efetividade esperada em sua prática e dos anseios por *resultados* que encontram ressonância nesse linguajar. Essa objetividade também é congruente ao método das ciências naturais, predominante no campo mais prático do esporte de alto rendimento, em que as ciências da natureza socorrem o desenvolvimento de prescrições de treinamento e afins⁷. Isso justifica o elogio de um(a) entrevistado/a Psicólogo/a à clareza da apresentação dos *Coaches*, aspecto inteiramente compatível com os processos de reflexividade evidenciados na presente investigação. Por outro lado, os Psicólogos, abertos à subjetividade, a considerar pela razão do elogio, apresentam seu trabalho de modo menos assertivo e objetivo, o que também é compatível com as problematizações inerentes aos processos de reflexividade constatados junto ao PE's entrevistados.

As críticas direcionadas aos Psicólogos por parte de *Coaches* entrevistados, por sua vez, ecoam posições presentes na literatura. Isso é bem ilustrado em recente publicação internacional sobre a história da Psicologia do Esporte no Brasil. Vinculados à extinta SOBRAPE e à atual ABEPEEx, os autores concluem um parágrafo mencionando que: “Em relação à prática profissional, é evidente um maior envolvimento de profissionais da Psicologia; no entanto, esses profissionais não possuem conhecimentos esportivos e requerem treinamento complementar” (Noce, Vieira & Costa, 2016, p. 67)⁸. O parágrafo seguinte, por

⁷ Deve-se esclarecer, contudo, que as Ciências do Esporte são bem mais amplas e irrestritas ao modelo natural, contemplando a sociologia e antropologia, por exemplo, que se pautam no modelo das ciências sociais e humanas. O impacto das mesmas junto aos profissionais que atuam no esporte de alto rendimento é bem menos aplicado do que o domínio objetivo informado pelas ciências da natureza.

⁸ “Regarding professional practice, a greater involvement of professionals from psychology is evident; however, these professionals lack sports knowledge and require complementary training” (Noce, Vieira & Costa, 2016, p. 67).

outro lado, abre informando que “Muitos professores de Educação Física já fizeram esse treinamento complementar em Psicologia” (idem)⁹. Curiosamente, algumas páginas antes, a publicação cita textualmente os requisitos do Conselho Federal de Psicologia, informados pela Resolução 014/00, de 20 de dezembro de 2000, para o profissional da área ter o título de especialista em PE, requisitos que envolvem nitidamente o domínio de conhecimentos sobre esporte.

Ao negligenciar o fato precisamente na Conclusão do capítulo, o trecho citado é sintomático não apenas da tensão ora pontuada, mas de como a crítica dos *Coaches* a respeito da atuação dos Psicólogos segue institucionalizada, mesmo vinte anos após aquela Resolução¹⁰. Afinal, se é verdade que “professores de Educação Física já fizeram esse treinamento complementar em Psicologia”, o contrário não é menos¹¹. Ao mesmo tempo, profissionais que não tenham feito formação complementar, por seu turno, não são exclusividade de uma profissão ou de outra. Os paralelos entre conteúdos das entrevistas, história da área e tensões que se refletem institucionalmente em publicações como as citadas permitem um alargamento das reflexões e consequências dessa análise fenomenológica.

Face a uma temática – *processo de reflexividade* – que pode aparentar ser tão volúvel e abstrata, passível de ser afetada por tantas forças, como o histórico de cada pessoa, as instituições em que se formaram, o momento histórico, a continuidade na academia, por exemplo, é importante situar, como veio sendo feito, o recorte pelo qual a investigação se acerca do objeto. O fato de que os processos reflexivos possam variar a depender de suas influências, contudo, não reduz o valor ou precisão desses achados, mas, bem ao contrário, mostra a consistência entre *fenômenos reflexivos* e fatos históricos recordando, por essa congruência, que os processos reflexivos são situados socio-historicamente. E como tais, os resultados alcançados aqui expressam processos reflexivos típicos. Isso significa que os resultados permitem considerar a relevância e a diferenciação de processos reflexivos que devem, pela institucionalização da Psicologia e também pela do *Coach*, ser correlacionados a

⁹ “Many physical education teachers have already pursued this complementary training in psychology” (idem).

¹⁰ Naquele mesmo ano, De Rose (2000) afirmava que “há psicólogos desprovidos do conhecimento específico do esporte que se aventuram a utilizar técnicas de intervenção não compatíveis para se ‘tratar’ um paciente tão diferenciado quanto um atleta que está acostumado à vida à beira de um campo, pista, quadra ou piscina” (p.30).

¹¹ Se, diferentemente, a mensagem implícita dos autores é de que Psicólogos *dominem* conhecimentos específicos do esporte como o fazem os profissionais de Educação Física e Esporte, estamos diante de uma confusão entre papéis e funções profissionais que tangem à esfera da legalidade e que também foi amplamente discutida décadas atrás (veja-se o mesmo De Rose, 2000). Da mesma maneira, se, por formação complementar, os autores se referem à Graduação em Psicologia por parte de profissionais de Educação Física, caso da própria autora dessa tese, deve-se alertar para os riscos de mistura de papéis entre técnico e psicólogo: o técnico depreciaria sua autoridade prescritiva quando tentasse continuamente exercer a função de psicólogo, posição na qual a relação de abertura compreensiva é essencial; o psicólogo depreciaria o acesso à subjetividade do atleta quando dele cobrasse com frequência que seguisse rigorosamente suas instruções técnicas. A especificidade relacional de cada um destes papéis deve ser resguardada, o que não significa que técnicos não possam ser compreensivos nem que psicólogos não possam dar instruções objetivas aos atletas – ao contrário estas são qualidades bem vindas a ambos os papéis. O que muda é a extensão e o alcance dessas qualidades como atividades determinantes de todo o horizonte relacional entre técnico e atleta e psicólogo e atleta/equipe.

seus processos formativos institucionais. Isso porque os processos reflexivos descritos são coerentes tanto com o procedimento metódico do *Coaching* – e com as insuficiências deste comparativamente à ciência psicológica, insuficiência também acusada por um *Coach* entrevistado – como com a complexidade inerente à pessoa humana, bem refletida na complexidade da própria Psicologia.

O comprometimento com essa complexidade parece se estender ainda com as dificuldades que os psicólogos encontram para apresentarem seu trabalho com a simplicidade que a sociedade pode requerer, conforme considerou um dos psicólogo(a)s entrevistados ao notar a assertividade com que a proposta do *Coach* atinge a um público que poderia se beneficiar mais do trabalho de um Psicólogo do Esporte. Assim, se por um lado os trabalhos de Psicólogos do Esporte e *Coaches* são muito diferentes e não se sobrepõem, por outro lado as necessidades destes trabalhos podem parecer se sobrepor.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi identificar e compreender as experiências reflexivas de Psicólogos do Esporte e *Coaches* em sua atuação profissional. Ou seja, expor um ponto de vista amplo da prática reflexiva desses profissionais, conceitos-chave, para estimular nossa discussão. Entrar nesse movimento reflexivo pode não ser uma tarefa fácil, requerendo disposição para expor aspectos caros da própria identidade pessoal e profissional. A aceitação da prática reflexiva demanda uma apreciação da natureza do conhecimento profissional e a valorização da oportunidade de examinar e aprender com as experiências. O conhecimento decorrente desse processo pode fazer com que Psicólogos do Esporte e *Coaches* transformem sua prática ou sua maneira de atuar. Ademais, o resultado das reflexões tem o potencial de ofertar dispositivos que poderão ampliar o conhecimento em ação necessário para a intervenção no ambiente esportivo.

O que pode parecer um fator limitante desse estudo foi o número reduzido de participantes que atendiam aos critérios estabelecidos. No entanto, essa questão não se coloca como obstáculo à análise, pois essa solicita um aprofundamento e um *cruzamento intencional* de relatos, cuja ampliação quantitativa poderia ser contraproducente. Todavia, deve-se pontuar que, embora se almejasse, a saturação não foi o critério de interrupção das entrevistas. Sua continuidade apenas não se consumou pela dificuldade - não encontrada entre Psicólogos - de profissionais do *Coache* aceitarem participar do processo. A manutenção do

balanceamento dos grupos definiu a interrupção das entrevistas. Os nove relatos proporcionaram conteúdos suficientes para uma análise de relatos de experiências das práticas reflexivas que se mostrou internamente consistente, dando legitimidade aos resultados.

A importância dos relatos e da amostra pode ser estimada pelas formações e pelos títulos dos entrevistados. Os Psicólogos eram todos especialistas em PE. Apenas dois tinham formação acadêmica *stricto sensu*, com Mestrado e Doutorado. Os profissionais de Educação Física, por sua vez, eram titulados, um com Mestrado, dois com Doutorado e um com especialização *lato sensu*. Um deles, no momento em que concedeu a entrevista, era também estudante de Psicologia. Posto que processo reflexivo não é algo inato ou algo que se reduza a uma inclinação pessoal, mas é fruto de formação, de treinamento, de exigências institucionais para a educação formal, em que, na ausência de certas condições a educação não se consuma, pode-se afirmar que a amostra de profissionais entrevistados é altamente qualificada, representativa e expressiva dos mais altos níveis de formação acadêmica entre *Coaches* e de uma nivelção, no mínimo, média para alta entre Psicólogos. Esse dado é significativo para a expressividade dos resultados apresentados.

Ancorando-se na fenomenologia como método, é preciso dizer que a reflexão, em conformidade com sua própria essência, nunca dá por findada a compreensão de um fenômeno, estando aberta para desvelar continuamente como este se dá à consciência, ou seja, como é para o próprio sujeito um determinado sentido. O retorno às coisas mesmas, inserido no método fenomenológico, possibilita desvelar o fenômeno, suas iniciativas e perspectivas da ação, possibilitando sua utilização no sentido de respeitar e assegurar a autonomia do ser humano implicado neste processo (Murata & Barreira, 2012). Isso não diminui a conclusividade das reflexões empíricas de nossos entrevistados. Seus relatos foram abertos, indicativos de suas convicções no momento em que foram produzidos, coerentes, livres e articulados num todo acerca do que foi narrado. A prova de que a própria reflexão é aberta e infinita é que a leitura desses resultados por parte dos entrevistados da pesquisa, certamente, motivaria novas reflexões e mesmo revisões do que foi anteriormente refletido. Por sua vez, as presentes análises também obedecem a um recorte no tempo e no espaço, situadas como foram e podendo não corresponder mais aos processos de reflexividade de Psicólogos e *Coaches* dentro de um prazo difícil de estimar.

Nos momentos em que há uma reflexão acerca de sua própria ação, Psicólogos do Esporte traziam a sua formação como um eixo norteador para embasar seus relatos, e iam costurando suas ideias de maneira que a reflexão se ancorava no processo de se fazer a

própria Psicologia do Esporte. Esses profissionais tinham um cuidado com os elementos éticos da profissão e retratavam a figura do atleta com aspectos sensíveis e subjetivos, articulados com a situação institucional em que se encontravam.

Os *Coaches* em seus relatos apresentavam o fazer profissional de forma diretiva, demonstrando seus resultados e respaldavam-se na narrativa dos processos que seguem para atingir seus objetivos. A reflexão trazia apontamentos pautados nos processos seguidos pelo método empregado, denotando a organização estrutural de suas intervenções e um recorte dos acontecimentos estritamente conjugado à narrativa inerente ao método.

Essa discussão tem incidências e desdobramentos que afetam as identidades profissionais da Educação Física e da Psicologia, bem como o respeito às áreas de atuação desses profissionais. Os resultados permitem algumas constatações claras e bastante compatíveis as formações desses profissionais. Por outro lado, sugerem a persistência de questões mal resolvidas quanto à especificidade da atuação profissional do lado de alguns profissionais de Educação Física.

O antagonismo que compareceu em relatos de *Coaches* quanto a Psicólogos do Esporte é ecoado em literatura recente, como pontuado no último item (7) e não precisa ser retomado. Para além dos resultados e de sua discussão específica, todavia, conclusivamente, tecemos aqui algumas considerações acerca das atuações profissionais, em especial a partir da Psicologia. A formação em Psicologia envolve disciplinas de ciências biológicas, mas tende a ser hegemonicamente baseada em disciplinas das ciências humanas e sociais. A formação em Educação Física tende a ser, hegemonicamente, o contrário, especialmente quando lida com alto rendimento, caso de todos os *Coaches* entrevistados. É fácil constatar como o conhecimento de Psicologia do Esporte de ambos os grupos se submete aos horizontes de suas formações. Os recursos conceituais da área operados pelos *Coaches* não os abrem à subjetividade dos atletas, mas lhes serve para colher as informações que alimentarão um processo motivacional pré-estabelecido e objetivo. Seus trabalhos não são de Psicólogos, embora, muitas vezes, tenham e se apresentem com a aparência de algo que substitui esse profissional – ou, como alguns dos relatos, afirmem-se fazer melhor do que os mesmos, até rejeitando o trabalho em equipe com um Psicólogo. Sem dúvida o prejuízo é para a área esportiva e para os atletas, uma vez que deixam de contar com recursos profissionais cuja habilitação não é fornecida pela graduação em Educação Física, por uma especialização, por um Mestrado, nem por um Doutorado. Esta é uma constatação objetiva dos resultados produzidos com base numa amostra de *Coaches* portadora de vários desses títulos e que

coloca em prática um processo reflexivo incompatível com o dos Psicólogos e com, acrescentemos, o que a Psicologia presume. Vale citar trecho da *Nota orientativa sobre Coaching do Conselho Federal de Psicologia* que alerta que, a(o) psicóloga(o) que utilize o mesmo em sua atuação, “assumirá a responsabilidade profissional desde que capacitada(o) pessoal, teórica e tecnicamente, não realizando previsão taxativa de resultados”¹². A previsão taxativa de resultados é uma preocupação da Nota porque é usual nas práticas de *Coaching* e não foi estranha a alguns dos relatos¹³ concedidos nesta pesquisa por parte dos *Coaches*. Previsões assim não foram relatadas por parte dos Psicólogos entrevistados.

Portanto, constata-se como, para os *Coaches*, os recursos de seu método e da PE vêm em socorro da aplicação de seus conhecimentos de periodização e treinamento esportivo para lidar com a motivação do atleta. A objetividade é anterior à subjetividade, o método motivacional é prescrito e não abre esses profissionais para tudo aquilo que envolve o conteúdo volitivo explícito para a tarefa esportiva. Nesse sentido, eles fazem a tarefa de uma espécie de assessor técnico acionado para coordenar metas, treinamento e motivação do atleta/equipe. Seu trabalho profissional seria, assim, qualificado com base nesses recursos, o que, sob alguns cuidados, pode ser louvável. Entretanto, quando rejeitam o trabalho do Psicólogo, presumem implicitamente que estejam atuando no lugar desse profissional. Além de não terem competência para olharem as pessoas como fazem os Psicólogos, cuja formação problematiza o sujeito em sua complexidade, visando atendê-lo eticamente, como se anotou no item anterior (7), há incompatibilidade relacional entre os papéis profissionais de técnico e psicólogo, com prejuízo para ambas as funções sempre que alguém se dispuser a executá-las sozinho¹⁴. Esse posicionamento se enche de gravidade quando é reforçado institucionalmente, impedindo que mais de duas décadas de páginas da Psicologia do Esporte brasileira sejam viradas em favor da atuação multiprofissional no Esporte.

Espera-se que esse trabalho, evidenciando não os resultados concretos das práticas profissionais, não os antagonismos da história, não as instituições que a construíram, mas o próprio modo de refletir de duas categorias profissionais, favoreça um trabalho multiprofissional mais colaborativo e frutífero, em favor do Esporte e de seus protagonistas.

¹² https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/03/14_03_2019_Nota-Orientativa-sobre-COACHING.pdf

¹³ Isso pode ser observado no seguinte relato de um *Coach*: “Quando a pessoa ela não tem muita experiência e às vezes ela dá opinião cerca de alguma coisa, é aonde ela tem o prejuízo, porque aquela pessoa vai atribuir o fracasso dela ao coach dela e certamente ela vai se minar aquilo e..., e, e..., e..., ele, ele, ele vive de depoimentos, ele vive de..., o chamado boca-a-boca, ele vive de pessoas que tiveram resultados e que indicam outras pessoas” (Entrevistado(a) 8)

¹⁴ Trata-se aqui exclusivamente do alto rendimento, único setor esportivo em que os *Coaches* mencionaram atuar.

REFERÊNCIAS

Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. A. Angonese (Trad.). Bauru: Edusc. (Original publicado em 1997).

_____. (1999). *L'incarnazione come rivelazione nella prospettiva della fenomenologia della religione*. In: M. M. Olivetti (Textes réunis par) *Incarnation*, pp. 107-113. Padova: Biblioteca dell'«Archivio di Filosofia»; CEDAM.

_____. (2003). *Edith Stein: la passione per la verità*. Pádova: Messaggero Padova.

_____. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: Psicologia, história e religião*. (M. Mahfoud e M. Massimi, Orgs. e Trads.). Bauru: Edusc.

_____. (2006). *Introdução à Fenomenologia*. Tradução: Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru-SP: Edusc, 108 p. (Coleção Filosofia e Política).

_____. (2015). *Pessoa e comunidade: comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein*. (M. Mahfoud. e J. Turolo Garcia, Trad.). Belo Horizonte: Artesã.

Amatuzzi. (2007). Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In: *Psicologia e fenomenologia: Reflexões e perspectivas*, pp. 17-25. Campinas, SP: Alínea.

American Psychological Association (1999). *How can a psychologist become a sport psychologist?* <<http://www.psyc.unt.edu/apadiv47>>

Anderson, A. G. (1999). *The development of a model to evaluate the effectiveness of applied sport psychology practice*. Unpublished doctoral dissertation, University of Coventry, UK.

Anderson, A. G., Knowles, Z., & Gilbourne, D. (2004). Reflective practice for sport on psychologists: concepts, models, practical implications and thought on disseminations the sports. In: *The Sport Psychologist*, 2004, 18, 118, pp. 188-203.

Anderson, A. G., Miles, A., Mahoney, C., & Robinson, P. (2002). Evaluating the effectiveness of applied sport psychology practice: Making the case for a case study approach. *The Sport Psychologist*, 16, pp. 433-454.

Araújo, A., & Consultores, M. (2006). Coaching: um compromisso com resultados e realização. In: *Guia RH*. Recuperado em 20 de maio de 2008, de <<http://www.guiarh.com.br/PAGINA22D.htm>>

Barreira, C. R. A. (2006). A alteridade subtraída: o outro no esvaziamento do karate e na redução fenomenológica. *Mnemosine*, 2(2), pp. 106-118.

_____. (2007). A fenomenologia como ciência das dimensões existenciais da atividade física: uma abordagem em Psicologia do esporte. *Anais de resumos e de*

trabalhos completos do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_299.pdf> Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

_____. (2010). Uma análise fenomenológica da luta corporal e da arte marcial. In: Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos, IV, Rio Claro, 2010. Anais.. UNESP, 2010. Disponível em: Acesso em: 24/05/2013

_____. (2011). Da história da fenomenologia à ética na Psicologia. Memorandum: Memória E História Em Psicologia, 20, 135-144. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6628>> Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

_____. (2013). Fenomenologia do combate: da ética da luta à luta pela vida ética. In: M. Mahfoud, M. Massimi (Org.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, pp. 449-466.

_____. (2013b). *O sentido do karate-do: faces históricas, psicológicas e fenomenológicas*. Rio de Janeiro: E-papers.

_____. (2016). Contribuições da Psicologia do Esporte, um projeto ético político para a formação da subjetividade no sistema esportivo brasileiro. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (Org.). *Psicologia do Esporte: Contribuições para a atuação profissional*. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. 1ed. São Paulo: CRP-SP, p. 56-60.

_____. (2017). *Análise fenomenológica aplicada à Psicologia: recursos operacionais para a pesquisa empírica*. In: Miguel Mahfoud, Juvenal Savian Filho (Orgs.). São Paulo: Paulus, pp. 317-368.

_____. (2017b). A norma sensível à prova da violência: o corpo a corpo em disputa sob a ótica fenomenológica em Psicologia do Esporte. *Phenomenological Studies: Revista da abordagem gestáltica*, XXII, 278-292.

_____. (2017c). The essences of martial arts and corporal fighting: a classical phenomenological analysis. *Archives of Budo*, 13, pp. 351-376.

_____. (2018). Escuta suspensiva. *Anais do V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos: Pesquisa Qualitativa na Educação e na Ciência em Debate*. Foz do Iguaçu: UNIOESTE, p. 1-12

_____. (2019). Da violência no combate: o que dizem os lutadores de MMA. *Psicologia & Sociedade*, 31, p. 1-15. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31218158>

Barreira, C. R. A., & Conde, E. (2017). A Psicologia do Esporte na ANPEPP: um inédito grupo de trabalho inaugura sua participação. In: *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 6(2).

Barreira, C. R. A., & Massimi, M. (2005). Arqueologia fenomenológica das culturas. In: *Revista Estação Científica*, 00. Disponível em: <https://portal.estacio.br/media/4397/1-arqueologi-fenomenologica-culturas.pdf>. Acesso em 29 de janeiro 2020.

_____. (2006). O caminho espiritual do corpo: a dinâmica psíquica no karate-do shotokan. *Memorandum*, 11. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/barreiramassimi03.pdf>. Acesso em 29 de janeiro de 2020.

_____. (2008). O combate subtrativo: a espiritualidade do esvaziamento como norte da filosofia corporal no karate-do. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 283-292. <<https://DX.DOI.ORG/10.1590/S0102-79722008000200014>>

Barreira, C. R. A., & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em Psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In: M. Mahfoud, M. Massimi (Org.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, pp. 449-466.

Barreira, C.R.A., Ranieri, L.P. & Carbinatto, M.V. (2009). O mundo circundante na atividade física: uma investigação fenomenológica. *IV Congresso Internacional de Psicologia e X Semana de Psicologia da UEM*, pp.1-17.

Becker Júnior, B. (2008). *Manual de Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Nova Prova.

Betti, M. (1996) Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, 3 (2), 73-127.

Bicudo, M. A. V. (2011). *Pesquisa Qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez.

Bondia, Jorge L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, jan./abr., nº 19, pp. 20-28.

Bracht, V. (1993). Educação Física/Ciências do Esporte: que Ciência é essa?" *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 14 (3), 111-118.

Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado.

_____. [Art. 170 – Constituição da República Federativa do Brasil](#) de 1998. Parágrafo único. É assegurado a todos o livre exercício de qualquer atividade econômica, independentemente de autorização de órgãos públicos, salvo nos casos previstos em lei.

_____. Conselho Federal de Psicologia. (2001a, 10 mar.). *Resolução CFP nº 02/01*. Altera e regulamenta a Resolução CFP nº 014/00 que institui o título profissional de especialista em Psicologia e o respectivo registro nos Conselhos Regionais. <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2001_2.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2015.

_____. *Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962*. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de Psicólogo.

_____. *Lei nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971*. Cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia.

_____. Decreto nº 79.822, de 17 de junho de 1977. Regulamenta a Lei nº 5.766, de dezembro de 1971, que criou o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia e dá outras providências. Decreto nº 79.822, de 17 de junho de 1977.

_____. Ministério do Trabalho. Classificação Brasileira de Ocupações. <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTitulo.jsf>

Bruustad, R. J. e Ritter-Taylor, M. (1997). Applying social psychological perspectives to the sport psychology consulting process. *The Sport Psychologist*, 11, 107-119.

Carvalho, C. A. (2012). *Para além do tempo regulamentar: uma narrativa sobre a história da Psicologia do Esporte no Brasil*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

_____. (2016). "Psicologia do Esporte: construindo sua história a partir da Educação Física." *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte* 6.1.

Castelo Branco, P. C., & Mahfoud, M. (2013). Revisitando as relações entre tomismo e fenomenologia conforme o pensamento de Stein. In M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*, pp. 51-78. Belo Horizonte: Artesã.

Chiavenato, I. (2002a). *Construção de Talentos – Coaching e Mentoring: as novas ferramentas da gestão de pessoas*. Rio de Janeiro: Elsevier.

_____. (2002b). *Gerenciando pessoas*. 4. ed. São Paulo: Prentice Hall.

Código de Ética da *International Coach Federation*. Disponível em: <<https://www.icfbrasil.org/downloads/codigo-de-etica.pdf>> Acesso em 04/05/2019.

Código de Ética e de Conduta da Sociedade Brasileira de *Coaching*. Disponível em: <<https://www.sbcoaching.com.br/blog/codigo-de-etica-e-conduta-do-coach/>>. Acesso em 04/05/2019.

Coelho Júnior, A., & Barreira, C. (2018). Formação da personalidade autêntica e corporeidade à luz de Edith Stein. *Psicologia USP*, 29(3), 345-353. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-656420180136>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

_____. (2014). Corporeidade, posicionamento voluntário autêntico e experiência elementar. Anais da Jornada Apoiar: a clínica social – propostas, pesquisas e intervenções, São Paulo, 12, 759-766. São Paulo, SP: IP/USP.

Coelho, G. B. (2017). Sociologia do conhecimento e da ciência: da sua emergência a Pierre Bourdieu. *Revista Sinais*, 21(2).

Coelho Júnior, A. G., & Mahfoud, M. (2006). A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein. *Memorandum*, 11, 8-27. Disponível em: <<https://bit.ly/2OIlh84>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

Conselho Regional de Psicologia (São Paulo). *Pioneiros da Psicologia*: cronologia: vida de João Carvalhaes. Disponível em: <<http://www.crpsp.org.br/memoria/joao/cronologia.aspx>>. Acesso em: 11 de outubro de 2015.

Conselho Federal de Psicologia (São Paulo). *CFP e Apaf divulgam nota de esclarecimento sobre a Psicologia do Esporte e Coaching*. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/cfp-e-apaf-divulgam-nota-de-esclarecimento-sobre-a-Psicologia-do-esporte-Coaching-e-sistema-conselhos>>. Acesso em: 10 out. 2017.

Comitê Olímpico do Brasil (COB). *Fundação*: 8 de junho de 1914. Disponível em: <<https://www.cob.org.br>>. Acesso em 08/12/2017.

Coulon, A. (1995a). *Etnometodologia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis.

_____. (1995b). *Etnometodologia e Educação*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes.

Cratty, B. J. (1989). *Psychology in contemporary sport*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.

D'Avila, G., & Tavares, L. (2014). *Coaching esportivo*: um valioso processo usado para alcançar metas e melhorar resultados, amplamente testado e aprovado por profissionais do futebol. 1ª ed. São Paulo: Editora Leader.

Dale, G. A. (1996). Existential phenomenology: emphasizing the experience of the athlete in sport psychology research. In: *The Sport Psychologist*, 10, pp. 307-321.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.

De Rose Jr., D. (2000). O esporte e a Psicologia: enfoque profissional do esporte. In: Rubio, K. *Psicologia do esporte*: interfaces, pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 29-39.

Dewey, J. (2010). *Experiência e Educação*. Petrópolis/RJ: Vozes.

- Dishman, R. K. (1982) Contemporary sport psychology. Em R. L. Terjung (Ed.). *Exercise and Sport Sciences Reviews*. Philadelphia: Franklin Institute Press.
- Feltz, D. L. (1992). The nature of Sport Psychology. Em T. S. Horn (Ed.). *Advances in sport psychology*. Champaign: Human Kinetics.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Garfinkel, H. (1984). *Studies in Ethnomethodology*. Cambridge England: Polity Press.
- Ghaye, T. (2001). Reflective practice. *Faster Higher Stronger*, 10, pp. 9-12.
- Gilbourne, D. (1999). Adopting action research themes and processes to promote adherence to changing practice. In S.J. Bull (Ed.), *Adherence issues in sport and exercise* (pp. 239-262). Chichester, UK: Wiley and Sons Ltd.
- Gilbourne, D. (2002). Sports participation, sports injury and altered images of self: An autobiographical narrative of a lifelong legacy. In: *Reflective Practice*, 3, pp. 71-88.
- Gil, A. C. (2001). *Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais*. São Paulo: Atlas. ISBN 978-85-224-2952-3.
- Gill, D. L. (1979). The prediction of group motor performance from individual member abilities. *Journal of Motor Behavior*, 11, 113-122.
- _____. (1986). *Psychological dynamics of sport*. Champaign: Human Kinetics.
- Giorgi, A. (2008). Concerning a Serious Misunderstanding of the Essence of the Phenomenological Method in Psychology. In: *Journal of Phenomenological Psychology*, 39, pp. 33-58.
- Giorgi, A., & Souza, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Ghigi, N. (2003). *A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello*, 4, pp. 48-60.
- Gould, D., Voelker, D. K., & Griffes, K. (2013). Best Coaching Practices for Developing Team Captains. In: *The Sport Psychologist*, 27, pp. 13-26.
- Haag, H. (1979). Development and structure of a theoretical framework for sport Science (Sportwissenschaft). *Quest*, 31, 25-35.
- Haag, H. (1994). *Theoretical foundation of sport science as a scientific discipline*. Schorndorf: Hofmann.
- Holanda, A. (2007). Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: *Psicologia e fenomenologia: Reflexões e perspectivas*, pp. 41-63. Campinas, SP: Alínea.

Holt, N.L., & Streat, W.B. (2001). Reflecting on initiating sport psychology consultation: A self-narrative of neophyte practice. In: *The Sport Psychologist*, 15, pp. 188-204.

Horst, A. C., Fernandes, K. F., Perez, L. C., Jugend, M., & Soboll, L. A. P. (2007). Coaching e Psicologia: uma possibilidade de atuação. In: *Anais do III Congresso Internacional de Psicologia e IX Semana de Psicologia*, 3, pp. 1-16. Maringá, PR.

Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Ed. Ideias e Letras.

_____. (2012). *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: uma Introdução à Filosofia Fenomenológica*. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Johns, C. (1995). The value of reflective practice for nursing. In: *Journal of Clinical Nursing*, 4, pp. 23-30.

Josso, M. C. (2004). *Experiências de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez.

Kidder, L. H. (1987). Questionários e entrevistas. In: _____. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU, 1987. Pp. 15-48.

Knowles, Z., Gilbourne, D., Borrie, A., & Nevill, A. (2001). Developing the reflective sports coach: A study exploring the processes of reflection within a higher education coaching programme. In: *Reflective Practice*, 2, pp. 185-207.

L'Aguille, Y. (1994). Pushing back the boundaries of personal experience. In: A. Palmer, S. Burns, & C. Bulman (Eds.), *Reflective practice in nursing*, pp. 85-99. Oxford, UK: Blackwell Science.

Lesik, J. J. (1998). *Developing sport psychology within your clinical practice*. San Francisco: Jossey-Bass.

Livramento, A. M.; Silva; A. R. O.; Canal, F. D.; Machado, G. P.; Tristão, V. C., & Dornelas, K. C. A. (2010). Aspectos do *Coaching* na Seleção Brasileira de GRD e a Inserção da Psicologia no Esporte. In: *Psicologia para América Latina*, (19). Recuperado em 16 de outubro de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-

Lovisol, H. (1996). Hegemonia e legitimidade nas Ciências do Esporte. *Motus Corporis*. 3 (2), 51-72.

Macedo, R. S., & Guerra, D. M. D. J. (2014). Reflexões sobre a exteriorização das experiências formativas via diários online em contextos multirreferenciais de pesquisa/formação. In: *Diários Online: dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura*. Portugal: Santo Tirso.

Mahfoud, M., & Massimi, M. (Org.). (2013). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã.

Marques, J. R. (2013). *Leader Coach – Coaching como Filosofia de Liderança* – São Paulo: Editora Ser Mais.

Marques, J. R. (2014) *Coaching: desenvolvimento pessoal e acelerando resultados*. 1ª ed. Goiânia: Editora IBC.

Martins J., & Bicudo M. A. (1989). *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes.

Martins, J. (1993). *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poésis*. São Paulo: Cortez.

Matos, T. S. Q. (2015). *Formação de professores: diálogos entre a Educação Física e a Psicologia*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG.

Melo, W. R. V. (2007). O Coaching e as organizações modernas. In: *Acervo Saber*. Recuperado em 20 de maio de 2008, de http://www.acervosaber.com.br/trabalhos/administracao/o_Coaching_e_as_organizacoes_modernas.htm

Melo, F., & Barreira, C. (2015). as fronteiras psicológicas entre violência, luta e brincadeira: as transições fenomenológicas na prática da capoeira. *Movimento*, 21(1), 125-138. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.46298>

Morgan, W. P. (1989) Sport psychology in its own context: a recommendation for the future. Em J. S. Skinner, C. B. Corbin, D. M. Landers, P. E. Martin e C. L. Wells (Eds.). *Future directions in exercise and sport sciences research*. Champaign: Human Kinetics.

Morse (2000, 2003). Determining Sample *Qualitative Health Research*, v. 10, n. 1, January 2000, pp. 3-5. Disponível em <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/104973200129118183>>. Acesso em 25 de setembro de 2017.

Murata, K.T., & Barreira, C. R. A. (2012). Reflexividade em Saúde: Investigação Fenomenológica do Processo Reflexivo Prevalente entre os Formandos em Educação Física. In: *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 17, n. 2, pp. 365-390, jul.

Noce, F.; Vieira, L. F. ; Costa, V. T. (2016) . Brazil. In: Schinke, R. J.; McGannon, K. R. & Brett Smith. (Org.). *Routledge International Handbook of Sport Psychology*. 1ed. London: Routledge, p. 56-64.

Oliveira, B. F., Aroni, A. L., Morão, K. G., Verzani, R. H., Bagni, G., & Machado, A. A. (2018). Atletas de basquetebol universitário: uma proposta de intervenção psicológica no lance livre. In: *Arquivos de Ciências do Esporte*, 6(1):32-36.

Otoni, G.P., Ranieri, L.P. & Barreira, C.R.A. (2008). O posicionamento existencial frente à dor: uma aproximação fenomenológica às experiências de atletas lesionados em tratamento. *Revista Brasileira de Psicologia e Esportes*, 2(2), pp.1-32. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.31501/rbpe.v2i2.9282>

Peterson, D. A. (2017). *Coaching: dos processos de gestão de pessoas a formação de equipes de alta performance*. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/4384>>. Acesso: setembro de 2017.

Pezzela, A. M. (2003). Gli Altri e l'altro – L'empatia. In: _____. *L'antropologia filosofica di Edith Stein* – indagine fenomenologica della persona umana. Roma: Città Nuova. pp. 110-115.

Rabelo, I. S., Peixoto, E. M., Nakano, T. C. & Rubio, K. (2017). Avaliação de Valores Olímpicos e Humanitários na Educação: Proposta de um instrumento de Medida. In: *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 6(2).

Ranieri, L. P. (2011). *Dimensões existenciais do esporte: fenomenologia das experiências esportivas de atletas com deficiência visual*. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. 125 p.

Ranieri, L. P., & Barreira, C. R. A. (2010). A entrevista fenomenológica. In: *Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos*. Rio Claro. Anais. pp. 1-8 Disponível em: <<http://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/46.pdf>>. Acesso em dezembro de 2017.

Ribeiro, D. M. D. B. (2005). A prática pedagógica reflexiva e os fenômenos educativos e sociais no cotidiano escolar. In: *R. da Educação Física/UEM Maringá*, v. 16, n. 2, pp. 187-196.

Rubio, K. (Org.). (2000). *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2003). Análise social do fenômeno esportivo e o papel do psicólogo. Em K. Rubio (Org.). *Psicologia do Esporte aplicada*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2004). Entre a Psicologia e o esporte: as matrizes teóricas da Psicologia e sua aplicação ao esporte. *Temas em Psicologia* 12.2: 93-104

_____. (2007). Da Psicologia do esporte que temos à Psicologia do esporte que queremos. In: *Revista Brasileira de Psicologia e Esportes*. v.1, n. 1, São Paulo, dez.

_____. (2010). *Psicologia do esporte: teoria e prática*. Rubio K. (Org.). 2. ed, São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2015). *Atletas Olímpicos Brasileiros*. Editora do Sesi – SP, São Paulo.

Sadalla, A. M. F. A., & Sá-Chaves, I. S. C. (2008). Constituição da reflexividade docente: indícios de desenvolvimento profissional coletivo. In: *ETD – Educação Temática Digital*, v. 9, n. 2, pp. 189-203, jun. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/1601>>

Salomão, R.L., Ottoni, G.P. & Barreira, C.R.A. (2014). Atletas de base de futebol: a experiência de viver em alojamento. *Psico-USF*, 19(3), 443-455. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-82712014019003007>

Samulski, D. (2002). *Psicologia do Esporte*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG.

Schilling, G. (1992). State-of-the-art review of sport psychology. *Sport Science Review*, 1 (2), 1-12.

Schön, D. (1983). *The reflective practitioner: How professional sthink in action*. New York: Basic Books.

_____. (1987). *Educating the reflective practitioner*. San Francisco: Jossey Bass.

_____. (1992). *La formación de profesionales reflexivos: hacia un nuevo diseño de la enseñanza y el aprendizaje en las profesiones*. Barcelona: Paidós.

_____. (2000). *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Sparkes, A. C. (1996). The fatal flaw: A narrative of the fragile body-self. In: *Qualitative Inquiry*, 2, pp. 463-494.

Stein, E. (1999). *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica* (A. M. Pezzella, trad.). Roma, Italia: Città Nuova. (Trabalho original publicado em 1922).

Tani, G. (1998). 20 anos de Ciências do Esporte: um transatlântico sem rumo? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Número Especial – 20 anos de CBCE – Setembro.

Telles, T.C.B, Vaittinen, A., & Barreira, C.R.A. (2018). Karate, capoeira and MMA: a phenomenological approach to the process of starting a fight. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, 13(2), 114-130. Disponível em: doi:<http://dx.doi.org/10.18002/rama.v13i2.5119>. Acesso em 29 de janeiro de 2020.

Valério, P. H.M., & Barreira, C. A. R. (2015). Arqueologia fenomenológica, fenomenologia genética e Psicologia: rumo à gênese das manifestações culturais. In: *Psicologia USP*, 26(3).

_____. (2016). O sentido vivido da capoeira: cumplicidade, risco, autenticidade e criatividade. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 6(1), pp. 88-108. DOI: <http://dx.doi.org/10.31501/rbpe.v6i1.6723>

_____. (2017). A roda de capoeira. *Memorandum*, 30, 177-198. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6496>

Valle, M. P. D. (2007). Coaching e resiliência: intervenções possíveis para pressões e medos de ginastas e esgrimistas. In: *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 1(1), pp. 1-17.

Vasconcelos-Raposo J. (2000). Explorando as limitações do conceito de ansiedade no desporto. *Rev Desporto da UTAD*; 1:47-66.

Weinberg, R.S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. 6 ed., Porto Alegre: Artmed.1995.

Willians, J. M. e Straub, W. F. (1991). Nueva Psicología del Deporte: pasado, presente, futuro. Em J. M. Willians (Org.). *Psicología aplicada al deporte*. Madrid: Biblioteca.

ANEXOS

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada *Prática Reflexiva em Psicologia do Esporte: um estudo fenomenológico*, de minha autoria, orientado pelo Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira, como parte do desenvolvimento de minha Tese de Doutorado, cursado no Programa de Pós-graduação em Psicologia – USP/Ribeirão Preto.

A presente pesquisa tem como finalidade identificar e compreender fenomenologicamente, por meio de relato de Psicólogos de Esporte e dos profissionais do *Coaching* que atuam no esporte, se esses pensam de maneira reflexiva sobre sua prática interventiva. O resultado desse estudo pode contribuir para os avanços na área da Psicologia do Esporte em termos de produção de conhecimento para esse campo.

A entrevista será realizada por meio de um diálogo, com perguntas formuladas previamente pelo pesquisador e, com o decorrer da conversação, novas questões podem surgir. A entrevista será gravada em áudio e, posteriormente, será transcrita na íntegra para o desenvolvimento da pesquisa. Trechos da entrevista poderão ser usados em publicações, sem haver identificação do entrevistado(a). A entrevista não tem duração fixa, mas usualmente se estende por aproximadamente 25 minutos e será áudio-gravada para posterior transcrição e análise. A entrevista pode ser realizada em seu local de trabalho ou sua residência, de acordo com a sua disponibilidade e preferência. Portanto, sua participação na pesquisa não implicará em qualquer custo a você. Caso tenha alguma despesa com transporte e alimentação para conceder a entrevista, o valor poderá ser ressarcido.

O pesquisador/entrevistador, no ato da entrevista, encoraja o(a) entrevistado(a) a refletir sobre sua experiência e detalhá-la o máximo possível. Mesmo que os participantes, no seu relato, tragam o discurso com propriedades identificatórias, seja de sua prática ou dos atletas atendidos por eles, o que nos interessa é a essência da vivência na experiência reflexiva dos Psicólogos do Esporte ou dos *Coaches*.

Você está participando dessa entrevista de forma voluntária. Os riscos da pesquisa são mínimos, mas caso se sinta desconfortável, constrangido e não queira falar sobre algum acontecimento, você não é obrigado a continuar o relato. O estudo não pretende condenar ou julgar o que for relatado. Além disso, você tem total direito de interromper a entrevista quando quiser, o que não gerará nenhuma penalidade. Caso as questões tratadas na entrevista suscitem alguma mobilização em você, o pesquisador responsável estará disponível para

agendar novo encontro a fim de lidar com essas questões, visando proporcionar os devidos acolhimentos e acompanhamento psicológico. O pesquisador garante sua indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa conforme as leis vigentes no país. Quando a pesquisa for concluída, caso solicite, você terá acesso a todos os resultados, discussões e conclusões. De imediato os participantes não terão benefícios nesta pesquisa. Todavia, é bastante comum que a oportunidade de refletir sobre acontecimentos vividos seja positivamente experienciada por quem concede este tipo de entrevista. É seu direito ter acesso à sua entrevista áudio-gravada ou transcrita quando achar necessário. O material da entrevista, tanto áudio-gravação, quanto transcrição ficará armazenado em um local seguro, ao qual apenas o pesquisador e pessoas autorizadas terão acesso.

Este termo tem duas vias, uma ficará com os pesquisadores e a outra pertence a você. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois sua identidade será preservada. Todas as informações obtidas por essa pesquisa são apenas para fins científicos (artigos científicos, apresentações acadêmicas, congressos, por exemplo). Qualquer informação contendo sua identidade não poderá ser acessada por pessoas leigas sem sua autorização oficial. Para eventuais dúvidas sobre questões éticas da pesquisa, segue os contatos do *Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 23 - Casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto – SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br.*

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Ribeirão Preto,/...../.....

Assinatura do participante

Documento de Identidade

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador orientador

Telefone de contato da pesquisadora: Telma Sara Q Matos, (34) 99171-1009

Email da pesquisadora: telmapsicoesporte@gmail.com

ANEXO II – PRÁTICA REFLEXIVA

Procedimento Estruturado e Adaptado de Reflexão (Revisada por Anderson, 1999)

Questão central: Relate sobre uma experiência de atendimento com atleta(s), como *Coach* ou Psicólogo do Esporte, em sua vivência profissional...

Roteiro

1.0 Descrição da Experiência de Consulta (pessoa)

- 1.1: Fenômeno: Descrever o “aqui e agora” da experiência. (*Onde, quando, como*)
- 1.2: Causal: Que fatores essenciais contribuíram para esta experiência? (*Porque*)
- 1.3: Contexto: Quais são os aspectos significativos nesta experiência? Como foram...
- 1.4: Esclarecendo: Quais são as questões-chave que eu preciso prestar atenção nesta experiência...

2.0 Reflexão

- 2.1: O que eu estava tentando alcançar?
- 2.2: Por que eu fiz a intervenção da maneira como fiz?
- 2.3: Que fatores internos influenciaram minhas ações? (*Pensamentos, sentimentos, anterior a minha experiência*)
- 2.4: Que fatores externos influenciaram minhas ações? (*Outras pessoas, o organizacional, outros fatores, tempo*)
- 2.5: Que fontes de conhecimento devem ter influenciado a minha decisão, meu fazer?

3.0 Consequências das Ações

- 3.1: Quais foram as consequências de minhas ações para? (*O que aprendi /a percepção; o componente-cognitivo: eu mesmo, o atleta, as pessoas com quem trabalho*)
- 3.2: Como me sinto sobre essa experiência *quando foi acontecendo*? (*Afetiva*)
- 3.3: Como é que o atleta se sente? (percepção)
- 3.4: Como é que eu sei o que o atleta se sentiu? (percepção)

4.0 Táticas Alternativas

- 4.1: Eu poderia ter lidado melhor com a situação?
- 4.2: Que outras opções eu tinha?
- 4.3: Quais seriam as consequências dessas escolhas?

5.0 Aprendizagem

- 5.1: Como me sinto agora refletindo sobre esta experiência?
- 5.2: Como é que essas experiências farão sentido à luz das experiências passadas e prática futura?
- 5.3: Pontos relevantes que gostaria de destacar (relatar).